



IHU

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 399 - Ano XII - 20/08/2012 - ISSN 1981-8769



Vilém Flusser: Um comunicólogo transdisciplinar

Erick Felinto:
Um teórico barroco?

Eva Batličková:
Imagens técnicas,
instrumento de
manipulação do homem

**Michael
Manfred Hanke:**
“Flusser foi um pioneiro,
mas chegou antes da
hora”

E MAIS

**Todd Salzman e
Michael Lawler:**
Por uma nova
moralidade sexual

Marcelo Sgarbossa:
“Sou mais feliz quando
estou de bici”

**Textos inéditos de
Flusser nesta edição:**
“No além das máquinas”
e “Modelos do corpo
humano”

Vilém Flusser: Um comunicólogo transdisciplinar

A vida e obra do filósofo e teórico da mídia, **Vilém Flusser** são descritos, comentados e analisados nesta edição da **IHU On-Line**. E dois textos dele, inéditos, são publicados.

Indisciplinado e polêmico Flusser não foi nada tradicional, academicamente falando. “Seu discurso não era um que a academia aceitasse com facilidade, porque ele dava saltos entre diversas formas de conhecimento; não era um pensamento sempre lógica e rigorosamente estruturado”, avalia o professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, **Erick Felinto de Oliveira**.

Segundo **Michael Manfred Hanke**, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Vilém Flusser era indisciplinado e seria um horror para o sistema Capes ou CNPq.

Eva Batličková, da República Tcheca, destaca que Flusser sempre se engajava em prol do homem, que, para ele, significava posicionar-se contra a máquina.

O editor-chefe da revista *Flusser Studies* e um dos pesquisadores da obra de Flusser, **Rainer Guldin**, frisa que o autor viu alguns aspectos problemáticos do estar em rede, do existir online.

Já para **Norval Baitello Junior**, professor titular da Pontifícia Univer-

sidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Flusser se revela cada vez mais um pensador pioneiro dos novos e surpreendentes desenvolvimentos culturais e comunicacionais do século XXI.

De acordo com **César Baio**, professor-adjunto do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará – UFC, Flusser tinha um estilo muito específico de escrita. Para ele, seus textos, ora entusiasmados, ora críticos com as tecnologias de comunicação, deixam até hoje estonteados seus leitores.

O professor-associado na UERJ, **Gustavo Bernardo Krause**, por sua vez, avalia que Flusser constituiu a si mesmo como um personagem enigmático que pode muito bem resumir o homem ocidental do século XX.

Por fim, para o professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, **Rodrigo Antonio de Paiva Duarte**, Flusser é um filósofo atualíssimo, pois parece ter previsto – mais de vinte anos antes que essas coisas se tornassem realidade – o nosso cotidiano totalmente telematizado.

Também compõem esta edição dois textos inéditos de Vilém Flusser, que foram cedidos pelo Arquivo Flusser, na Universidade de Arte, em Berlim, o qual possui os direitos autorais.

A **IHU On-Line** agradece ao professor **Siegfried Zielinski**¹ (teórico da mídia alemão) pelo envio dos textos.

A Editora Unisinos acaba de publicar o livro *A pessoa sexual* (original inglês: *The sexual person*) de Todd Salzman e Michael Lawler, ambos professores do departamento de Teologia da Universidade Creighton, nos Estados Unidos. Publicamos uma ampla e instigante entrevista com os autores da obra.

A vida e o trabalho do advogado **Jacques Távora Alfonsin** também são destaques nesta edição.

Por fim, o advogado e professor universitário **Marcelo Sgarbossa** concede uma entrevista em que antecipa aspectos da conferência “Mobilidade urbana: a bicicleta como meio de transporte sustentável” a ser proferida e debatida na próxima quinta-feira, dia 23 de agosto, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU.

A todas e a todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

¹ Leia uma entrevista concedida por ele à **IHU On-Line**, intitulada “Ser offline e existir online”, publicada na edição número 375, de 03-10-2011, disponível em <http://bit.ly/Pyex5H> (Nota da **IHU On-Line**)



**Instituto Humanitas
Unisinos**

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP.: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 - ramal 4128.

E-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto
Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU
ISSN 1981-8769.
IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no site www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.
Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br).
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br).
Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patrícia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamiriz Magalhães MTB 0669451 (thamirism@unisinos.br).
Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos - Agexcom.

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland, Natália Scholz, Wagner Altas e Mariana Staudt

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Biografia de Vilém Flusser**
- 7 **Michael Manfred Hanke:** “Flusser foi um pioneiro, mas chegou antes da hora”
- 12 **Eva Batličková:** Imagens técnicas, instrumento de manipulação do homem
- 15 **Erick Felinto de Oliveira:** Um teórico barroco?
- 19 **Texto inédito de Flusser:** No além das máquinas
- 23 **Rainer Guldin:** Flusser e a filosofia da pluralidade, do encontro e do diálogo
- 27 **Norval Baitello Junior:** Um filósofo, culturólogo e comunicólogo
- 29 **César Baio:** Guru ou pessimista em relação à sociedade informacional?
- 32 **Gustavo Bernardo Krause:** Personagem enigmático do século XX
- 34 **Rodrigo Antonio de Paiva Duarte:** Imagens técnicas, código fundante da pós-história
- 36 **Mais um texto inédito de Flusser:** Modelos do corpo humano

DESTAQUES DA SEMANA

- 42 **LIVRO DA SEMANA:** **Todd Salzman e Michael Lawler:** Por uma nova moralidade sexual
- 48 **COLUNA DO CEPOS:** César Bolaño: Valério Brittos e o campo da Economia Política da Comunicação brasileira: contribuição teórica e a pauta pendente
- 50 **DESTAQUES ON-LINE**

IHU EM REVISTA

- 52 **Agenda da Semana**
- 53 **Perfil:** Jacques Távora Alfonsin
- 60 **Marcelo Sgarbossa:** “Sou mais feliz quando estou de bici”
- 62 **IHU Repórter:** Petronila Libana Rauber Cechin



twitter.com/ihu



bit.ly/ihufacebook



www.ihu.unisinos.br

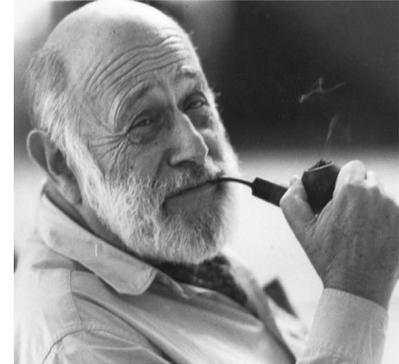
Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

Alguns traços da vida e obra de Vilém Flusser

Pesquisadores da obra de Vilém Flusser o apresentam aos leitores e às leitoras da IHU On-Line:



“Vilém Flusser foi um filósofo e teórico da mídia nascido em 1920, em Praga. Em 1940, imigrou para o Brasil com Edith Barth, que viria a ser sua esposa. Aqui, naturalizou-se e viveu por mais de trinta anos, até seu retorno à Europa, no início da década de 1970. No Brasil, seu pensamento floresceu e seus primeiros textos foram escritos e publicados. Seu retorno ao velho continente o inseriu nos círculos intelectuais ao lado dos grandes pensadores da época, o que o tornou reconhecido mundialmente. Tanto na Europa como no Brasil, a radicalidade de seu pensamento, seus métodos não acadêmicos e o seu poder de argumentação chamavam a atenção até mesmo de seus críticos. Entretanto, embora seu mais conhecido livro, *Filosofia da caixa preta*¹, tenha sido publicado em mais

de quinze países, boa parte do seu trabalho permanece desconhecido, inclusive do público brasileiro.

Perspectiva teórica e filosófica peculiar

Muitos dos seus textos ainda estão restritos a usuários da língua alemã. A amplitude das publicações naquele país permite que Flusser ocupe atualmente um lugar de destaque na teoria da mídia, na Alemanha. No Brasil, desde a década de 1970, sua influência foi grande em um determinado círculo intelectual paulistano. À medida que seus textos estão sendo redescobertos e publicados, a importância de sua obra cresce no meio acadêmico brasileiro e internacional. Grande parte dessa valorização se deve ao fato de Flusser ter enfrentado, logo no alvorecer das tecnologias de informação e comunicação, algumas das principais questões que surgem de uma cultura permeada pelos aparatos tecnológicos. Muito do que ele escre-

veu pode ser mais bem compreendido hoje do que em sua época. Outro aspecto que caracteriza a grande importância da sua obra é a perspectiva teórica e filosófica peculiar adotada por ele, fortemente influenciada pela cibernética e pela fenomenologia. Esse ponto de análise específico e original permitiu muitos dos seus conhecidos *insights*.

César Baio

Professor adjunto do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará – UFC

“Vilém Flusser é um dos pensadores mais originais e instigantes do século XX. Judeu, nasceu em Praga, na antiga Tchecoslováquia, mas precisou fugir da invasão nazista, chegando ao Brasil em 1940. Naturalizado brasileiro, viveu entre nós por 30 anos, mas a ditadura militar o obrigou a voltar à Europa em 1973. Autor de mais de 30 livros e de cerca de

1 FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia* (São Paulo: Hucitec, 1985) (Nota da IHU On-Line)

mil ensaios curtos, é mais conhecido como escritor de língua alemã, embora tenha escrito e reescrito quase todos os seus trabalhos em quatro línguas, nessa ordem: alemão, português, inglês e francês. Não escrevia em tcheco, considerando sua língua materna “adocicada demais”.

Gustavo Bernardo Krause

Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

“Vilém Flusser foi um pensador extremamente lúcido, que contribuiu e dialogou com várias disciplinas das ciências humanas. Entrou na história do pensamento como teórico de mídia, mas ele era também um importante filósofo, especialmente no campo da filosofia da linguagem. Além disso, seus textos possuem um grande valor literário.

Luta contra a ideologia e a demagogia

O que considero mais importante na obra de Flusser é sua infatigável luta contra qualquer tipo de ideologia e demagogia, que assumem as formas mais inesperadas na nossa sociedade. Ele nos ensina que toda informação que recebemos, por mais clara e transparente que nos possa parecer, precisa ser detalhadamente examinada. Porque nós todos vivemos num mundo codificado e, sem o permanente esforço de decifrá-lo, tornamo-nos facilmente manipuláveis e exploráveis”

Eva Batličková

É mestre em filosofia e língua e literatura portuguesa. “A época brasileira de Vilém Flusser” é o título de sua dissertação de filosofia.

Atualmente, trabalha na editora Annablume.

Breve biografia de Vilém Flusser

Nascido na recém independente Tchecoslováquia, de uma família de intelectuais judeus (seu pai era professor universitário de matemática e física), Vilém Flusser estudou filosofia na Universidade Carolina, em Praga, entre 1938 e 1939. Naquele ano deixou seu país, com os pais de sua futura mulher, Edith Barth, para viver em Londres. Prosseguiu seus estudos na London School of Economics and Political Science, sem no entanto concluí-los.

Em 1940, seus pais, irmã e avós são mortos em campos de concentração da Alemanha: o pai, em Buchenwald; os avós, a mãe e a irmã, em Theresienstadt.

No ano seguinte, ele e Edith emigram para o Brasil. No mesmo ano, casam-se no Rio de Janeiro, fixando-se posteriormente na cidade de São Paulo. Em 1950, naturaliza-se brasileiro.

Ao longo da década de 1960, leciona Filosofia da Ciência, na Escola Politécnica da USP, e Filosofia da Comunicação, na Escola Superior de Cinema e na Escola de Arte Dramática (EAD), também em São Paulo. Publica seu primeiro livro - Língua e realidade em 1963.

Porém, em 1970, quando a reforma universitária agregou todos os professores de filosofia da USP ao Departamento de Filosofia da FFLCH, Flusser, que era professor da Politécnica, não foi recontratado. A hipótese de que sua saída da Universidade tenha sido mais um episódio de repressão política relacionado ao regime militar, vigente na época, não parece provável. A maioria dos membros do Departamento era bastante crítica com relação ao regime, enquanto Flusser era considerado

conservador entre seus pares. Aparentemente, a não renovação do seu contrato com a Universidade deveu-se à falta de comprovação de títulos acadêmicos.

De todo modo, uma vez excluído da universidade, Vilém deixa o Brasil em 1972 para viver inicialmente na Itália e posteriormente na França e na Alemanha.

Manteve-se bastante ativo até o final de sua vida, escrevendo e ministrando conferências na área de Teoria da Comunicação. Seus trabalhos se concentraram na discussão do pensamento de Heidegger, sendo marcados pelo existencialismo e pela fenomenologia.

Vilém Flusser morreu em acidente de trânsito, ao visitar sua cidade natal, para ministrar uma conferência.

Principais obras

- Língua e Realidade (São Paulo, 1963)
- A História do Diabo (São Paulo, 1965)
- Da Religiosidade (São Paulo, 1967)
- Le Monde Codifié (Paris, 1972)
- Natural:mente (São Paulo, 1979)
- Pós-história (São Paulo, 1982)
- A Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia (São Paulo, 1983)
- Ins Universum der technischen Bilder (Göttingen, 1985)
- Die Schrift – Hat Schreiben Zukunft?(Göttingen, 1987)
- Vampyrotheuthis infernalis (Göttingen, 1987)
- Angenommen – eine Szenenfolge (Göttingen, 1989)
- Gesten – Versuch einer Phänomenologie (Düsseldorf/Bensheim, 1991).

“Flusser foi um pioneiro, mas chegou antes da hora”

A comunicação ainda não era valorizada como disciplina acadêmica nos anos em questão, no final da década de 1960. Quando a Escola de Comunicações e Artes – ECA foi criada, em 1972, Flusser já não estava mais no Brasil, explica Michael Manfred Hanke

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“**A** obra de Flusser é uma teoria da comunicação e cultura refletida filosoficamente”, conclui o professor Michael Manfred Hanke, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “Quem está em busca de uma reflexão filosófica nesse sentido está bem servido com o autor”, continua. Para o docente, Flusser representa uma ponte. “Ele traz pensamentos filosóficos tradicionais (Kant, Hegel, Marx, os gregos), com pensadores mais recentes do século XX (Husserl, Heidegger, Sartre, Wittgenstein, entre outros), e se baseia no pensamento da teoria de informação. As ideias e questionamentos destes são transformados pelos olhos de Flusser e, assim, eles são apresentados para nós”.

Ademais, segundo Michael, Vilém Flusser era indisciplinado. “Flusser seria um horror para o sistema Capes ou CNPq. Ele acabaria com a estrutura. Ou melhor, a estrutura, sendo mais forte, acabaria com ele. Mas ultrapassar fronteiras, pensar diferente, construções

ousadas, mesmo correndo riscos têm seu valor”, admite Hanke.

Michael Manfred Hanke possui mestrado em Linguística, Psicologia e Comunicação pela Universidade de Bonn, na Alemanha, doutorado pela Universidade de Essen, também na Alemanha, revalidado na modalidade Doutor em Letras: Estudos Literários no Brasil em 2001 e pós-doutorado pela Universidade de Siegen, Alemanha. Possui livre-docência em Ciências da Comunicação pela Essen. É professor visitante em Belo Horizonte, Colônia, Weimar, Mogúncia, Milão e Berlim. É professor-adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, no Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, na linha de pesquisa “Estudos de Mídia e Produção de Sentido”.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como foi a vinda de Vilém Flusser para o Brasil? Por que ele resolveu vir para o país?

Michael Manfred Hanke – Flusser foi filho de uma família de classe alta em termos econômicos e culturais, com uma boa formação escolar, multilíngue e multicultural, de Praga, de origem judaica. Fez parte da comunidade tcheco-alemã de Praga. A invasão nazista em 1939 acabou com essa vida e todos os planos de um futuro promissor. Para salvar sua vida, ele teve que fugir. Por muito pouco

não perdeu a vida, porque foi retido pela polícia nazista na fronteira entre Alemanha e Holanda. Seu futuro sogro conseguiu libertá-lo, porém, depois cobrou para isso. Flusser conseguiu fugir para Inglaterra, mas, dado o perigo de invasão nazista naquele país também, a fuga continuou. Entre diversas opções, surgiu Brasil como destino. Judeus não foram permitidos entrar em nosso país naquela época. Por isso o filósofo e a família da futura esposa compraram documentos do consulado brasileiro que atestaram origem cristã,

o que possibilitou a entrada para o Brasil. Assim, ele e a família chegaram aqui, resultados de fatores imponderáveis e acasos. Essa condição mexeu com ele psicologicamente e depois esses elementos biográficos foram até refletidos filosoficamente, nas reflexões sobre emigração e *Heimatlosigkeit*, apatridade. Ademais, o Brasil, em primeira instância, foi uma opção. Com o passar dos anos, a relação, a intimidade com a cultura e a nação cresceram e o autor se identificou cada vez mais com o país.

IHU On-Line – De que maneira Flusser foi recepcionado no Brasil? Qual a importância da vinda dele para o país?

Michael Manfred Hanke – Os primeiros anos foram difíceis, marcados pela luta pela sobrevivência. O sogro cobrou dele o sustento da família, o que impediu a continuação de sua vida acadêmica. Nos anos de guerra e pós-guerra, não pôde se falar em recepção propriamente. Apenas posteriormente Flusser se encaixou na vida intelectual paulista, no Instituto Brasileiro de Filosofia – IBF, sob a direção do seu amigo Miguel Reale¹, que o acolheu e ofereceu um lugar, aquele lugar que ele tinha perdido quando jovem. Melhor tarde do que nunca. Flusser no final da década de 1950 começou sua carreira acadêmica.

A importância dele para o Brasil se deveu ao fato de que São Paulo naquela época era um caldeirão com muitos ingredientes. Flusser contribuiu, trazendo a bagagem do velho continente, de Praga, com uma formação tradicional, e muita curiosidade por aventuras de pensamento, interesse para questões contemporâneas, de filosofia, cultura, comunicação, mudanças estruturais da sociedade e do pensamento, história da ciência e da *condition humaine*.

IHU On-Line – Quais foram os motivos que o levaram a deixar o Brasil?

Michael Manfred Hanke – Existe um panorama de motivos, e o peso destes não está completamente esclarecido. Flusser deixou o país em maio de 1972, no auge dos anos de chumbo da ditadura militar. Quem gosta de viver num país com ditadura militar? O autor, que não foi nem comunista nem de esquerda, não foi, por esse motivo, perseguido. Mas o clima intelectual foi ruim e obviamente também perigoso.

¹ **Miguel Reale** (1910-2006): filósofo, jurista, formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - USP, educador e poeta brasileiro e um dos líderes do integralismo no Brasil. Conhecido como formulador da Teoria Tridimensional do Direito, na qual os elementos da tríade fato, valor e norma jurídica compõem o conceito de Direito. (Nota da IHU On-Line)

Quem confiaria num país assim sob essas circunstâncias?

Reviravolta

Flusser, ainda naquela época, não foi professor concursado. Trabalhou como horista em universidades particulares, com baixa remuneração. Então, com a situação política, acadêmica e financeira ruim, a realidade não era um cenário favorável. Ele ainda participou como curador da Bienal de São Paulo. Porém suas ideias não foram realizadas, e se viu diante de um fracasso. A viagem para a Europa levou a esposa e o autor primeiramente para Itália, e eles inicialmente entenderam a viagem. Depois, encantaram-se com a vida na Europa e Flusser, em particular, sentiu-se academicamente bem vindo – recebeu convites para mesas-redondas em Paris, para ser professor visitante no sul da França etc. Ele avaliou que as chances da vida seriam melhores, e o casal Flusser resolveu ficar. Sua produtividade subiu; o clima intelectual teve um impacto positivo. Entretanto, nunca perdeu a ligação com o Brasil, sempre voltando aqui para ministrar conferências, minicursos e participar de debates.

IHU On-Line – Qual a contribuição de Flusser para o jornalismo brasileiro?

Michael Manfred Hanke – Flusser sempre se viu como teórico da comunicação, como filósofo da comunicação e cultura, além de escritor. Na época paulista, exerceu a função de jornalista, pelo menos publicou no Estado de São Paulo e na Folha de S. Paulo. Ler esses artigos hoje vale a pena (ele foi um bom escritor e um representante da cultura do livro). Na medida em que a reflexão teórica da comunicação contribuiu para o jornalismo, o pesquisador contribuiu. Mas dada a dicotomia entre prática e teoria, a ênfase de Flusser centrou-se sobre a segunda, enquanto considerou o jornalismo como parte da prática.

IHU On-Line – De que maneira o teórico definiu o conceito de comunicação?

Michael Manfred Hanke – No início de sua carreira, Flusser era filósofo

fo e assim se considerou. A partir de 1965, aderiu-se ao pensamento comunicológico e a comunicação ganhou posição de liderança em sua identidade. Depois chega a defender que a comunicação substituiu a filosofia na posição do carro-chefe das humanidades. O conceito da comunicação por este caminho acadêmico do autor é composto por estas influências.

Comunicação analisada filosoficamente

Filosoficamente, o conceito é de caráter existencialista, influenciada por Heidegger² e Sartre³, formulado numa forma dramática, segundo o qual o homem é um ser “condenado

² **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosóficos da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des) governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

³ **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu *ensaio O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

a morte”. Ou seja, só o homem é um bicho que sabe que vai morrer. Porque não aguenta essa solidão fundamental, ele busca a comunicação. Em outros termos – heideggerianos – a *Geworfenheit* – somos “jogados”, ou colocados no mundo de certa forma que nossa *condition humaine* nos determina sermos seres sociais, que só sobrevivem se comunicando. Sem comunicação, a vida humana não seria viável; sequer o ser humano não poderia ser pensado. Nosso *Lebenswelt* – mundo da vida – é composto por língua, relações sociais, cultura, redes simbólicas etc. Sem ele não haveria possibilidade de se ser homem.

O destaque da dimensão social do ser humano e, em consequência, de relações e da comunicação se deriva também da filosofia dialógica de Martin Buber⁴. O “eu” é constituído por um “outro eu” que usa “você” quando se dirige ao primeiro eu (*Ich-Du-Philosophie*).

Teoria cibernética e a comunicação

Por parte da comunicação, Flusser foi influenciado pela teoria cibernética apresentada na década de 1950 (nos EUA), em uma mistura com a então popular teoria termodinâmica, que cunhou os conceitos de entropia e neguentropia. Esse pensamento das ciências exatas foi combinado com um pensamento das ciências humanas. Entropia significa o caminho de toda energia no universo: ela se difunde com todos os processos de transformação. Informação é vista como processo contrário, não como perda, mas como construção de informação. Em termos de ciências humanas, é cultura ou redes simbólicas que armazenam os processos que as produzem. É importante frisar que o casamento entre termodinâmica e cibernética não é necessário; são dois pensamentos

“Flusser foi filho de uma família de classe alta em termos econômicos e culturais, com uma boa formação escolar, multilíngue e multicultural, de Praga, de origem judaica”

próximos, mas não necessariamente conjuntos. E a interpretação cultural é uma especificidade de Flusser, que juntou pensamentos geralmente diferenciados.

De qualquer forma, o conceito de informação para Flusser está no fundo da definição de comunicação. Comunicação é definida como armazenamento, processamento e distribuição de informação adquirida. Mas o termo informação tem que ser visto no contexto das teorias citadas.

IHU On-Line – Sendo o criador do primeiro curso de Comunicação, em São Paulo, e um dos pioneiros na área de ciência da mídia e da comunicação em nosso país, de que maneira Flusser é visto atualmente na academia brasileira? Por que, somente em sua fase europeia, após ter saído do Brasil, seu pensamento foi mais divulgado, ganhando forma de publicação?

Michael Manfred Hanke – É verdade que Flusser defende a criação do primeiro curso de Comunicação em São Paulo. Mas é necessário considerar as fontes que o próprio Flusser nos dá. Ele foi professor em várias universidades particulares, entre outras, na Fundação Armando Alvares Pentea-

do - FAAP. Ele foi também professor na Universidade de São Paulo - USP, na Escola Politécnica e responsável pela disciplina Filosofia e Evolução da Ciência (a partir de 1963, auxiliar de ensino; entre 1967 e 1971, professor contratado).

Decepção

O conceito, muito avançado e interessante, é aquele que Flusser tentou realizar na FAAP. Mas ele se mostrou muito decepcionado em relação ao sucesso da implementação desse projeto, no artigo publicado e também nas cartas que trocou nessa época, preservadas no Arquivo Flusser. Ou seja, o pesquisador mesmo não ficou satisfeito com a implementação de suas ideias.

Pioneiro

Flusser foi um pioneiro, mas chegou antes da hora. Salvo engano, a comunicação ainda não era valorizada como disciplina acadêmica nos anos em questão, no final da década de 1960. Quando a Escola de Comunicações e Artes – ECA foi criada, em 1972, Flusser já não estava mais no Brasil.

Flusser começou a lecionar teoria de comunicação em 1963 (comunicação verbal e audiovisual). Mas ele atuou em primeiro lugar como filósofo, no Instituto Brasileiro de Filosofia. A maioria de suas publicações foi na revista do IBF, na área de filosofia. Não existia a área de comunicação nem revistas ou congressos. O pensamento comunicológico de Flusser não tinha como se realizar. Só na década de 1970, na França, ganhou forma escrita (em francês) e respectivamente publicada depois em alemão, apesar dos primeiros passos em publicações no Brasil. Ele produziu as obras sobre comunicação a partir da década de 1970 até 1991, quando estava na Europa. As obras estão sendo traduzidas e publicadas no Brasil (na editora Annablume). Elas abordam também outros temas, além da comunicação.

Com certeza, sem a ditadura militar, durante a qual Flusser deixou o Brasil, toda essa história teria sido diferente.

⁴ **Martin Buber** (1878-1965): filósofo vienense de origem judaica, foi o primeiro professor de uma cátedra de Judaísmo na Universidade de Frankfurt. Com a ascensão do nazismo, abandonou a cátedra e mudou-se para Jerusalém, onde passou a lecionar como professor da Universidade Hebraica. A obra de Buber centra-se na afirmação das relações interpessoais e comunitárias da condição humana. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Qual a importância das obras e teorias do autor para o estudo das ciências sociais hoje?

Michael Manfred Hanke – A obra de Flusser é uma teoria da comunicação e cultura refletida filosoficamente. Quem está em busca de uma reflexão filosófica nesse sentido está bem servido com o autor. Flusser representa uma ponte. Ele traz pensamentos filosóficos tradicionais (Kant⁵, Hegel⁶, Marx⁷, os gregos),

5 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

6 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/ZAON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/ZAOX>. (Nota da IHU On-Line)

7 Karl Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível

“O conceito de informação para Flusser está no fundo da definição de comunicação”

com pensadores mais recentes do século XX (Husserl⁸, Heidegger, Sartre, Wittgenstein⁹, entre outros), e

em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)

8 Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como ideia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da IHU On-Line)

9 Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austriaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da IHU On-Line, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível para download em <http://migre.me/qQYt>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista IHU On-Line 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/LUCopl>. (Nota da IHU On-Line)

se baseia no pensamento da teoria da informação. As ideias e questionamentos desses pensadores são transformados pelos olhos de Flusser e, assim, eles são apresentados para nós. De tudo isso, talvez o mais importante seja: a indisciplina, a falta de bom comportamento. Flusser seria um horror para o sistema Capes ou CNPq, que engaveta as disciplinas; ele acabaria com a estrutura. Ou melhor, a estrutura, sendo mais forte, acabaria com ele. Mas ultrapassar fronteiras, pensar diferentemente, fazer construções ousadas, mesmo correndo riscos têm seu valor.

IHU On-Line – Qual a relevância dos estudos de Flusser para a atualidade?

Michael Manfred Hanke – A meu ver, a arquitetura do pensamento de Flusser tem uma camada muito tradicional constituída pelo pensamento de Kant, Hegel, Marx, e os gregos, já mencionado acima. Esse fundamento é enriquecido por uma camada mais atualizada, do século XX, por Husserl, Heidegger, Wittgenstein, Sartre, e pela cibernética, semiótica, e teoria da comunicação. O autor utiliza esses instrumentos poderosos para enfrentar os desafios da cultura contemporânea, fazendo uso e refazendo as inquietações desses pensadores consagrados, às vezes com muita liberdade. Assim, ele preserva a tradição e a renova ao mesmo tempo.

Imagens e comunicação digital

Flusser levantou duas questões importantes: a importância crescente das imagens e da comunicação digital. Imagens não foi um campo muito trabalhado na área das humanas. Flusser entendeu que o código da escrita não seria mais o código dominante do futuro e que imagens em movimento, imagens técnicas, produzidas por aparelhos, convencionais ou digitais, ganharam muito espaço. E ele chamou atenção para essa mudança no repertório na comunicação.

Revolução informacional

O outro aspecto trata a revolução informacional, as mudanças provoca-

das pelas novas tecnologias de armazenamento, microchips etc., a rapidez crescente do processamento de informações e as mudanças provocadas por isso no mundo e em nossa maneira de representar e entendê-lo.

Pioneirismo

Assim, Flusser foi um dos primeiros pensadores a refletir filosoficamente sobre as mudanças fundamentais na comunicação e, consequentemente, no mundo, que estão submetidas constantemente. A aceleração das novas tecnologias contribui para transformações radicais, como o crescimento do fluxo das informações na realidade midiaticizada e globalizada, o que modifica parâmetros básicos do nosso mundo, como fragmentos até então desconectados, agora dados em presença simultânea, e que formatam a estrutura das coisas e do próprio pensamento e modificam as categorias do espaço e do tempo. Nossa cultura midiática se baseia cada vez mais em imagens fragmentadas, e cada vez menos em conceitos complexos, com aparelhos técnicos e memórias eletrônicas, que expandem as fronteiras da nossa vida real até o espaço virtual. Consequentemente, o significado de nós mesmos e da realidade se altera substancialmente.

Código

Flusser analisa tudo isso nos termos de “comunicação”, “sociedade de informação”, “cultura midiaticizada” e “crise da linearidade”. O código linear e conceitual, presente na escrita, no texto e no livro está sendo substituído por um código estruturado por imagens, que se manifesta em imagens em movimento e nas superfícies dos aparelhos técnico-digitais. A mudança dos nossos códigos culturais, de nossas estruturas de pensamento e os modelos de mundo, em consequência da transformação da sociedade causada pela tecnologia, foram considerados por Flusser como irreversíveis. Enquanto isso cada código constitui seu próprio modo de pensar, o que, por sua vez, define a percepção, os conceitos de tempo e espaço, como também os atores-su-

“A obra de Flusser é uma teoria da comunicação e cultura refletida filosoficamente. Quem está em busca de uma reflexão filosófica nesse sentido está bem servido com o autor”

jeitos agindo nesse mundo. Ao mesmo tempo, constitui a base dos modelos de pensamento que operam na ciência, na lógica, na arte e na política. Essa mudança de paradigma é baseada na retificação de nossos canais de comunicação e no papel do computador como memória externalizada. Essa análise e a crítica da cultura flusseriana, que ganhou forma como utopia positiva da sociedade telemática, apresenta-se hoje, surpreendentemente em muitos aspectos, como sendo bastante atual.

IHU On-Line – De que maneira podemos relacionar a teoria da mídia e da comunicação de Flusser com as novas tecnologias de informação e sistemas de mídia?

Michael Manfred Hanke – Flusser sempre se definiu como teórico ou filósofo da comunicação, nunca da mídia. Ele rejeitou o termo “mídia”, o que, entretanto, não significa que suas reflexões não seriam pertinentes para esse campo. Porém, comunicação foi vista como base do *animal social* que é o ser humano, que depende da comunicação interpessoal. Isso foi fortemente influenciado pela filosofia dia-

lógica de Martin Buber, mas também pela filosofia da linguagem inicial de Flusser. A língua só existe enquanto uso, quer dizer, para a comunicação entre pessoas. Mas a língua é considerada somente como um dos códigos usados para se comunicar – há outros sobre os quais o filósofo refletiu depois.

Revolução

Para Flusser, a situação atual (contemporânea) é marcada por uma revolução na estrutura da comunicação e da informação. A era do digital, a mudança dos códigos de escrita para os das imagens técnicas, em geral, bem como as novas formas de entender e codificar o mundo iriam constituir uma “revolução” no sentido verdadeiro do termo. Entretanto, a comunicação deveria ser utilizada sempre para estabelecer laços interpessoais, o que vale também para as novas tecnologias. Caso contrário, estas inovações representariam mais perigo do que benefício, e aqui entra a crítica da tecnologia heideggeriana. Ou seja, Flusser pensava a comunicação a partir das ciências humanas e enfrentava as novas tecnologias como desafio para o homem e sua cultura.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Michael Manfred Hanke – Flusser era um pensador polêmico não bem comportado. Mas ganhou lugar de referência no panorama dos pensadores da mídia e da comunicação. Podemos acompanhar o processo de recepção de um autor acadêmico a partir da seguinte questão: se ele estimula em sala de aula o aluno ou não. O pensador, 20 anos depois de seu falecimento, desperta interesse e curiosidade de alunos, ou seja, ele toca o estudante, estimula e provoca reflexão. No Brasil, faltam a tradução e a divulgação de algumas obras desconhecidas do autor. Ele faz parte do patrimônio intelectual do país, o que merece ser cuidado.

Imagens técnicas, instrumento de manipulação do homem

Flusser sempre se engajava em prol do homem, que, para ele, significava posicionar-se contra a máquina, avalia Eva Batličková

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Éxatamente o espírito profundamente filosófico e existencial dos trabalhos de Vilém Flusser que mostra a diferença ontológica entre o homem e a máquina. “O homem é um ser infinitamente complexo, enigmático, imprevisível e livre, enquanto a máquina, por mais rápida e eficaz que seja, não é mais que mera materialização dos textos científicos”, analisa uma das mais influentes pesquisadoras de Flusser na atualidade, Eva Batličková, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ela, apesar das ideologias que o tentam encobrir, é preciso saber que o objetivo dos aparelhos não é deixar o homem mais feliz, “porém manter vivos a si mesmos junto com o sistema que lhes alimenta”. E admite: “As imagens técnicas se torna-

ram, pelo contrário, um poderoso instrumento de manipulação do homem”.

Em relação aos trabalhos de Flusser, Eva deixa claro que seus textos eram, inúmeras vezes, criticados porque não mantinham as regras científicas e acadêmicas. “No entanto, o próprio autor pouco se importava com as críticas. Seu estilo era diferente, engajado, pois seu objetivo não era escrever para a academia, mas para homens vivos”.

Eva Batličková é mestre em filosofia e língua e literatura portuguesa. “A época brasileira de Vilém Flusser” é o título de sua dissertação de filosofia.

Atualmente, trabalha na editora Annablume. Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual foi a maior contribuição de Flusser para o campo comunicacional?

Eva Batličková – Sua grande contribuição para o campo comunicacional consiste, sem dúvida, em sua concepção de comunicação não como um imprescindível instrumento da vida social de seres vivos, porém como a essência de cada intelecto, o princípio de cada cultura e da realidade que nos cerca. Se certa comunidade fala inglês contemporâneo ou chinês do primeiro milênio a.C., se ela se comunica mediante textos lineares ou por imagens tradicionais ou técnicas, isso muda radicalmente a realidade em que esta comunidade vive. E aqui enraíza a

grande preocupação de Flusser com as imagens técnicas, que são um meio de comunicação relativamente novo. E como elas são, em princípio, um produto de aparelhos programados, e não mais dos intelectos humanos, toda a nossa cultura como a conhecemos se transforma profundamente rumo a uma sociedade desumanizada.

IHU On-Line – Qual o legado deixado por Flusser para a contemporaneidade?

Eva Batličková – Nós, vinte e um anos depois da morte de Vilém Flusser, convivemos muito mais com todo tipo de aparelhos do que ele. Por isso é cada vez mais atual sua advertência

que esta convivência não é gratuita. Apesar das ideologias que o tentam encobrir, é preciso saber que o objetivo dos aparelhos não é deixar o homem mais feliz, porém manter vivos a si mesmos junto com o sistema que lhes alimenta. E isso sem menor escrúpulo com o homem. Os aparelhos podem ser ou mais ou menos perigosos: desde a máquina fotográfica, que nos obriga aceitar sua ótica unidimensional, até Auschwitz¹, um

¹ Auschwitz-Birkenau: nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940 o governo alemão comandado por Adolf Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polônia ocupada.

aparelho político extremamente perverso e nocivo. Em seu livro *Pós-história*², Flusser fala que no final todos os aparelhos funcionam no sentido do aniquilamento do homem, tanto do funcionário que os serve como do programador, porque todos necessariamente objetivam, desumanizam o homem.

IHU On-Line – Qual o mérito da obra *A filosofia da caixa preta – Ensaaios para uma futura filosofia da fotografia* de Vilém Flusser?

Eva Batličková – Em *A filosofia da caixa preta*, Flusser mostra as consequências da transformação do código comunicacional para a sociedade contemporânea. A cultura ocidental, como a conhecemos, é uma cultura histórica, cujo tempo é linear e se projeta para o progresso e evolução. Esforça-se para mudar o mundo mediante o trabalho e suas ciências procuram causas e consequências. A cultura histórica se afirmou depois da crise e decadência da cultura pré-histórica, baseada no pensamento imagético, que vivia num tempo cíclico e pensando de maneira que Flusser chama de mágica – o homem tenta mudar o mundo mediante a manipulação de imagens.

Imagens técnicas

O que está acontecendo nos últimos aproximadamente cem anos é a nova dominação da imagem na cultura; desta vez, as imagens técnicas. Com este processo, está se esgotando a cultura histórica e nós podemos presenciar a volta do tempo cíclico e do pensamento mágico da época pós-histórica. O grande perigo das imagens técnicas, que o autor chama de imagens do segundo grau, é seu

“Apesar das ideologias que o tentam encobrir, é preciso saber que o objetivo dos aparelhos não é deixar o homem mais feliz, porém manter vivos a si mesmos junto com o sistema que lhes alimenta”

caráter traiçoeiro: elas parecem ser janelas para o mundo, mas na verdade trata-se da abstração de terceiro grau – elas superam tanto a abstração do primeiro grau, que foi o mundo simbólico das imagens tradicionais, como a abstração de segundo grau, o mundo conceitual da escrita. Imagens técnicas são abstrações de terceiro grau. Elas são baseadas nas abstrações de textos científicos e sua “magia” é, em princípio, muito simples: mudar o mundo programando o homem.

IHU On-Line – De que maneira Flusser abordou as teorias de imagem? Qual a relação entre mundo – imagem – texto – imagem técnica?

Eva Batličková – Como já foi dito, a imagem é um tipo de abstração. A imagem tradicional é, conforme Flusser, a abstração do primeiro grau. Ela representa o mundo de maneira simbólica, abstraindo duas dimensões de quatro que nos cercam (espaço e tempo). Numa época (Flusser a coloca para 2000 a.C.), a humanidade se deparou com o problema de que as imagens não representam mais o mundo, porém o cobrem e as

peças estão vivendo em função das imagens. Esse fenômeno o autor chama de idolatria. Nessa época, surge a escrita linear e com ela o pensamento histórico. Os textos são abstração do segundo grau e se esforçam para explicar as imagens – trabalham com uma dimensão só, conceitual. Numa história relativamente recente, os textos adquiriram o grau da abstração tão alto que se tornaram inimagináveis e extremamente afastados da vida cotidiana. A humanidade chegou à textolatria. Foi quando apareceram as imagens técnicas, que pareciam ser um ótimo instrumento para visualizar os textos e os deixar novamente compreensíveis. Com o decorrer do tempo, percebemos que se tratou de uma ilusão e que as imagens técnicas se tornaram, pelo contrário, um poderoso instrumento de manipulação do homem.

IHU On-Line – Para Flusser, o que vinha a ser a época “pós-histórica” e qual a sua relação com os códigos pelos quais nos comunicamos?

Eva Batličková – A época pós-histórica, como já mencionamos, é para Flusser condicionada pela mudança de códigos de comunicação. As imagens, com seu mundo simbólico que dominava a época pré-histórica, estão novamente entrando em cena, desta vez sob a forma da imagem técnica. O pensamento histórico e causal, com seu tempo linear, é substituído pelo pensamento imagético, e o tempo passa a ser circular. O tempo circular é um império do eterno retorno; a história com suas mudanças revolucionárias acabou. O maior drama da nossa época é que as imagens técnicas não são produtos dos intelectos humanos, porém dos programas de aparelhos. Quem começou a dominar nosso mundo são então aparelhos que degradam o homem de um ser livre para uma parte do programa. E, neste contexto, é importante salientar que aparelho, para Flusser, é um conceito bastante amplo; ele abrange, como dissemos, tanto a famosa máquina fotográfica como os aparelhos sociopolíticos e

Houve três campos principais e trinta e nove campos auxiliares. Os campos localizavam-se no território dos municípios de Auschwitz e Birkenau, versões em língua alemã para os nomes polacos de Oświęcim e Brzezinka, respectivamente. Esta área dista cerca de sessenta quilômetros da cidade de Cracóvia, capital da região da Pequena Polónia. (Nota da IHU On-Line)
2 FLUSSER, Vilém. *Pós-História. Vinte instantâneos e um modo de usar* (São Paulo: Duas cidades, 1983). (Nota da IHU On-Line)

suas consequências, como Auschwitz, Hiroshima³ ou Gulag⁴.

IHU On-Line – De que forma Flusser utilizou a semiótica em seus trabalhos?

Eva Batličková – Flusser como pensador era profundamente antiesencialista e considerava todos os sistemas de significações altamente flexíveis e relativos. Ele aplicava esta concepção inclusive na nossa realidade “material”, alegando que o cosmos humano, no sentido de universo organizado, é tirado do caos animalesco justamente pela sua organização e sentido. E, como tanto a organização como a atribuição de sentido são produtos da sociedade, até a realidade que nos cerca muda conforme a nossa relação conceitual e estrutural com ela. Assim, para Flusser, por exemplo, a pedra para os gregos era um objeto completamente diferente da pedra como nós a entendemos.

IHU On-Line – De que maneira a fenomenologia influenciou o pensamento e as obras de Flusser?

Eva Batličková – Em sua autobiografia *Bodenlos*⁵, Flusser escreve que sua ambição filosófica é, de um lado, construir uma ponte entre a filosofia da linguagem e, de outro, a fenomenologia e o existencialismo. A fenomenologia como método é interessante

³ **Hiroshima**: capital da província japonesa de Hiroshima. Fica no rio Ota (Ota-gawa), cujos seis canais dividem a cidade em ilhas. Cresceu em torno de um castelo feudal do século XVI. Recebeu o estatuto de cidade em 1589. Serviu de quartel-general durante a guerra sino-japonesa (1894-95). Em 6 de agosto de 1945 foi a primeira cidade do mundo arrasada por uma bomba atômica, lançada pelos Estados Unidos, resultando em 250 mil mortos e feridos. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Gulag**: sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos, presos políticos e qualquer cidadão em geral que se opusesse ao regime da União Soviética, sendo, porém, que a grande maioria era de presos políticos. No campo Gulag de Kengir, em junho de 1954, existiam 650 presos comuns e 5200 presos políticos. (Nota da IHU On-Line)

⁵ “Sem chão” em tradução livre. Referência: FLUSSER, Vilém. *Bodenlos, uma autobiografia filosófica*. (São Paulo: Annablume, 2007) (Nota da IHU On-Line)

“O maior drama da nossa época é que as imagens técnicas não são produtos dos intelectos humanos, porém dos programas de aparelhos”

porque procura se afastar de todo conhecimento tradicional. Flusser adotou como seu método, o que lhe permitiu analisar os problemas de maneira diferente e chegar a conclusões surpreendentes. Embora o existencialismo tenha saído de moda na segunda metade do século XX, para Flusser o homem e sua condição no mundo nunca deixaram de ser o centro de suas reflexões. Seus textos eram, inúmeras vezes, criticados porque não mantinham as regras científicas e acadêmicas. No entanto, o próprio autor pouco se importava com as críticas. Seu estilo era diferente, engajado, pois seu objetivo não era escrever para a academia, mas para homens vivos.

IHU On-Line – Em que aspectos a cibernética influenciou no pensamento e nas teorias de Flusser?

Eva Batličková – Flusser sempre se engajava em prol do homem, que, para ele, significava posicionar-se contra a máquina. E é exatamente o espírito profundamente filosófico e existencial de seus trabalhos que mostra a diferença ontológica entre o homem e a máquina. O homem é um ser infinitamente complexo, enigmático, imprevisível e livre, enquanto a máquina, por mais rápida e eficaz que seja, não é mais do que mera materialização dos textos científicos.

Leia as
entrevistas

do dia no

sítio do IHU:

www.ihu.

unisinos.br

Um teórico barroco?

Existiu em Flusser uma vontade de unificar aquilo que foi separado pela modernidade, como arte, ciência, religião; de quebrar as barreiras dos campos que foram fraturados pelo pensamento moderno, assinala Erick Felinto de Oliveira

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“Flusser era um pensador realmente transdisciplinar”, frisa o professor Erick Felinto de Oliveira, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**. O autor não tinha fronteiras no pensamento, segundo o docente, e ele passeava por várias referências e por diversos campos de força intelectuais. “Obviamente, a sua reflexão sobre comunicação é muito forte. O pensamento dele tinha um foco importante sobre a questão da tecnologia e dos meios, principalmente esse começo que ele viveu com o início ainda da revolução digital. Esse aspecto da obra dele é bastante relevante. Mas Flusser era um pesquisador que, de fato, foi muito aproveitado no campo das artes, das artes tecnológicas. Ele era muito respeitado, principalmente na Alemanha, nesse horizonte da arte-mídia. O que comprova isso é o fato de a universidade onde está sediado o Arquivo Flusser hoje ser uma Universidade de Artes”, diz.

Erick aponta que o pesquisador intuiu várias forças culturais e energias espirituais que

vieram depois nos caracterizar como problemas contemporâneos. “Um dos temas, por exemplo, o autor antecipa (...) é a questão do pós-humanismo.”

Erick Felinto de Oliveira é doutor em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ/UCLA e tem pós-doutorado em Comunicação pela Universität der Künste, Berlim. É pesquisador do CNPq e professor adjunto na UERJ, instituição em que realiza pesquisas sobre cinema e cibercultura. É autor dos livros *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura* (Porto Alegre: Sulina, 2005); *Avatar: o futuro do cinema e a ecologia das imagens digitais* (com Ivana Bentes. Porto Alegre: Sulina, 2010); e *A imagem espectral: cinema e fantasmagoria tecnológica* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2008). Ainda este ano lançará pela editora Paulus, em parceria com a professora Lucia Santaella, o livro *Explorador de abismos – Vilém Flusser e o pós-humanismo*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Você realizou seu pós-doutorado na Alemanha, na Universidade das Artes – instituição na qual também se encontra o Arquivo Flusser. O que mais lhe chamou a atenção na visita ao Arquivo?

Erick Felinto de Oliveira – A quantidade de material inédito que existe. Têm desde textos que nunca foram publicados até cartas pessoais; existem documentos pessoais de Flusser e há uma parte da biblioteca pessoal dele também. Estima-se que, pelo menos, 80% do que ali se encontra ainda não tenha sido publicado.

Obra fragmentária

Flusser tem uma trajetória bastante curiosa. Ele demorou muito tempo para ser reconhecido e não é muito lido fora da Alemanha e do Brasil. Agora que os Estados Unidos da América começa a citar seus textos com mais frequência. Então, a sua fama veio tarde. E, de fato, aconteceu de maneira mais decisiva na Alemanha. O pesquisador, além disso, escrevia muito para jornais e revistas. Muito do que ele publicou em vida foram nesses dois meios de comunicação e vários de seus livros publicados são, na ver-

dade, textos que foram compilados e isso dificulta muito o trabalho, inclusive para definir o que é obra do Flusser, porque é uma obra fragmentária. Existem aqueles livros orgânicos, que ele escreveu do começo ao fim, como *A história do diabo* (Martins Editora, 1965), por exemplo, mas têm também vários casos de livros que foram compilações de textos seus. A bibliografia flusseriana é muito complicada, porque podemos encontrar o mesmo ensaio publicado em dois volumes diferentes. E como ele morreu em acidente de carro em 1991, depois disso

algumas editoras desejaram realizar uma edição mais ou menos “completa”. Uma delas, porém, faliu no meio do processo e isso ficou incompleto. Teve ainda a questão dos direitos autorais. Até hoje existem vários imbróglios na Alemanha em relação a isso devido à dificuldade de se tentar republicar um texto. Então, é um verdadeiro labirinto. A obra de Vilém Flusser é muito complexa. E o Arquivo Flusser tem recursos muito limitados.

IHU On-Line – O que mais lhe interessa e chama atenção nos trabalhos de Flusser?

Erick Felinto de Oliveira – Flusser era um pensador realmente transdisciplinar. Não tinha fronteiras no pensamento e ele passeava por várias referências e por diversos campos de força intelectuais. Obviamente, a sua reflexão sobre comunicação é muito forte. Seu pensamento tinha um foco importante sobre a questão da tecnologia e dos meios, principalmente esse começo que ele viveu com o início ainda da revolução digital. Esse aspecto de obra sua é bastante relevante. Mas Flusser era um pesquisador que foi muito aproveitado no campo das artes tecnológicas. Ele era muito respeitado, principalmente na Alemanha, nesse horizonte da arte-mídia. O que comprova isso é o fato de a universidade onde está sediado o Arquivo Flusser hoje ser uma Universidade de Artes.

IHU On-Line – Poderíamos reler Flusser na contemporaneidade com o surgimento e fortalecimento das mídias digitais? Ele nos ofereceu pistas nesse sentido em seus trabalhos? De que maneira?

Erick Felinto de Oliveira – Sem dúvida. Qualquer pesquisador, não importa em que momento tenha escrito, pode oferecer pistas sobre o presente. Walter Benjamin¹, que vi-

1 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu ao suicídio. Um dos principais pensadores

“Flusser era um pensador realmente transdisciplinar”

veu bem antes de Flusser, também traz pistas interessantes para pensarmos as tecnologias digitais e a cultura contemporânea. Em relação a Flusser, ele não chegou a viver plenamente a onda de transformações tecnológicas que aconteceu. Aliás, nós ainda estamos vivendo isso. Mas intuiu. A minha perspectiva, pelo que leio de Flusser, é que ele intuiu várias forças culturais e energias espirituais que vieram depois nos caracterizar como problemas contemporâneos. Um dos temas, por exemplo, que, creio, o autor antecipa, porque quando ele morreu isso ainda era muito incipiente, é a questão do pós-humanismo². Esse, inclusive, é o tema do livro *Explorador de abismos – Vilém Flusser e o pós-humanismo* (São Paulo: Paulus, 2012), publicado em parceria com a professora Lucia Santaella³.

IHU On-Line – Já que o senhor citou Walter Benjamin, houve alguma

da Escola de Frankfurt. Sobre Benjamin, confira a entrevista *O império do instante e a memória*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora às Notícias do Dia 01-11-2009, disponível em <http://bit.ly/2FtAJL>. (Nota da IHU On-Line)

2 Pós-humano já foi tema de capa da Revista IHU On-Line, edição 200, de 16-10-2006, disponível em <http://migre.me/9PL3Q>. (Nota da IHU On-Line)

3 **Lucia Santaella**: professora titular no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, com doutoramento em Teoria Literária na mesma instituição e Livre-Docência em Ciências da Comunicação na ECA/USP. É coordenadora da Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, diretora do Centro de Investigação em Mídias Digitais - CIMID e coordenadora do Centro de Estudos Peirceanos, na PUC-SP. Dentre suas dezenas de livros publicados, destacamos *A ecologia pluralista da comunicação* (Paulus, 2010), *Linguagens líquidas na era da mobilidade* (Paulus, 2007) e *Corpo e comunicação: Sintoma da cultura* (Paulus, 2004). (Nota da IHU On-Line)

influência do filósofo nos estudos de Flusser?

Erick Felinto de Oliveira – Existiu, como de vários outros autores. Ele nem sempre citava, aliás, raramente o fazia, mas Benjamin era um dos poucos que Flusser mencionava literalmente. Por exemplo, o texto clássico *A obra de arte na época da sua reproduzibilidade técnica* (Porto Alegre: Zouk, 2012). Então, Benjamin, McLuhan⁴, Heidegger⁵ e Husserl⁶ eram algumas

4 **Herbert Marshall McLuhan** (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). Confira a edição 357 da revista IHU On-Line, de 11-04-2011, intitulada 100 anos de McLuhan: um teórico de vanguarda, disponível em <http://bit.ly/oZJLrh>. (Nota da IHU On-Line)

5 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biológico radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologicismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des) governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

6 **Edmund Husserl** (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como ideia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da IHU On-Line)

referências que Flusser utilizava de forma mais explícita. Mas o autor costumava incorporar as ideias sem mencionar as fontes.

IHU On-Line – De que maneira a Escola de Toronto foi referência importante nas obras de Flusser?

Erick Felinto de Oliveira – A Escola de Toronto se enquadra na linha da relação entre tecnologias da comunicação e cultura. Ademais, a questão das materialidades das tecnologias e os impactos materiais destas eram pontos que apareciam com bastante força no pensamento de Flusser. Ele era um pensador que fazia parte dessa tradição materialista, que avaliava de que forma as configurações tecnológicas e as estruturas materiais dos meios produziam formas de cognição. Nesse aspecto, ele convergiu bastante com a Escola de Toronto.

IHU On-Line – De que maneira Flusser definiu o conceito de comunicologia?

Erick Felinto de Oliveira – Comunicologia era a proposta de uma ciência que, curiosamente, não seria parte das ciências humanas, mas seria mais ampla do que esta. Tratava-se de uma visão de que a comunicação é a essência da experiência humana. Sendo assim, ela estaria em toda a parte. A comunicologia seria, portanto, uma espécie de disciplina transdisciplinar. Sem fronteiras muito rígidas, que abarcasse todo um campo de questões da vida humana, da sociedade, da cultura, a partir de um prisma que tem bastante a ver com a cibernética, porque esta também tinha como proposta criar uma grande disciplina que fosse capaz de explicar praticamente tudo, com base em determinados princípios, como a centralidade da noção de informação, nos processos culturais, sociais, humanos e da vida. E a noção de informação estaria no centro disso tudo bem como a transmissão, a armazenagem e o processamento de informação. Então, a comunicologia seria uma espécie de ciência

“Existiu em Flusser uma vontade de unificar aquilo que foi separado pela modernidade, como arte, ciência, religião; de quebrar as barreiras dos campos que foram fraturados pelo pensamento moderno”

que estaria tomando como base esses princípios e, com isso, oferecendo instrumentos para analisar diferentes fenômenos e aspectos da vida.

IHU On-Line – Qual a peculiaridade de Flusser já que, muitas vezes, ele conseguiu reunir conceitos muitos dos quais distintos, como a semiótica, a fenomenologia e a cibernética, em seus estudos? Ele teve êxito nisso?

Erick Felinto de Oliveira – É difícil falar em uma obra original. O que os grandes pensadores e teóricos fazem hoje é oferecer uma perspectiva, um olhar diferente, em cima do estudo que já foi dito. Umberto Eco⁷ costumava dizer que: “todas as histórias já foram contadas”. Deve-se, portanto,

⁷ Umberto Eco (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, linguística e filosofia, dentre os quais se destacam *Apocalípticos e Integrados*; *A estrutura ausente*; e *Kant e o ornitorrinco*. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo *O nome da rosa*, adaptado para o cinema. (Nota da IHU On-Line)

encontrar uma maneira diferente de repeti-las. Então, o que Flusser fazia, como muitos outros autores contemporâneos, era oferecer um olhar singular sobre essa massa crítica, que já existe, e trazia a sua contribuição singular, pessoal. Quando ele falava, tentava combinar uma coisa muito complexa, que é a cibernética, que foi uma das grandes fontes de influência de seu pensamento, com a fenomenologia, o que é uma combinação bastante complicada, mas que traz uma perspectiva interessante de como pensar esses dois polos, o que representa, em certo sentido, um aspecto mais matemático, ligado à racionalidade, do que ao que seria a criatividade, a poesia e a arte. Existiu em Flusser certo impulso barroco; uma vontade de unificar aquilo que foi separado pela modernidade, como arte, ciência, religião; de quebrar as barreiras dos campos que foram fraturados pelo pensamento moderno.

IHU On-Line – Como você avalia a divulgação de Flusser nos cursos de pós-graduação em Ciências da Comunicação nas universidades brasileiras?

Erick Felinto de Oliveira – Muito pequena e fraca. Flusser ainda não é uma referência realmente forte, inclusive no Brasil. Na Alemanha é muito mais do que aqui. Lá, atualmente, qualquer manual de Teoria da Mídia coloca Flusser como pensador fundamental. Ele foi inclusive comparado ao McLuhan, como se fosse o McLuhan da Alemanha. Aqui no Brasil a divulgação é muito fraca. Apenas pequenos grupos e poucos autores têm feito um trabalho de estudar sua obra. Em São Paulo, tem um núcleo mais forte de flusserianos. Mas ainda é incipiente.

São várias as razões que fazem Flusser ser ainda pouco conhecido e trabalhado. Uma delas se dá pelo fato de o autor não ter sido tradicional, academicamente falando. Seu discurso não era um que a academia aceitasse com facilidade, porque ele dava saltos entre diversas formas de conhecimento; não era um pensa-

mento sempre lógica e rigorosamente estruturado. É evidente que podemos criticar esse seu estilo; creio que não precisamos ter uma atitude dogmática de que o pensador é uma divindade, e não pode ser questionado – até porque isso é totalmente antiflusseriano. Ele era um tipo de pensador que também gera isto: fãs, discípulos. O que é perigoso, com uma obra tão diversa e até contraditória como a dele. É preciso ainda entender que existem certas formas de pensamento em que a contradição é um elemento interessante.

Academia brasileira conservadora

Outra razão é o fato de a academia brasileira ser muito conservadora. Daí um pensamento desta natureza, como de Flusser, ter muita dificuldade em se estabelecer em nosso país como algo reconhecido dentro de nosso sistema acadêmico. Creio que estamos formando uma geração de pensadores, nos cursos e nas pós-graduações do Brasil que não conseguem pensar fora da caixa. Os americanos têm essa expressão. Isso é um problema. São especialistas que, na verdade, não conseguem fazer ponte. Não conseguem produzir um pensamento original porque não se permitem sair da fronteira na qual foram limitados. Flusser era o oposto disso. Ele era um autor multidisciplinar.

E a última razão é a de que se trata de uma obra difícil, vasta, que trata de diversos temas, sendo escrita em quatro línguas. Então, para fazer um estudo sério da obra de Flusser, deve-

“É preciso ainda entender que existem certas formas de pensamento em que a contradição é um elemento interessante”

-se dominar as quatro línguas e isso já é um desafio, considerando que, talvez, a maior parte do que ele tenha escrito esteja em alemão. Em segundo lugar, o português, depois francês e inglês.

IHU On-Line – Como avalia a divulgação de Flusser para os próximos anos?

Erick Felinto de Oliveira – Tenho um *feeling* de que realmente Flusser irá começar a aparecer nos próximos anos. Começam a surgir eventos aqui no Brasil nesse sentido. Em Fortaleza, tem um grupo interessante de estudos sobre Flusser. Além disso, terá um evento em dezembro em Natal sobre o autor; vários de seus livros estão sendo lançados nos Estados Unidos. Têm coisas sendo traduzidas para o inglês. Então, está começando, talvez, uma onda internacional de revalorização

dos pensamentos de Flusser. Penso que ele deve continuar crescendo nos próximos anos. Creio que isso é bastante interessante porque precisamos de pesquisadores como ele que transcendam os paradigmas tradicionais, as fronteiras que tentamos estabelecer entre conhecimentos e disciplinas

Leia mais...

>> Veja o que mais a **IHU On-Line** já

publicou de **Erick Felinto**:

- *A era da memória total e do esquecimento contínuo*. Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line** número 368, de 04-07-2011, disponível em <http://migre.me/9PHgh>;
- *Inovação, não saudosismo: o desafio dos estudos sobre comunicação e mídia*. Artigo publicado nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU em 16-06-2011, disponível em <http://migre.me/9PHII>;
- *Um futuro complexo, híbrido, incerto e heterogêneo*. Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line** número 375, de 03-10-2011, disponível em <http://migre.me/9PHqe>.

LEIA OS CADERNOS IHU
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

No além das máquinas – um texto inédito de Flusser

Publicamos nesta edição dois textos inéditos de Vilém Flusser, enviados pelo professor Siegfried Zielinski¹, a quem agradecemos. Os artigos originais, bem como seus direitos autorais, são do Arquivo Flusser, localizado na Universidade de Arte, em Berlin.

O primeiro texto, intitulado “No além das máquinas”, segue abaixo. O segundo, “Modelos do corpo humano”, segue ao final deste tema de capa, logo após a entrevista de Rodrigo Duarte.

No além das máquinas

(Para o engenheiro Milton Vargas)

Vilém Flusser e Milton Vargas se correspondiam regularmente e Flusser escrevia ensaios especialmente para o amigo, mesmo sem a intenção de publicá-los.

Para poder-se trabalhar, é preciso supor que o mundo não é como deve ser, e que é possível muda-lo. Tais pressupostos são problemas. Do problema como o mundo é trata a ontologia, do problema como deve trata a deontologia, e do problema como pode ser mudado trata a técnica. Os problemas se engrenam. Não tem sentido dizer que o mundo é como deve, se não se sabe como ele é: nenhuma deontologia sem ontologia. Nem dizê-lo se não se sabe como o mundo deve ser: nenhuma ontologia sem deontologia. Negar que o mundo é como deve ser não tem sentido sem saber que pode ser mudado: sem técnica nem ontologia nem deontologia.

Tampouco tem sentido considerar a modificabilidade do mundo se não se sabe que o mundo não é como deve ser: nenhuma técnica sem ontologia e deontologia.

“Originalmente” (isto é, desde que há gente que trabalho), não se distinguia entre os três aspectos do trabalho. O lado ontológico, deontológico e técnico da magia pode ser visto por nós, mas não pelo mágico. Mas uma vez vislumbrada a distinção tripartite, surge um problema de segunda ordem: o da relação entre os três aspectos. A história de tal problema secundário (que é a história da humanidade) é esta: na primeira fase da distinção o interesse se concentra

sobre o alvo do trabalho, o “dever-ser” do mundo. Isto é, trabalha-se eticamente, moralmente, religiosamente, politicamente, de “boa fé”, em suma: praticamente. Na segunda fase alguns homens se concentram sobre o ser do mundo que se revela sob trabalho. Assim surge o trabalho epistemológico, científico, experimental, “sem fé”, em suma: trabalha-se, também, teoricamente. Na terceira fase o interesse se concentra sempre mais sobre o método do trabalho, e o trabalho tende a ser seu próprio propósito. Surge o trabalho funcional, técnico, programado, crono e organigrafado, de “má fé”, em suma: tende-se a trabalhar eficientemente. Na primeira fase predo-

¹ Siegfried Zielinski: teórico da mídia alemão. Aborda principalmente os temas de Teoria da Mídia, Arqueologia e Variantologia da Mídia na Universidade de Berlim. É autor de *A arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas de ver e do ouvir* (São Paulo: Annablume, 2006). Leia uma entrevista concedida por ele à **IHU On-Line**, intitulada “Ser offline e existir online”, publicada na edição número 375, de 03-10-2011, disponível em <http://bit.ly/PyeX5H> (Nota da **IHU On-Line**)

minam questões finais, “para quê?”; na segunda questões causais, “por quê?”; na terceira questões formais, “como?”. Há, pois, três modelos históricos do trabalho: o do revolucionário engajado, o do cientista pesquisador, e o do funcionário tecnocrata.

A maioria da humanidade não trabalha. Serve de instrumento para o trabalho de outrem. Em tal alienação não está interessada nem em epistemologia, nem em ética, nem em metodologia. Não quer saber nem como o mundo é, nem como deve ser, e a ideia de querer mudar o mundo não lhe ocorre. A maioria da humanidade participa da história passivamente: sofre. E a minoria que trabalha é simultaneamente revolucionária, científica e tecnocrática, porque todo tipo de trabalho envolve todos os demais. Os três modelos não são jamais realizados em sua pureza. A divisão proposta da história não passa de esquema. Mas de esquema útil. Permite lançar luz específica sobre a dita “crise dos valores”.

Porque permite lançar a seguinte tese: na pré-história, durante a dominação do trabalho mágico, os valores não podiam ser questionados. Durante o trabalho engajado a questão dos valores predomina. Durante o trabalho-pesquisa a questão dos valores é suspensa. E durante o trabalho funcional a questão dos valores não tem sentido. Tal tese merece atenção, mas exige consideração prealável: “valor” é medida do dever-ser, e há várias escalas de valores, por exemplo, os de “uso”, de “troca”, os “simbólicos” etc. Isto é, “valor” é conceito codificado. Uma tendência biologizante do século passado sustentava que os homens trabalhavam para “satisfazer suas necessidades”, tal tese passou a ser o “senso comum” da atualidade. (“Senso comum” é raciocínio em base de preconceitos relativamente recentes.) A tese biologizante é insustentável. As “necessidades” humanas são definíveis apenas em nível biológico, e animais não trabalham. A renda per capita no Tchad é \$ 80.— por ano, o que satisfaz as necessidades, já que os chadianos vivem. A renda per ca-

pita na Suíça é de \$ 8.780.— por ano, o que não satisfaz as necessidades, já que os suíços procuram aumentá-la. Em suma, a meta do trabalho não é satisfazer uma necessidade biológica, mas realizar um valor codificado, um “dever-ser” inserido em determinada escala. Porque trabalho é movimento natural, mas gesto codificado (cultura).

Na pré-história mágica a questão dos valores não pode ser posta, porque, para poder medir, é preciso estar-se do lado de fora do objeto a ser medido. Mas o dever-ser a ser medido pervade, durante a época mágica, tanto o mundo trabalhado quanto o homem que o trabalha. Homem e mundo estão plenos do dever-ser, de “deuses”, e mundo e homem são governados pelas regras da ética, as “leis” da recriminação, do tabu, do “pecado”. A questão que domina em tal situação não pode ser “que devo fazer?” (questão do valor), mas “que acontece se não faço o que devo fazer?” (questão da punição). Os valores não podem ser duvidados, não há distância para tanto. Não estão por cima, ou dentro, ou diante do homem, mas o homem está neles. Toda a dúvida se concentra sobre a infração dos valores indubitáveis.

A questão “que devo fazer?” surge qual espada flamejante no caminho da humanidade quando os homens caem fora dos valores. Jaspers pensa que isto se deu graças ao emergir de novo nível de consciência no século VIII a.C., na Jônia, na Palestina, na Índia e na China. E tal pergunta impõe a outra: “para quê faço?”. O valor se torna problema, barra o caminho. Isto é a origem da existência histórica, que é existência problemática: obrigada a questionar o dever-ser do mundo. Obrigada a formular códigos, leis, imperativos. Obrigada a viver religiosamente, politicamente. Obrigada a trabalhar praticamente, engajadamente. Isto é, para o “bem”.

Mas a questão do valor implica a do ser, a medição do dever-ser implica a medição do ser-assim, e a praxis implica a teoria. A afirmação que a

teoria nasceu com os gregos antigos é duvidosa. Elementos teóricos são inseparáveis em todo trabalho prático (na Babilônia, no Egito, na Palestina). E teoria em sentido exato, teoria eliminadora de valores, não surgem senão na Itália do século XIV. É somente quando a epistemologia se “libera” da ética, quando a questão do “bem” é posta entre aspas, que surge a teoria científica, isto é, o trabalho de pesquisa. E isto leva ao divórcio entre o ser-assim e o dever-ser que caracteriza o Ocidente moderno. O mundo passa a ter duas regiões: a dos valores (a sociedade), na qual é preciso perguntar “por quê?”, e a dos dados (a natureza), na qual é preciso perguntar “por quê?”. E a cultura passa a dividir-se em científica e humanista. À questão “que devo fazer?” (guerras religiosas, lutas políticas) acrescenta-se a outra: “por que faço o que faço?” (problema da relação entre ciência e política, entre juízo lógico e juízo imperativo). A questão do valor não se põe apenas enquanto “qual valor?”, mas também enquanto “que é valor?”. A existência moderna é obrigada não apenas a trabalhar praticamente, engajadamente, mas também teoricamente, cientificamente. Não apenas para o “bem”, mas também para a “verdade”.

Ciência e política, epistemologia e ética, se divorciaram. Isto leva a comparar as duas formas de trabalho, a fim de reunificá-las, já que não pode haver ontologia sem deontologia e vice-versa. E tal comparação formal leva, por sua vez, à tecnicalização do trabalho. As perguntas finais e causais (“para quê” e “por quê”) são reduzidas, em tal comparação a perguntas formais (“como”). As consequências disso continuam imprevisíveis. Já produziram a Revolução Industrial e o Aparelho. Já produziram o trabalho pelo trabalho (l’art pour l’art), na forma da moral de trabalho burguesa, na forma da glorificação fascista do “ato”, e na forma da filosofia do trabalho marxista enquanto laborterapia salvadora. E estão produzindo atualmente à análise estrutural, à tecnocracia, à cibernética, em suma: ao trabalho funcional como

propósito de si mesmo. Ciência e política se reúnem sob o signo da técnica, já que questões finais e causais passam, ambas, a serem “metafísicas” em sentido pejorativo: tanto a questão do “valor” quanto a da “coisa em si” são questões mal colocadas, porque não há método que possa levar a respostas. A existência pós-industrial está condenada a não mais poder trabalhar nem prática, nem teoricamente, mas a funcionar formalmente. Nem para o “bem”, nem para a “verdade”, mas em função da função que desempenha. Isto é a crise dos valores. O trabalho se tornou, a rigor, impossível. Com isso não acaba apenas a história, mas também a forma humana de existir (*homo faber*). Se não posso perguntar “que devo fazer?”, não mais trabalho. Mas a consciência disso ainda não se repandiu. Embora a subconsciência já o registre. Trabalha-se sempre menos, e sempre com menos empenho, porque “máquinas podem fazê-lo”. É preciso, pois, considerar as máquinas, se quisermos captar a essência (*eidós*) da impossibilidade para o trabalho. É preciso ir além da máquina para poder ver a existência sem trabalho.

Máquinas são objetos feitos para vencer a resistência que o mundo põe ao trabalho. São “boas” para isso. A flecha paleolítica é boa para matar renas, o arado neolítico é bom para a agricultura, e o moinho clássico é bom para transformar trigo em farinha. Isso porque animais devem ser mortos, campos devem dar trigo, e trigo deve ser farinha. Máquinas não são, pois, problemas, mas métodos para resolver problemas. São objetos práticos, políticos, religiosos (como já eram objetos rituais na época da magia). Máquinas são objetos pré-históricos absorvidos pela história; em todo caso são objetos pré-modernos: exigem a pergunta “para quê” isso serve?”. Servem ao engajamento.

Na época moderna máquinas se problematizam, e é por isso que ocupam um dos centros do interesse. (O helenismo, essa modernidade frustrada, apenas prefigura tal problematidade.) Quando a pergunta “para

quê” à do “por quê”, a visão da máquina muda em dois sentidos. De um lado surgem máquinas que servem à descoberta, e não à modificação, do mundo, os ditos “aparelhos”. Pode-se dizer que o telescópio é bom para ver as montanhas da Lua, tanto quanto o moinho é bom para fazer farinha, mas não se pode fazer que as montanhas da Lua devam ser outra coisa como o trigo deve ser farinha. Os aparelhos são bons, mas não são bons para algo. Do outro lado máquinas não são vistas apenas enquanto meios, mas também enquanto sistemas. Tal visão causal da máquina produz a cosmovisão mecanicista (máquinas enquanto modelos de mundo), para a qual a questão final perde sentido (o mundo pode ser bom ou não, mas não é bom para algo). E produz também a visão teórica da máquina, a qual permite fazer novas máquinas, isto é, a Revolução Industrial explode. Na época moderna, a máquina passa a ser problema, porque coloca a questão do valor, em vez de meramente servir à realização de valores.

Uma das consequências da Revolução Industrial é o acúmulo de máquinas em conjuntos chamados “aparelhos”. Telescópios complexos. Que o aparelho administrativo de um país ou o aparelho industrial de um continente são máquinas do tipo “telescópio” não é imediatamente óbvio, mas dá-se claro quando considerado. O aparelho administrativo, tanto quanto o telescópio, serve para apresentar o mundo, não para modificá-lo. A questão “para quê serve a França?” não pode ser respondida com “a fim de modificar o mundo”, mas com “a França é boa ou não, mas não é boa para algo”. A França, tanto quanto o telescópio, apresenta “um mundo”, é aparelho, isto é, conjunto de máquinas para o qual a pergunta “para que serve isso?” levanta problemas.

Aparelhos, tanto quanto máquinas *tout court*, modificam o mundo, mas o fazem acidentalmente (princípio de Heisenberg). Aparelhos do tipo telescópio e França provocam pontos de vista, ideologias deformadoras do mundo. São problemas não apenas

para a ética, mas também para a epistemologia. Mas sobretudo problematizam o conceito do trabalho.

O aparelho, e sobretudo o aparelho pós-industrial, inverte a relação pré-industrial entre a máquina e o homem. Antes da Revolução Industrial a máquina está entre o mundo a ser trabalhado e o homem quem o trabalha: é a prolongação do homem, “pertence” ao homem. Daí o problema fundamental da existência histórica: quais os homens aos quais máquinas “devem” pertencer? Depois da Revolução Industrial o homem passa a funcionar em função das máquinas dentro de um ou vários aparelhos. O mundo a ser trabalhado passa para o além do horizonte, passa a ser “metafísico”, isto é, coisa em si. Em outros termos, antes da Revolução o homem é a constante, e a máquina a variável da relação máquina/homem, e depois da Revolução o aparelho passa a ser a constante. Antes da Revolução seria impensável dizer-se que o moleiro e o trigo servem para alimentar o moinho. Depois da Revolução não apenas a mão de obra serve à indústria, mas isso até é sacralizado: os franceses servem à França. Tal situação kafkiana provoca, no século XIX, reação curiosa.

Surge a esperança que as máquinas sincronizadas em aparelhos podem “libertar” o homem para trabalhos criativos. Máquinas podem substituir os escravos. A humanidade pode, toda ela, desalienar-se. A história enquanto processo durante o qual a humanidade transforma o mundo naquilo que deve ser pode passar a ser história da humanidade toda. Tal esperança é responsável pelo clima otimista, progressista do século XIX, e foi articulada mais adequadamente pelo marxismo. Tal esperança ainda não está totalmente morta, embora esteja atualmente óbvio que peça por incompreensão do aparelho. A morte de tal esperança progressista é lenta, porque se trata da última fé que nos resta.

O aparelho não pode libertar o homem para trabalhos criativos. Não o pode, porque exige, em seus está-

gios iniciais, que o homem sirva ao aparelho. E porque, nos seus estágios mais avançados, pode, em tese, realizar não importa que trabalho, inclusive o mais “criativo”, melhor que qualquer homem. Mas sobretudo o aparelho não pode libertar o homem para trabalhos criativos, porque trabalhar criativamente, depois do aparelho instalado, não tem sentido. Não apenas o homem não pode escrever sinfonias no primeiro estágio industrial, porque precisa funcionar em de seguros, e no segundo estágio porque computadores fazem sinfonias mais perfeitas mais rapidamente. Não pode escrever sinfonias porque sinfonias não tem sentido em situação de funcionamento. Se posso mostrar sob análise formal não apenas o que a sinfonia é (carga informativa etc.), mas também como programar emissor e receptor de sinfonias, se portanto a questão do valor perdeu sentido, fazer sinfonias perdeu sentido. Não há nada para o qual a máquina possa libertar, e a colocação mesma do problema (para quê libertar?) pode ser mostrada sem sentido.

Mas isso não é tudo. Não apenas a máquina não pode libertar o homem, mas o homem não pode libertar-se do aparelho. Não apenas no sentido já arcaico que o aparelho exige que o homem o sirva (“England expects everybody to do his duty”), porque a cibernética permite vislumbrar aparelhos autônomos do homem

(uma Inglaterra sem ingleses). Mas o homem não pode libertar-se do aparelho porque existe nele. Sem aparelhos, ciberneticamente sincronizados ou não, a humanidade morreria. Não porque os aparelhos satisfazem as “necessidades” de uma humanidade em explosão demográfica (tal argumento do senso comum já foi refutado), mas porque os aparelhos são atualmente o mundo dentro do qual, para o qual e do qual a humanidade vive. Uma Inglaterra sem ingleses é imaginável, mas não um inglês sem Inglaterra. O aparelho é constante, o homem é variável.

Diante desse fato (inconscientemente já sobrevivível, embora ainda não totalmente conscientizado), várias novas atitudes estão se formulando. Uma é a de considerar toda tentativa de querer transcender o aparelho tentativa “mística”, e, por certo, “traidora” da fidelidade ao aparelho (única fidelidade que resta depois da morte dos valores). É a atitude dos funcionários em carreira e dos tecnocratas (dos que creem ideologicamente terem superado todas as ideologias). Outra atitude é a do desespero: não se escapa mais ao aparelho, e todos estão condenados a funcionarem em vez de viverem. É a atividade kafkiana, mas seu clima não é mais do absurdo vivenciado, mas do absurdo amortecido pelo consumo. Uma terceira atitude é a tentativa de demolir os aparelhos aos poucos, diminuir progressivamente o

dito “standard” de vida (o que implicaria no aumento da dita “qualidade de vida”), e passar destarte imperceptivelmente para fora do aparelho. É a atitude dos hippies, dos ecólogos, em suma: da dita “nova esquerda”. Uma quarta atitude é a tentativa de perturbar o aparelho por dentro a fim de criar buracos de “mau funcionamento”, dentro dos quais a humanidade estaria livre. É a atitude da contestação anárquica, dos ditos “terroristas”. Mas todas tais atitudes (e outras não mencionadas) não podem contornar o fato que além das máquinas não é possível imaginarmos existências que trabalham, isto é, mudam o mundo a fim de que o dever ser seja.

Máquinas pós-industriais são resultados da concentração do interesse sobre o aspecto metodológico, do “como”, do processo do trabalho. Não estão sendo abusadas, nem nos abusam: funcionam corretamente. A técnica, que não é possível sem ontologia nem deontologia, não obstante devorou tanto ontologia quanto deontologia. Nenhuma espécie de saudosismo pode reinstaurar o Ser e os Valores. A função, a relação, o “campo”, o “Sachverhalt”, o “ecos”, devorou Ser e Valor ao encerrá-los na caixa preta do “nonsense”. Por isso a vida no além das máquinas é estritamente imaginável. Embora em certo sentido já estejamos nela.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Flusser e a filosofia da pluralidade, do encontro e do diálogo

Nesse diálogo, segundo Rainer Guldin, não existe uma voz que poderia falar por todas as outras. Cada voz pode se articular livremente

POR THAMIRIS MAGALHÃES | TRADUÇÃO: MOISÉS SBARDELOTTO

Vilém Flusser conseguiu enxergar além de seu tempo. Apesar de não vivenciar o fortalecimento das mídias digitais, o autor conseguiu deixar marcas de seus trabalhos que ainda hoje servem de base para pensarmos a contemporaneidade. “Flusser viu alguns aspectos problemáticos do estar em rede, do existir online. Em um texto dos anos 1970, ele descreve o diálogo em rede como um modelo em que tudo é sacrificado pela circulação contínua de informações de todos os tipos. A fluidez é tudo”, explica um dos pesquisadores mais renomados da obra de Flusser, Rainer Guldin, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Rainer Guldin frisa que Flusser sempre teve uma atitude muito ambivalente com relação às mídias. “De um lado, ele acentuou a sua criatividade, a sua possibilidade de inven-

tar novos mundos e novos modos de interagir. De outro, porém, sempre alertou para os perigos inerentes à criação e à utilização de novas mídias.”

Ligado à Università della Svizzera Italiana, em Lugano, na Suíça, onde leciona filosofia, Rainer Guldin é editor-chefe da revista *Flusser Studies* e um dos pesquisadores mais renomados da obra desse autor. Estudou Germanística e Letras/Inglês na Universidade de Zurique e na Universidade de Birmingham (Reino Unido). Obteve doutorado em Literatura Alemã com uma tese sobre Hubert Fichte. Já ministrou aulas na Universidade Bauhaus de Weimar e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de diversos ensaios dedicados a obra de Vilém Flusser, a teorias da tradução e a história do corpo humano.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como podemos definir os conceitos de “traduções” e “retraduções”, cunhados por Flusser?

Rainer Guldin – Flusser tinha uma visão muito ampla do conceito de tradução. Traduzir é, sobretudo, transformar, recriar, de modo a descobrir novos aspectos. Traduzir implica sempre um salto de um universo ao outro, um corte radical, e com isso é ilusório querer acreditar que se possa traduzir literalmente, sem perda alguma, bem como tentar defender um princípio errôneo de reprodução perfeita. A tradução, como Flusser a entendia, não quer produzir uma cópia exata do

original. Traduzir significa abrir-se a novas situações, sabendo que, apesar de ser necessária, a tradução é fundamentalmente impossível. O processo de tradução é aberto, pode continuar *ad libitum* sem que jamais se chegue a reproduzir exatamente o original. Quando renunciamos conscientemente a esse ideal e nos concentramos no que acontece no processo de tradução para descobrir novas perspectivas, o intraduzível deixa de ser um problema e se torna uma inspiração a seguir. Flusser usou a tradução para criticar os seus textos, para submetê-los ao regime lógico de outra língua, para testar

a sua coerência interna, mas também para publicar diversas variações do mesmo texto. Aqui, provavelmente também teve um papel importante o aspecto financeiro.

Tradução e retradução

Flusser nunca reescreveu um texto na mesma língua, mas sistematicamente traduziu todos os seus textos. Assim, cada texto tem uma ou mais variações em uma outra língua. Em um caso, até 12 versões diferentes. Penso que essa interpretação muito dinâmica e criativa do conceito de tradução tem a ver tanto com as bases da sua

filosofia como com a prática diária de tradução e de retradução. Os dois aspectos se pressupõem mutuamente. A tradução é um processo fundamentalmente linear. O conceito de retradução, ao invés, introduz a noção de reflexão e de inversão. Depois de ter traduzido um texto do português para o alemão, do alemão para o inglês e do inglês para o francês, cumulando novos pontos de vista e aspectos visíveis apenas através do espectro de uma outra língua, Flusser retraduzia o seu texto na língua inicial, tentando criar uma síntese de todos os aspectos encontrados no processo de tradução. Nesse ponto, impunha-se também uma comparação entre o primeiro e o último textos para ver como eles diferiam um do outro. Naturalmente, podia-se “coenvolver” esse texto em mais uma rodada de dança. Nesse sentido, um texto nunca estava totalmente terminado. Flusser mencionava dois critérios para interromper a dança: satisfação pessoal ou possibilidade de publicação. Esse é o aspecto prático da tradução e da retradução. A isso é preciso acrescentar que tradução e retradução são duas metáforas centrais no seu sistema filosófico. No texto *Caixa preta*, dos anos 1980, por exemplo, Flusser liga a tradução à história, e a retradução à pós-história. A história traduz imagens em textos, e a retradução retraduz textos em imagens. A tradução é um princípio operacional que funciona mesmo quando se passa de um discurso a outro, ou de uma fase da vida a outra. Sempre que ocorre uma transformação, estamos diante de uma forma de tradução. Um perigo inerente a essa visão metafórica totalizante do fenômeno da tradução é que a metáfora corre o risco de perder o seu significado.

IHU On-Line – De que forma a obra do filósofo pode ser compreendida como uma reflexão sobre o fenômeno da tradução?

Rainer Guldin – O princípio da tradução, como já se disse, é operacional em todos os níveis da sua obra. Flusser constantemente ampliou e modificou o seu modo de pensar traduzindo conceitos de um campo a ou-

“Traduzir é, sobretudo, transformar, recriar, de modo a descobrir novos aspectos”

tro. Ele começou com uma definição estritamente linguística da realidade. A língua inventa, cria a realidade. Mas, em seguida, ele reformulou o seu pensamento, adotando sempre novos modelos: a teoria da informação, a teoria da comunicação, a cibernética, a teoria dos jogos, a teoria dos gestos. Poder-se-ia descrever o desenvolvimento do seu pensamento como uma contínua tradução e retradução, uma espiral que vai se ampliando à medida que prossegue, que avança, mas que gira continuamente em torno dos mesmos temas, combinando desse modo repetição e novidade. Isto é, poder-se-ia aplicar a metáfora da re/ tradução ao conjunto da sua obra. Isso confere à sua obra uma grande riqueza, mas, ao mesmo tempo, também uma notável coerência interna. Pensar é traduzir: transformar o que já se sabe, integrando novos elementos. Recriar traduzindo em novos contextos mais amplos, acrescentando e integrando sempre novos elementos.

IHU On-Line – Qual é a relevância atual das postulações flusserianas sobre a tradução para os estudos de tradução em geral?

Rainer Guldin – Nos últimos anos, chegou-se a uma teoria da tradução que sucessivamente integrou o aspecto cultural, a importância do contexto político-social de cada operação de tradução e a própria figura do tradutor. Em vez do conceito de equivalência que subordinava a tradução ao original, lentamente se impôs um conceito de tradução como transformação. Além disso, falou-se muitas vezes de um terceiro espaço in-

termediário e híbrido entre as línguas e culturas individuais. Em vez de se interessar apenas pela passagem do sentido de uma língua a outra, agora estamos muito interessados pelo que acontece na passagem de uma língua a outra. Os problemas, as hesitações, as contradições insolúveis. Esse novo conceito de tradução poderia nos ajudar a entender melhor o que acontece quando ocorre uma transformação. Flusser se interessou pela teoria da tradução de modo sistemático especialmente nos anos 1950 e 1960, em uma época, portanto, em que ainda predominava uma concepção fundamentalmente linguística da tradução, que idealizava a ideia de um transporte sem perdas do conteúdo original. Flusser não seguiu mais as mudanças que ocorreram em seguida e morreu antes que se impusesse a *cultural turn* [virada cultural] na teoria da tradução e *translational turn* [virada translacional] nos *cultural studies* [estudos culturais]. Penso que esses desenvolvimentos o interessariam muito.

À frente do seu tempo

Apesar disso, Flusser desenvolveu um conceito de tradução muito à frente do seu tempo. Esse conceito inspirado por Quine¹, mas, sobretudo, por poetas como Haroldo de Campos², de quem Flusser traduziu duas passagens em alemão, privilegia a transformação, a recriação. Haroldo de Campos falava de *transcriação*. Através da possibilidade da retradução, Flusser também introduziu um princípio fundamentalmente democrático no processo de tradução. Quando traduzo do alemão ao francês, as minhas decisões ocorrem em função do francês, que é a metalíngua do alemão, língua objeto. Mas posso ainda inverter essa relação hierárquica, traduzindo do francês para o alemão. Nesse caso, o alemão se torna metalíngua do francês, que,

¹ Willard Van Orman Quine (1908-2000): um dos mais influentes filósofos e lógicos norte-americanos do século XX, considerado o maior filósofo analítico da segunda metade deste século. (Nota da IHU On-Line)

² Haroldo de Campos (1929-2003): poeta concretista e tradutor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

por sua vez, se torna língua-objeto. Toda língua pode ser língua-objeto e metalíngua. Trata-se de tomar todas as línguas à disposição e usá-las como metalíngua das outras, para depois usar essas línguas-objeto como metalíngua da sua própria metalíngua. Esse jogo de inversões contínuas que Flusser formulou a partir do seu método de trabalho poderia ser usado como um modelo de comunicação intercultural. É nisto que reside a verdadeira atualidade de Flusser: não tanto nos conteúdos que ele propôs, mas sim nos métodos que elaborou.

IHU On-Line – Poderíamos pensar, a partir do que o filósofo afirmava, que temos e teremos dois tipos de escrita? Por quê?

Rainer Guldin – Penso, ao invés, que Flusser queria dizer que, com a invenção das imagens técnicas, a escrita mudou fundamentalmente, que haviam se criado novos modos de expressão e que era preciso tentar pensar usando imagens em vez de palavras, fazendo filmes, por exemplo; que era preciso criar novos mundos utilizando o computador. Flusser tentou integrar, ao menos em parte, as novas mídias no seu modo de escrever. O livro *Angenommen*, supomos, que, infelizmente, ainda não foi traduzido ao português, embora alguns capítulos já existam em uma versão portuguesa, é concebido como uma série de cenários para pequenos filmes em vídeo. Na introdução, Flusser convida artistas de vídeo a entrar em contato com ele para uma possível colaboração. A primeira edição alemã do livro *A escrita* era acompanhada por um disquete para MS-DOS no qual o leitor podia anotar as suas impressões. O último livro que ele escreveu, mas que não chegou a concluir, era uma tentativa de integrar conscientemente a imagem no texto. Flusser fez isso acentuando o aspecto figurativo das palavras, tomando-as literalmente, retraduzindo, ou seja, as palavras nas imagens das quais haviam nascido. Dentro de certos limites, Flusser se deixou inspirar pelas novas mídias do seu tempo. Os últimos desenvolvimentos na técnica da comunicação

“A tradução é um processo fundamentalmente linear. O conceito de retradução, ao invés, introduz a noção de reflexão e de inversão”

certamente o estimulariam para tentar superar a crise da escrita.

IHU On-Line – De que maneira o filósofo, habitante de várias pátrias e de vários mundos linguísticos, aproveita esta condição e desenvolve uma forma única para escrever seus livros, formular suas teorias e lidar com questões filosóficas?

Rainer Guldin – Flusser nasceu em Praga, mas viveu na Inglaterra, no Brasil, na Itália e na França. Um importante princípio da sua filosofia era a ideia de que era preciso multiplicar continuamente os pontos de vista, de modo a poder se aproximar da realidade: acumular pontos de vista, para criar no fim uma visão de conjunto. Essa ideia certamente é inspirada pela sua vida entre línguas, continentes e tradições culturais. Flusser fez a sua estreia com o tcheco e o alemão, acrescentando pouco a pouco o inglês, o português, o italiano e o francês. Tudo isso fez com que a sua filosofia seja uma filosofia da pluralidade, do encontro, do diálogo. Nesse diálogo, não existe uma voz que poderia falar por todas as outras. Cada voz pode se articular livremente.

IHU On-Line – Em *A escrita: há futuro para a escrita?*, Flusser afirmava: “em vez de textos que se dirigem ao leitor, prescrições para as máquinas e, em vez de obras, programas de

computador”. Nesse sentido, qual a atualidade do pensamento de Flusser para os dias de hoje, com o surgimento e fortalecimento das mídias digitais? Como podemos “reler” Flusser nesse sentido?

Rainer Guldin – Flusser morreu em 1991. Portanto, ele não conheceu a internet e tudo o que se seguiu. Porém, formulou o conceito de sociedade telemática perto do fim dos anos 1980. Isso implica uma existência dialógica com os outros. Nas sociedades telemáticas, os indivíduos não se inclinam mais ao mundo dos objetos, não são mais assujeitados à realidade das coisas, mas são nós de uma rede intersubjetiva. Flusser resumiu essa ideia na diferença entre sujeito e projeto. Estar online na sociedade telemática implica viver a realidade como projeto coletivo contínuo. Toda forma de saber, todo valor é emanção desse projeto coletivo, e por isso só pode ser um consenso temporário. A liberdade na sociedade telemática consiste, para o autor, na participação na elaboração sempre nova de consenso e na sua projeção.

Desafios do “existir online”

Flusser, porém, viu também alguns aspectos problemáticos do estar em rede, do existir online. Em um texto dos anos 1970, ele descreve o diálogo em rede como um modelo em que tudo é sacrificado pela circulação contínua de informações de todos os tipos. A fluidez é tudo. Aqui tudo é distribuído a todos, até mesmo informações muito problemáticas. O autor compara a rede dialógica com a boataria, as fofocas e a conversa fiada. Muitas vezes, falta na rede um princípio seletivo. Isso levou, na internet, à criação de sites de extrema direita e a uma preponderância de textos que negam o Holocausto – até porque essas opiniões não passariam pelo filtro das editoras. A rede, porém, também é fundamentalmente democrática, no sentido da *grass roots democracy* [democracia de base]. Ela absorve todas as informações indiscriminadamente. Esse é um comentário muito interessante se pensarmos na internet e nos celulares, no Twitter, no Facebook e na revolução árabe da primavera de 2011.

Bibliophagus convictus

Em uma das suas magníficas e irônicas ficções filosóficas, textos híbridos na fronteira entre ciência, arte e filosofia, Flusser descreve um inseto a meio caminho entre a abelha e a formiga, o *Bibliophagus convictus*. Esse animal se nutre apenas de textos escritos com tinta de impressão. No processo de mastigação, a saliva que contém uma enzima, a criticase, faz com que, a partir de uma reação química da enzima com a tinta de impressão, seja gerado um ácido, o informasis. O texto mastigado é transformado em uma bolinha que passa depois de inseto a inseto, cada um dos quais engole uma pequena porção. Assim, todos os *Bibliophagi* são “informados”. O problema são os textos pouco informativos, redundantes, os textos que reciclam informações sem criar nada de novo – e Flusser parece querer nos dizer que cada vez há mais destes últimos. Esses textos levam a formações cancerígenas no inseto individual antes e, depois, graças à facilidade com a qual as informações circulam em rede, infectam como um vírus a todo o ninho. A ironia é clara: a utopia da comunicação perfeita e total se torna um pesadelo totalitário. E esse é outro aspecto importante a não se esquecer.

Ambivalência com relação às mídias

Flusser sempre teve uma atitude muito ambivalente com relação às mídias. De um lado, ele acentuou a sua criatividade, a sua possibilidade de inventar novos mundos e novos modos de interagir. De outro, porém, sempre alertou para os perigos inerentes à criação e à utilização de novas mídias. Essa ambivalência, principalmente o aspecto crítico, se perdeu um pouco nos últimos 15 anos. Hoje, fala-se muito dos sucessos e das possibilidades quase ilimitadas dos computadores, dos celulares, dos smartphones, dos iPods, e muito pouco dos perigos inerentes a tudo isso. Não só da circulação de informações imprecisas e muitas vezes mentirosas, mas também das possibilidades cada vez mais refinadas de um controle social contínuo e total: o Google parece conhecer as nossas

“Sempre que ocorre uma transformação, estamos diante de uma forma de tradução”

necessidades melhor do que nós, e os nossos movimentos são registrados fielmente pela utilização do celular e do nosso cartão de crédito. Ler Flusser também significa, portanto, tomar consciência desses outros aspectos mais problemáticos, mas sem abraçar uma visão puramente pessimista.

IHU On-Line – Qual a novidade da relação estabelecida por Flusser entre o nosso “ser off-line” e o “existir online”?

Rainer Guldin – Com a invenção das imagens técnicas, como a fotografia, o filme e o vídeo, e de modo ainda mais radical com a possibilidade das imagens digitais que permitem a produção de imagens que já não representam mais a realidade, a escrita perde importância notavelmente. Em seu livro *A escrita*, Flusser se pergunta se e como a escrita poderá sobreviver a todas essas mudanças. A frase que você citou é um comentário sobre a mudança radical da escrita que não é mais vista como o meio [*medium*] principal para articular o pensamento, mas como um código que é devorado pelo novo código das imagens técnicas, que serve para a criação de programas que, por sua vez, produzem realidades novas. A escrita deixou de ter o predomínio sobre o mundo das imagens e passou ao serviço destas. Com isso muda também o conceito de artista, de obra e de criatividade. As obras não são mais o produto de um autor singular que cria novas realidades a partir do nada, que articula a sua interioridade subjetiva. As novas mídias, sobretudo o computador, nos ensinam que criar é recombinar informações já existentes e que isso sempre

ocorre dentro de um diálogo coletivo. Em vez de um autor individual que escreve textos que representam a realidade, na sociedade telemática qualquer um é um nó ativo em uma rede intersubjetiva. Essa é uma mudança radical: no diálogo coletivo, cria-se um possível consenso intersubjetivo e obras coletivas que sugerem novos modos de existir, realidades impossíveis, como o mundo do *Vampyropteuthis infernalis*.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Rainer Guldin – Sim. Penso que Flusser permaneceu atual por uma série de motivos. Não só pelo seu interesse pelas novas mídias, mas também pelos diferentes estilos que ele praticou na sua vida. O prefixo *inter* resume, a meu ver, muito bem essa atitude básica: abolir fronteiras, pôr em contato, comparar, contaminar, sobrepôr, combinar, unir, misturar, con/fundir. A obra de Flusser nasceu *entre* línguas diferentes, é fundamentalmente interdisciplinar, a meio caminho entre a filosofia e a literatura; ela combina os discursos mais diferentes, sem nenhum respeito pelas fronteiras que as separam normalmente.

Antiacadêmico

A filosofia de Flusser não é só profundamente antiacadêmica, mas também indisciplinada, no sentido de ser insubordinada e recalitrante, mas também no sentido de que não é nada fácil classificá-la, pois se recusa a ser classificada. Essa é uma das razões pelas quais, nas livrarias europeias, era preciso buscar os livros de Flusser sempre em diversos setores, na filosofia, na ensaística, na teoria das mídias, na fotografia e no design. Esse erro, compreensível, além do mais, não acontece no Brasil, graças também ao trabalho da editora Annablume de São Paulo, que publicou nos últimos anos quase toda a obra de Flusser, mas sempre de um ponto de vista unitário. E esse é um aspecto, talvez o mais fascinante da sua obra: a enorme riqueza de temas, pontos de vista, muitas vezes contraditórios, e ao mesmo tempo a surpreendente unidade básica da sua obra.

Um filósofo, culturólogo e comunicólogo

Flusser se revela cada vez mais um pensador pioneiro dos novos e surpreendentes desenvolvimentos culturais e comunicacionais do século XXI, admite
Norval Baitello Junior

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“O pensamento de Flusser poderia ser visto a partir de três modos de olhar, ou em grandes rubricas, em minha opinião: o comunicológico, o culturoológico e o filosófico”, afirma o professor Norval Baitello Junior, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ele, esta é sua principal riqueza para os estudos da comunicação, trazendo reflexão e fundamentação multidisciplinares para objetos tipicamente comunicacionais como o livro, a escrita, o gesto, a fotografia, a televisão, as imagens, as chamadas technoimagens etc.

Norval Baitello Junior concluiu o doutorado em Comunicação na Freie Universität Berlin em 1987. Atualmente é professor titular da

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, atuando na pós-graduação em Comunicação e Semiótica. Foi diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP e professor-convidado das Universidades de Viena, Sevilha, São Petersburgo, Autónoma de Barcelona e Évora. Fundou e dirige o Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC desde 1992. Seus livros mais recentes são *A serpente, a maçã e o holograma* (Paulus, 2010), *La Era de la iconofagia* (Sevilha, 2008) e *Flussers Völlerei* (Köln, 2007). Desde 2007 é coordenador da área de Comunicação e Ciências da Informação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em sua opinião, quais são os conceitos-chave para a compreensão do pensamento de Flusser?

Norval Baitello Junior – Como pensador complexo e pioneiro em suas reflexões sobre a nova ordenação midiática do mundo por meio da crescente e onipresente tecnologia, não é fácil resumir-lo em poucas palavras. Ele escreveu muito e em muitos formatos (desde os textos curtíssimos publicados em jornais até os livros, quase tratados, como *A escrita, História do Diabo, Língua e realidade, Gestos, Filosofia da caixa preta, Vampyrotheutis infernalis*, ou seus dois livros inacabados, apenas em alemão, *Do sujeito ao projeto e hominização*). Além disso, abordou múltiplos temas (desde

a cidade, o design, a meditação, os moluscos, o corpo, a pele, o tempo, o espaço, os brasileiros, até a holografia, as imagens, o consumo, o feminino, a arqueologia, a casa, as religiões, os mitos antigos e os modernos e muitíssimos outros temas).

Criatividade

O que sempre chama a atenção em seus textos é o ponto de vista sempre surpreendente, como quem prepara um bote aos seus leitores, um assalto relâmpago, oferecendo olhares imprevistos, mostrando a face surpreendente de objetos aparentemente banais. Em suma, é um pensador sempre preparado para dar um bote por meio de seus textos, mas um bote que enriquece os leitores com

novas descobertas, novas associações, estimula o pensar criativo, liberto dos parâmetros rígidos da ciência comparimentada e disciplinar.

Assim, são muitas suas contribuições para o pensamento contemporâneo, sobretudo como um pioneiro de uma área que hoje se torna imperativa, uma teoria das mediações ou teoria dos meios (ou da mídia). Ou, quando estudado dentro de outras molduras disciplinares, mas com olhar transversal, como pioneiro da filosofia da mídia.

IHU On-Line – Poderia destacar sua importância para as ciências da comunicação?

Norval Baitello Junior – O pensamento de Flusser poderia ser visto

a partir de três modos de olhar, ou em grandes rubricas, em minha opinião: o comunicológico, o culturoológico e o filosófico. Está aí sua principal riqueza para os estudos da comunicação, trazendo reflexão e fundamentação multidisciplinares para objetos tipicamente comunicacionais como o livro, a escrita, o gesto, a fotografia, a televisão, as imagens, as chamadas tecnomagens etc.

IHU On-Line – Quais são as três catástrofes às quais Flusser se refere e o que elas representam?

Norval Baitello Junior – Esta curiosa periodização da história humana, em três grandes catástrofes, foi apresentada por Vilém Flusser pela primeira vez em um dos simpósios da série denominada *Kornhaus-Seminare* (Seminários do Celeiro) na aldeia alemã de Weiler, a convite do comunicólogo e jornalista alemão Harry Pross¹ (este também um pioneiro na proposição de uma teoria da mídia, já na década de 1970), com a presença de Abraham Moles², Vicente Romano, Lev Koppelev³, entre outros. O tema do simpósio, naquele ano do final da década de 1980, era o “Euronomadismo”. Foi depois publicado em um livro seu, denominado *Medienkultur* (Cultura dos meios), que ele infelizmente não teve tempo de traduzir para o português, como fazia com suas outras obras.

As catástrofes

Flusser afirmava que a espécie humana foi gerada por três grandes catástrofes. A primeira, chamada hominização, foi provocada pela descida do primata arborícola às savanas,

1 **Harry Pross** (1923-2010): jornalista alemão, professor da Hochschule für Arbeit, Politik und Wirtschaft em Wilhelmshaven e da Escola de Desenho de Ulm. (Nota da IHU On-Line)

2 **Abraham Moles** (1920-1992): engenheiro elétrico e engenheiro acústico francês, além de doutor em física e filosofia. Também foi professor de sociologia, psicologia, comunicação, design na “Hochschule für Gestaltung d’Ulm” e nas universidades de Estrasburgo, San Diego, México e Compiègne. (Nota da IHU On-Line)

3 **Lev Zinóvievich Kópelev** (1912-1997): escritor, filólogo e dissidente soviético. (Nota da IHU On-Line)

onde ele adquiriu o andar ereto e bípede e se tornou um incansável nômade. A segunda catástrofe, a civilização, foi trazida pelo assentamento em moradias fixas que possibilitou a criação e a posse de animais e terras. A terceira catástrofe começa a ocorrer e não tem ainda nome. Caracteriza-se pelas moradias que se tornam inabitáveis, pois estão perfuradas e são invadidas pelo furacão da mídia.

A primeira catástrofe foi pautada pelo verbo *fahren* (deslocar-se, em alemão) e trouxe ao homem o desenvolvimento do *erfahren* (ficar sabendo, experienciar, em alemão).

A segunda foi pautada pelo *sitzen* (estar sentado) e trouxe consigo o *besitzen* (possuir). A terceira, ainda inominada, está apenas começando, mas já denuncia um retorno a algum tipo de nomadismo, pois este é constitutivo do humano, mas possivelmente por meios virtuais.

IHU On-Line – Qual é a peculiaridade da arqueologia realizada por Flusser?

Norval Baitello Junior – Um dos mais instigantes movimentos de seu pensamento é o diagnóstico da emergência das ciências arqueológicas, aquelas que escavam as camadas soterradas do pensamento humano. Dentre elas, inclui-se a própria arqueologia, a história, a psicanálise, a etimologia, a ecologia. São ciências preservacionistas. Por assim dizer, buscam o sentido prospectivo no sentido retrospectivo.

IHU On-Line – No momento, como se desenvolve a pesquisa sobre Flusser no Brasil?

Norval Baitello Junior – Um número crescente de pesquisadores começa a estudar Flusser em sua complexidade, ou seja, não mais apenas focados em sua obra mais conhecida e traduzida pelo mundo afora, *A filosofia da caixa preta*, que na versão alemã se chama *Por uma filosofia da fotografia*. Há um imenso campo ainda por ser descoberto e estudado. Por exemplo, seus cursos dados nos anos 1960 em São Paulo (às vezes cursos ministrados em seu terraço, apenas para os jovens colegas de seus filhos)

foram todos sistematicamente escritos e estão preservados na íntegra e ainda não publicados. Estimamos que uma parcela equivalente a 90% da obra de Flusser não está ainda publicada. Este material se encontra hoje em Berlim, no Arquivo Flusser, na Universidade das Artes.

Novidade

Nosso Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC, com o apoio do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, fechou um acordo com a Universidade das Artes de Berlim e estará instalando no Campus Ipiranga da referida universidade brasileira um arquivo-espelho, uma réplica de todos os documentos do arquivo berlinense, algo como trinta mil páginas datilografadas com todos os seus escritos, textos, aulas, correspondências, conferências, publicados e não publicados. Será um facilitador para todos os pesquisadores brasileiros e latino-americanos que queiram pesquisar Vilém Flusser. E será uma forma de iniciarmos o movimento de resgate do pensamento flusseriano no Brasil, como um tributo a um dos mais conhecidos pensadores brasileiros no mundo, uma vez que ele próprio se apresentava, em seu exílio europeu, como um brasileiro. Um filósofo, culturoólogo e comunicólogo que se revela cada vez mais um pensador pioneiro dos novos e surpreendentes desenvolvimentos culturais e comunicacionais do século XXI.

Leia mais...

>> Norval Baitello Junior já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**.

Confira:

- “Estudar a história dos tempos profundos da imagem significa também buscar raízes da própria escrita”. Entrevista publicada na **IHU On-Line**, número 375, de 03-10-2011, disponível em <http://migre.me/aiHnd>.

Guru ou pessimista em relação à sociedade informacional?

Flusser tinha um estilo muito específico de escrita. De acordo com César Baio, seus textos, ora entusiasmados, ora críticos com as tecnologias de comunicação, deixam até hoje estonteados seus leitores

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Flusser foi, a um só tempo, considerado por muitos “um guru e por outros um pessimista em relação à sociedade informacional que se erguia nas últimas décadas do século XX”. “Mas este aspecto de sua escrita não é apenas estilístico. Faz parte de uma intrincada e estratégica maneira de Flusser filosofar”, explica César Baio, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo Baio, na visão de Flusser os estudos de Comunicação não devem ficar restritos às mídias, pelo menos não no sentido restrito deste termo, quando entendido unicamente como meios de comunicação de massa, redes informacionais ou as chamadas novas mídias. “A comunicação, segundo ele, deve considerar também a comunicação face a face, assim

como os objetos, espaços e situações que experienciamos. O corpo, uma sala de aula, um jogo de futebol, um objeto de design são mídias tanto como o vídeo, o cinema ou a internet”.

César Baio possui graduação em Comunicação Social pela Universidade de Taubaté, mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Parte de sua pesquisa de doutorado foi realizada na Universidade de Artes de Berlim – UDK, durante um estágio no Vilém Flusser Archive. É professor-adjunto do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como Flusser definiu o conceito de comunicação? Para ele, ela sempre depende da mídia? Por quê?

César Baio – O conceito de comunicação é um eixo fundamental do pensamento de Flusser. Para ele, nos comunicamos para criar uma razão de viver, para esquecer a morte, para dar sentido a nossa própria existência que, de início, nada significa, é absurda. A comunicação é, assim, um ato que visa dar sentido a nós mesmos e ao mundo que nos cerca. É a partir dessa concepção de comunicação que ele propõe a comunicologia (do termo *Kommunikologie*, que dá nome

ao livro publicado em Alemão), que seria um campo de estudos voltado à análise dos processos simbólicos do ser humano. O estudo da comunicação, para ele, manteria como foco os processos de codificação próprios dos aparatos midiáticos e da própria cultura.

A teoria da comunicação e da mídia

Partindo da premissa aristotélica de que o ser humano é um ser *zoon politikon*, ou seja, que existe essencialmente por sua capacidade de comunicação por meio de símbolos, a teoria da comunicação e da

mídia de Flusser está direcionada ao estudo da cultura. Para Flusser, os estudos de comunicação não devem ficar assim restritos às mídias, pelo menos não no sentido restrito deste termo, quando entendido unicamente como meios de comunicação de massa, redes informacionais ou as chamadas novas mídias. A comunicação, segundo ele, deve considerar também a comunicação face a face, assim como os objetos, espaços e situações que experienciamos. Para o autor, o corpo, uma sala de aula, um jogo de futebol, um objeto de design são mídias tanto como o vídeo, o cinema ou a internet. No entanto, Flus-

ser foi um dos primeiros a identificar o grau de importância que teriam os aparatos técnicos de comunicação na sociedade atual e, por isso, sempre reservou a eles um tratamento especial em sua filosofia. Foi justamente este cenário marcado pela telemática e pela ubiquidade das tecnologias de mediação, principalmente aquelas baseadas em imagens, que o levou a falar de uma revolução comunicacional (uma revolução dos códigos), principal aspecto da mudança de paradigmas que o conduziu ao conceito de pós-história, este que é bastante diferente de pós-modernidade.

IHU On-Line – Qual foi a maior descoberta de Flusser para o campo comunicacional?

César Baio – Essa é uma questão difícil de ser respondida, pelo menos de maneira assim resumida. Pela abrangência da visão que Flusser estabeleceu sobre os processos comunicacionais, não sei se seria possível apontar um conceito único como o mais importante. São muitas as passagens de sua filosofia que vêm sendo retomadas, influenciando em diversos sentidos tanto os estudos de comunicação como os de outras áreas em que os processos simbólicos são objeto de estudo, tais como as artes e os estudos culturais. Falar em descoberta é também algo delicado, ainda mais quando se fala de Flusser, já que ele pensa o mundo como resultado processual de um complexo sistema de produção simbólica, e não necessariamente como algo que esconde uma coisa a ser revelada. Mas talvez seja possível assumir como um dos eixos fundamentais do seu pensamento sobre comunicação a concepção de mundo codificado e as articulações feitas a partir dele. Ao entender nossa existência como algo desprovido de sentido anterior, ele assume que o mundo somente nos é acessível por meio de um mundo de segunda ordem, codificado por signos. O mundo da natureza seria assim algo que não mais nos é acessível, se não por esta “ponte” que é a cultura. Com esse raciocínio, ele busca revelar o caráter artificial das mídias e da

“Para Flusser, o corpo, uma sala de aula, um jogo de futebol, um objeto de design são mídias tanto como o vídeo, o cinema ou a internet”

cultura de maneira geral, que operam por meio de processos de codificação. Flusser chama a atenção para a importância dos processos de codificação, afirmando que eles estão marcados por modelos epistemológicos e operam de acordo com políticas, éticas e estéticas específicas a cada aparato simbólico.

IHU On-Line – Qual a relação do autor com as consequências da revolução causada pela atual tecnologia da mídia e informação?

César Baio – Flusser tinha um estilo muito específico de escrita. Seus textos, ora entusiasmados, ora críticos com as tecnologias de comunicação, até hoje deixam estonteados seus leitores. Isso fez com que Flusser fosse a um só tempo considerado por muitos um guru e, por outros, um pessimista em relação à sociedade informacional que se erguia nas últimas décadas do século XX. Todavia, esse aspecto de sua escrita não é apenas estilístico. Faz parte de uma intrincada e estratégica maneira de Flusser filosofar. Isso porque se trata do enfrentamento entre consciências plenas, para usar um termo cunhado por Mikhail Bakhtin¹, ao analisar a obra de Dos-

¹ Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) - filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes. Foi um verdadeiro pesquisador da linguagem humana. Seus escritos, em uma variedade de assuntos, inspiraram trabalhos de estudiosos em um número de diferentes tradições (o marxismo, a semiótica, estruturalismo, a crítica

toievski². Muitas vezes, esse enfrentamento é radicalizado ao máximo pela alternância entre pessimismo e otimismo. Tal ambivalência é muito significativa, pois representa tanto uma profunda recusa de um futuro em que existiríamos “em função” dos aparatos técnicos, das mídias, das imagens e dos automatismos de todas as ordens como também uma tentativa de sugerir futuros alternativos em que fosse possível um maior grau de liberdade em relação à própria cultura. Ele estabelecia um jogo com estas duas visões da tecnologia, e era esse jogo que ele propunha para nós.

Aparatos técnicos

Para Flusser, os aparatos técnicos seriam um dos artefatos que em maior grau materializariam os processos de automatização que instituímos culturalmente. Cada aparato técnico guarda em si uma sedimentação de sensibilidade, modelos epistemológicos, políticos, éticos e estéticos. Muito do que ele escreveu sobre as tecnologias de mediação foi uma tentativa de tornar isso evidente. Não necessariamente para ser combatido nem para ser usado irrefletidamente. Mas para que pudéssemos jogar com elas. Conhecer as regras e a posição das peças para fazer os nossos próprios movimentos dentro da rede complexa que é a cul-

religiosa) e em disciplinas tão diversas como a crítica literária, história, filosofia, antropologia e psicologia. (Nota da IHU On-Line)

² Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/g98im2>. Confira as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstói: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://bit.ly/upBvgN>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski*, entrevista com Chico Lopes, edição nº 288, de 06-04-2009, disponível em <http://bit.ly/sSjCfy>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/uhTy9x>. (Nota da IHU On-Line)

tura atual, formada por meios de comunicação em rede.

IHU On-Line – Qual a relação que Flusser como filósofo estabelece entre a filosofia e a comunicação?

César Baio – Talvez um dos aspectos mais importantes da originalidade da filosofia flusseriana seja a sua relação com os processos de codificação, ou seja, com a comunicação humana, seja ela interpessoal e midiática, englobando assim áreas como as da arte, da ciência, da religião e dos estudos culturais. Porém, o pensamento de Flusser não apenas tratava de comunicação, mas também era influenciado pela comunicação, mais precisamente pelos processos dinâmicos e interativos próprios aos sistemas complexos da física quântica e da cibernética. O conceito de comunicação faz parte das bases da cibernética que tanto influenciou Flusser, assim como os processos simbólicos também mantêm bases na fenomenologia de Husserl, outra grande influência do autor. A importância dessas influências ganha corpo na concepção de mundo codificado mencionada anteriormente, de modo que a comunicação não é apenas o objeto da filosofia flusseriana como também sua própria matriz conceitual.

IHU On-Line – No que consiste a filosofia da fotografia analisada por Flusser?

“Flusser tinha um estilo muito específico de escrita. Seus textos, ora entusiasmados, ora críticos com as tecnologias de comunicação, até hoje deixam estonteados seus leitores”

César Baio – Apesar de seu mais conhecido livro ter sido lançado com o título original *Für eine Philosophie der Fotografie* (Para uma filosofia da fotografia) e continuar sendo lido por alguns como uma crítica à fotografia, suas reflexões extrapolam esta ou qualquer outra mídia em especial. Trata-se de um modelo filosófico para se compreender não apenas as mídias de maneira abrangente, como também os processos de codificação cultural que

marcam a existência humana. De fato, a leitura dos textos de Flusser como “teorias da fotografia” ou da “mídia”, de maneira aplicada, simplifica e reduz extremamente a envergadura de suas proposições.

Filósofo

Para acessar realmente Flusser, é preciso entendê-lo como filósofo, como um gerador de diagramas abstratos que, para serem aplicados, precisam dos filtros próprios às teorias. Nesse aspecto, o título refeito por ele após a revisão que fez da obra para posterior lançamento no Brasil é mais adequado. *Filosofia da caixa preta*, portanto, trata dos processos de mediação por meios tecnológicos, tomando a fotografia como objeto para uma análise que abrange todos os aparatos técnicos de comunicação, ou, como no título brasileiro, da “caixa preta”. O livro foi sua primeira investida teórica de fôlego nas questões que surgem a partir das tecnologias de mediação. Nos textos que se seguiram, ele amadureceu este pensamento, elaborando uma apurada filosofia sobre o aparato técnico. Em seu *Elogio à superficialidade*, publicado no Brasil como *O universo das imagens técnicas: um elogio à superficialidade* (São Paulo: Annablume, 2008), Flusser apresenta uma mais bem orientada abordagem do tema aos aspectos abrangentes do aparato técnico, em meio ao cenário pós-histórico.

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Personagem enigmático do século XX

Uma das peculiaridades do pensamento flusseriano é a dificuldade que ele suscita, no leitor, em concordar ou discordar dele, ou seja, a dificuldade de definir o que seria exatamente o êxito, destaca Gustavo Bernardo Krause

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Questionado sobre quais as principais descobertas realizadas por Flusser referentes às imagens técnicas, Gustavo Bernardo Krause diz, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, que Flusser relaciona, de maneira muito sofisticada e difícil de resumir, o problema da comunicação através das imagens aos problemas centrais da religião. “Sua filosofia dos *media* é basicamente uma epistemologia, isto é, uma teoria do conhecimento, sempre nos perguntando como *não* sabemos o que não sabemos e, então, por que precisamos fingir que sabemos, por exemplo, através da produção e reprodução das imagens – no caso das imagens técnicas, através da sua produção e reprodução compulsiva e infinita”.

Para Krause, a circunstância de a vida de Vilém Flusser ser tão instigante quanto a sua obra merece, algum dia, um romance ou um filme. “Filósofo extremamente criativo e pro-

duativo, professor extremamente carismático e, ao mesmo tempo, uma pessoa de trato extremamente difícil, constitui a si mesmo como um personagem enigmático que pode muito bem resumir o homem ocidental do século XX”.

Gustavo Bernardo Krause é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e doutor em Literatura Comparada pela mesma instituição. Fez estágio de pós-doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Trabalha como professor-associado na UERJ, lecionando a disciplina Teoria da Literatura. Bolsista do CNPq, desenvolve o projeto intitulado “Da metaficção de volta à metafísica: o Deus da ficção e a ficção de Deus”. Publicou um livro de poemas, dez romances e dez ensaios. Organizou ainda oito coletâneas.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual o mérito da obra *A filosofia da caixa preta – Ensaios para uma futura filosofia da fotografia* de Vilém Flusser?

Gustavo Bernardo Krause – É uma das obras filosóficas mais importantes sobre a fotografia em todos os tempos, lado a lado com as de Roland Barthes¹ e Susan Sontag². Sua reflexão sobre a fotografia, na verdade, se aplica a todos os meios de comunicação.

¹ Roland Barthes (1915–1980): escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. (Nota da IHU On-Line)

² Susan Sontag (1933-2004): escritora e ativista estadunidense. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Quais as principais descobertas realizadas por Flusser referentes às imagens técnicas?

Gustavo Bernardo Krause – Ele relaciona, de maneira muito sofisticada e difícil de resumir, o problema da comunicação através das imagens aos problemas centrais da religião. Sua filosofia dos *media* é basicamente uma epistemologia, isto é, uma teoria do conhecimento, sempre nos perguntando como *não* sabemos o que não sabemos e, então, por que precisamos fingir que sabemos, por exemplo, através da produção e reprodução das imagens – no caso das imagens técni-

cas, através da sua produção e reprodução compulsiva e infinita.

IHU On-Line – De que modo Flusser percebeu a importância fundamental da comunicação para o homem e a sociedade, tanto na forma do diálogo interpessoal como na forma midiática?

Gustavo Bernardo Krause – Ao reconhecer que toda a ciência é essencialmente linguagem e não verdade, ele se dedicou a estudar as formas dessa linguagem, a saber, as formas contemporâneas de comunicação, que passam pela procura da verdade

e pelo discurso sobre a verdade. Para pensar apenas em termos de cada pessoa, não falamos o que pensamos, mas pensamos quando falamos e porque falamos, isto é, quando e somente quando nos comunicamos.

IHU On-Line – De que maneira Flusser relacionou filosofia e comunicação? Qual a influência da fenomenologia para seus estudos comunicacionais?

Gustavo Bernardo Krause – A relação se dá exatamente pela via da fenomenologia, que é antes um método, e não uma escola filosófica. Esse método se dedica a suspender o juízo o máximo de tempo possível, aperfeiçoando a *epoché* dos antigos céticos, para permitir a emergência de uma perspectiva diferente da habitual, diferente do senso comum.

IHU On-Line – De que maneira Flusser se apropriou da cibernética em seus estudos?

Gustavo Bernardo Krause – Quando ganhou de presente uma máquina de escrever elétrica de um de seus filhos, Flusser a recusou, argumentando que a máquina de escrever manual lhe dava muito mais responsabilidade sobre o que escrevia, enquanto a elétrica o desresponsabilizaria, devido à sua facilidade de voltar atrás e corrigir-se. Até o fim da vida, datilografou tudo o que escreveu

na sua velha máquina manual. Todavia e ao mesmo tempo, tornou-se um dos principais pensadores da computação e da cibernética, antecipando as mudanças no pensamento e na sociedade que seriam provocadas pela nova linguagem e pelas novas práticas dela derivadas.

IHU On-Line – Como podemos definir a teoria da comunicação proposta por Vilém Flusser?

Gustavo Bernardo Krause – Ele formula sua teoria da comunicação principalmente em três livros: *A filosofia da caixa preta*, *A escrita* e *Comunicologia*. Dos dois primeiros já estão publicadas as versões em português. Não é uma teoria fácil de resumir. É basicamente uma teoria antiessencialista, explorando o axioma nietzschiano de que não há fatos, apenas versões – isto é, gestos de comunicação. Nessa teoria, ele quebra as fronteiras entre ciência, religião, filosofia e arte, vendo esses quatro campos como variações do mesmo campo, o da comunicação.

IHU On-Line – Qual a peculiaridade de Flusser, relacionado a outros estudiosos no campo da comunicação? De que maneira o autor, reunindo correntes teóricas muitas vezes bastantes distintas, como a semiótica, a fenomenologia e a cibernética, conseguiu obter êxito em suas pesquisas?

Gustavo Bernardo Krause – Uma das peculiaridades do pensamento flusseriano é a dificuldade que ele suscita, no leitor, em concordar ou discordar dele, ou seja, a dificuldade de definir o que seria exatamente o êxito. Sua filosofia menos ensina ou descreve do que provoca e estimula. Nesse sentido, sua arte é antes arte do que ciência, justificando que ela ficasse conhecida, conforme a famosa atribuição de Abraham Moles³, pela expressão “ficção filosófica”.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Gustavo Bernardo Krause – A circunstância de a vida de Vilém Flusser ser tão instigante quanto a sua obra merece, algum dia, um romance ou um filme. Filósofo extremamente criativo e produtivo, professor extremamente carismático e, ao mesmo tempo, uma pessoa de trato extremamente difícil, constitui a si mesmo como um personagem enigmático que pode muito bem resumir o homem ocidental do século XX.

³ Abraham Moles (1920-1992): engenheiro elétrico e engenheiro acústico francês, além de doutor em física e filosofia. Também foi professor de sociologia, psicologia, comunicação, design na “Hochschule für Gestaltung d’Ulm” e nas universidades de Estrasburgo, San Diego, México e Compiègne. (Nota da IHU On-Line)

Evento: IHU ideias

Data: 30-08-2012

Palestra: Palestina e Israel: caminhos para uma paz justa

Palestrantes: Profa. Dra. Nancy Cardoso Pereira - Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos - CEBI; Eduardo Minossi de Oliveira - graduado em Geografia pela UFRGS e Érico Teixeira de Loyola - graduado em Direito pela UFRGS

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://migre.me/amHhD>

Imagens técnicas, código fundante da pós-história

Elas tendem a absorver e a reinterpretar nos seus próprios termos os elementos remanescentes das imagens tradicionais e da escrita, esclarece Rodrigo Antonio de Paiva Duarte

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“Flusser é um filósofo atualíssimo, pois parece ter previsto – mais de vinte anos antes que essas coisas se tornassem realidade – o nosso cotidiano totalmente telematizado da internet, da TV digital, das redes sociais, do vídeo e do áudio HD”, diz Rodrigo Antonio de Paiva Duarte, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E acrescenta: “mais importante do que essa simples previsão, é a família conceitual que ele nos legou, por exemplo, em sua obra *Pós-história. Vinte instantâneos e um modo de usar*, um instrumental altamente crítico (por exemplo, os conceitos de aparelho, funcionário e programa, dentre outros) para compreendermos esses novos fenômenos – e até mesmo nos valermos deles quando necessário – sem cair vítima do grande potencial de manipulação neles implícito”.

Rodrigo Antonio de Paiva Duarte possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, mestrado em Filosofia pela mesma Universidade

e doutorado em Filosofia – Universität Gesamthochschule Kassel. Realizou estágios de pós-doutoramento na University of California at Berkeley, na Universität Bauhaus de Weimar e na Hochschule Mannheim. É professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre inúmeras publicações no Brasil e no exterior, destacam-se os seus livros: *Marx e o conceito de natureza em 'O Capital'* (Edições Loyola, 1986), *Mimesis e racionalidade. A concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno* (Edições Loyola, 1993), *Adornos. Nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano* (EDUFMG, 1997), *Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento* (Jorge Zahar, 2002), *Teoria crítica da indústria cultural* (UFMG, 2003), *Dizer o que não se deixa dizer. Para uma filosofia da expressão* (Argos, 2008), *Indústria cultural: uma introdução* (FGV, 2010) e *A arte* (WMF Martins Fontes, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Flusser traz em sua obra *A escrita – Há futuro para a escrita* questões referente à especificidade do escrever, a diferença entre o pintar e o digitar etc. Mas, nesse sentido, o que ainda ficou por ser resolvido em sua análise com relação à escrita, no seu entendimento?

Rodrigo Antonio de Paiva Duarte – Parece-me fácil constatar nessa obra uma grande ambiguidade por parte de Flusser: por um lado, ele

parece dar como certo o desaparecimento da escrita, tal como a conhecemos desde aproximadamente o terceiro século antes de Cristo. Por outro, além de *escrever* um livro para refletir sobre essa situação, muitas vezes Flusser expressa nele certa nostalgia pela escrita, já que ela se identifica com o pensamento conceitual e reflexivo. Ele dá a entender que abrir mão da escrita, pura e simplesmente, pode ser muito perigoso, se já não dominarmos plena-

mente o código fundante que tende a substituí-la, a saber, o paradigma das imagens técnicas.

IHU On-Line – Qual a relação que Flusser faz das imagens técnicas com a escrita?

Rodrigo Antonio de Paiva Duarte – À primeira vista, essa relação pode ser de convivência, tal como ocorreu com as imagens tradicionais depois do surgimento da escrita (essa se con-

solidou como código fundante no Ocidente apenas milênios depois de sua invenção no Oriente Próximo, por volta do século III a.C.). Mas Flusser sugere que há também uma tendência de predomínio quase total das imagens técnicas sobre os dois outros códigos que já foram dominantes (as imagens tradicionais e a escrita), o que instaura uma situação de muita incerteza, já que o potencial de falsificação e de manipulação ideológica das tecnoimagens é exponencialmente maior do que os paradigmas que as antecederam.

IHU On-Line – Qual a principal lição que Flusser nos deixou em relação à coexistência entre as imagens técnicas e a escrita?

Rodrigo Antonio de Paiva Duarte – Como sugeri acima, esse é um tópico em que, na obra de Flusser, não parece haver muita clareza: por vezes ele parece defender um ponto de vista cumulativo entre os três códigos que geraram a pré-história (imagens tradicionais), a história (escrita) e a pós-história (imagens técnicas). Segundo essa visão, o cenário de coexistência entre os códigos poderia se prolongar quase indefinidamente. Parece-me, no entanto, que a posição mais tardia (e talvez definitiva) do filósofo é de que a pós-história é uma espécie de buraco negro que suga tudo para si, inclusive as tendências pré-históricas e históricas persistentes na experiência humana. Em outras palavras, as imagens técnicas – código fundante da pós-história – tendem a absorver e a reinterpretar nos seus próprios termos os elementos remanescentes das imagens tradicionais e da escrita.

IHU On-Line – Qual o principal legado deixado por Vilém Flusser para os nossos dias?

Rodrigo Antonio de Paiva Duarte – A meu ver, Flusser é um filósofo atualíssimo, pois parece ter previsto – mais de vinte anos antes que essas coisas se tornassem realidade – o nosso cotidiano totalmente telematizado da internet, da TV digital, das redes sociais, do vídeo e do áudio HD. E,

mais importante do que essa simples previsão, é a família conceitual que ele nos legou, por exemplo, em sua obra *Pós-história. Vinte instantâneos e um modo de usar*, um instrumental altamente crítico (por exemplo, os conceitos de aparelho, funcionário e programa, dentre outros) para compreendermos esses novos fenômenos – e até mesmo nos valermos deles quando necessário – sem cair vítima do grande potencial de manipulação neles implícito.

IHU On-Line – Flusser acreditava no avanço, cada vez maior, das imagens técnicas. Nesse sentido, qual a visão que o autor tinha com relação ao futuro da escrita?

Rodrigo Antonio de Paiva Duarte – Minha resposta a essa questão será muito semelhante ao que disse acima: Flusser não ousa afirmar categoricamente que as imagens técnicas substituirão totalmente a escrita, mas vê tendências muito claras nessa direção (que parece não lhe agradar totalmente, já que ele afirmou numa carta a Leônidas Hegenberg que “ainda não cheguei a nenhuma conclusão, salvo esta: a única vida digna é a diante da máquina de escrever”).

IHU On-Line – Vilém Flusser se tornou mundialmente conhecido pela sua teoria dos novos *media*, na qual se destaca o conceito de imagem técnica ou tecnoimagem. Do que se trata essa teoria? Qual a sua relação com o conceito de pós-história da qual o próprio autor trabalha?

Rodrigo Antonio de Paiva Duarte – Seria muito difícil resumir a teoria das imagens técnicas em poucas linhas sem distorcê-la. O próprio Flusser começou a desenvolvê-la no final da década de 1970, e até sua morte, em 1991, ainda estava elaborando-a, adaptando-a aos novos tempos da digitalização dos *media*, que se anunciavam então. Muito resumidamente: Flusser afirmava que o processo civilizatório é um processo de abstração no qual a humanidade, ao tirar uma

dimensão vivida, inventou primeiramente as imagens tradicionais – código bidimensional (ou plano) enquanto um primeiro método para orientação no mundo. Ao abstrair mais uma dimensão, a humanidade estabeleceu a escrita: código unidimensional (ou linear) que a permitiu pela primeira vez conceptualizar suas vivências. Esse dois estágios iniciais, como se sugeriu acima, correspondem respectivamente à pré-história e à história. Quando a humanidade se viu pela primeira vez em condições de abstrair mais uma dimensão, estabelecendo um código zero-dimensional (ou pontual), isso significou o surgimento das imagens técnicas (em meados do século XIX, com a invenção da fotografia) e a colocação no horizonte, pela primeira vez, de uma experiência pós-histórica.

IHU On-Line – Flusser acreditava que as imagens, e não mais os textos, são, na contemporaneidade, os *media* dominantes? Se sim, por quê?

Rodrigo Antonio de Paiva Duarte – Basta olhar ao nosso redor para ver como são influentes e determinantes em nossa vida os *media* relacionados com as imagens técnicas (fotos, vídeos, filmes etc.). Isso certamente caracteriza uma situação de predomínio das imagens técnicas sobre os outros códigos que já foram – cada qual em sua época – determinantes em nossas vidas. Por outro lado, se o que está em questão é *conceptualizar*, não conhecemos código melhor do que a escrita. Os *media* associados às tecnoimagens até agora não se mostraram adequados à conceptualização. Flusser chegou a sugerir que deveríamos aprender a dominar uma *imaginação* que fosse para as imagens técnicas o que a conceptualização é para a escrita. Mas esse tópico permaneceu algo muito obscuro em sua obra e confesso que não tenho a menor ideia de como isso poderia ser feito. Isso talvez explique por que esta entrevista, a ser vinculada num meio digital – portanto relacionado com as imagens técnicas –, se apresenta sob a forma de escrita.

Modelos do corpo humano – um texto inédito de Flusser

Vilém Flusser

PARA GABRIEL BORBA

Modelos mudam. Esta afirmativa é característica da chamada “idade moderna”. Na Antiguidade e na Idade Média modelos são imutáveis. Para os gregos e os cristãos “sabedoria” é contemplação dos modelos imutáveis (das formas). Embora o método varie (*theoria* para os gregos, “fé” para os cristãos). Para os modernos “saber” é, entre outras coisas, manipular e mudar modelos. Toda vez que um modelo muda, muda a nossa visão, e portanto compreensão do modelado. Mas há *feedback* em tal processo. Toda vez que a nossa compreensão de um determinado fenômeno se revela insatisfatória, buscamos novo modelo.

Há vários critérios para classificar modelos. Três dos critérios são o motivo do presente ensaio. Primeiro critério: dimensão. (1) Modelos lineares, por exemplo descrições, equações e curvas. (2) Modelos planos, por exemplo mapas geográficos e desenhos de aparelhos. (3) Modelos tridimensionais, por exemplo casas-miniatura e estruturas de arame com bolas modelando estruturas de moléculas. Toda vez que muda a dimensão do modelo, muda a cosmovisão. O exemplo clássico disso é o aparecimento do globo, isto é, a curvatura do mapa. Outro exemplo é o aparecimento de modelos tridimensionais da informação genética, isto é, o desdobramento dos modelos bioquímicos planos para dentro do espaço. Segundo critério: dinâmica. (1) Modelos sincrônicos, por exemplo mapas anatômicos e mapas políticos. (2) Modelos diacrônicos, por exemplo modelos plásticos de organismos com órgãos substituíveis, e séries de mapas históricos. Toda vez

que muda a dinâmica dos modelos, muda a cosmovisão. O exemplo clássico é a biologia, isto é, a substituição do modelo sincrônico dos enciclopedistas pelo modelo diacrônico darwiniano. Outro exemplo é a química, isto é, a substituição do modelo de valências pelo modelo de interferências de órbitas de elétrons. Terceiro critério: perspectiva. (1) Modelos objetivos (projetados de um ponto de vista que transcende o fenômeno). (2) Modelos subjetivos (projetados do ponto de vista de quem enfrenta o fenômeno). (3) Modelos intersubjetivos (projetados a partir do concreto estar-no-mundo humano). Na nossa tradição modelos objetivos (por exemplo, os da ciência) e modelos subjetivos (por exemplo, os da arte) se completam para resultar em nossa cosmovisão. A crise da nossa cosmovisão se manifesta, entre outras coisas, pela crescente problematidade dos modelos objetivos e pelo aparecimento de modelos intersubjetivos.

Os três critérios motivam o presente ensaio pela razão seguinte: mostram que a elaboração de novos modelos é problema técnico e problema de ponto de vista, e que poucas são as atividades humanas tão revolucionárias quanto o é a elaboração de novos modelos. Começarei pela discussão do problema do ponto de vista, e aplicarei a discussão ao fenômeno “corpo humano”.

A grande maioria, senão a totalidade, dos modelos postos ao nosso dispor pelas ciências é do tipo “objetivo”. Tais modelos são projetados a partir de uma “transcendência” do sujeito que pretende orientar-se no mundo. A partir de tal perspectiva o

mundo é visto e modelado como contexto composto de objetos. Por exemplo, o corpo humano aparece, sob tal perspectiva, como sendo um entre vários objetos no mundo, e como objeto de tipo específico, chamado “organismo”. Os modelos do corpo humano que a ciência nos fornece (mapas anatômicos, descrições fisiológicas etc.) são projeções a partir de tal ponto de vista tanto quanto certos mapas geográficos são projeção “mercator”. O ponto de vista “objetivo”, assumido metódica e conscientemente desde pelos menos o Renascimento, apresentava sempre dificuldades de várias ordens. Por exemplo, a dificuldade de se saber exatamente o que é o sujeito transcendente, e com que métodos ele consegue transcender o objeto. Mas os modelos funcionavam extremamente bem na práxis, de forma que tais dificuldades foram sendo relegadas a segundo plano. Ultimamente, no entanto, estão surgindo dificuldades de ordem diferente. Está se tornando sempre mais claro nos mais variados campos de atividade que a divisão nítida “sujeito/objeto” é impraticável. O princípio de Heisenberg é apenas um entre vários exemplos disso. Pois tal dificuldade prática não pode ser relegada a segundo plano, porque faz surgir a suspeita que modelos objetivos deformam de alguma maneira o fenômenos a ser compreendido (e manipulado). E há outra suspeita, talvez ainda mais perturbadora. Possivelmente o próprio modelo interfere no fenômeno a ser modelado, de maneira que o próprio fenômeno se deforma para adaptar-se ao modelo. A relação entre modelos econômicos, políticos

e sociais, de um lado, e a realidade a ser por eles modelada é bom exemplo disso. De maneira que não é mais tão fácil assumir-se pontos de vista objetivos e projetar-se modelos a partir de tal perspectiva. Não é fácil por razões práticas, que se apresentam às teóricas sempre existentes. Isso é aspecto de nossa crise (o aspecto “crise da objetividade”).

Em consequência está sendo elaborado, em toda parte, um novo ponto de vista (que é “novo” apenas no sentido de “deliberadamente assumido para superar a crise”). É o ponto de vista de quem não procura transcender o mundo, mas assumir-se enquanto mergulhado dentro do mundo. A elaboração de tal ponto de vista, e de modelos projetos a partir de tal ponto de vista, é o programa da “fenomenologia”. Pois os modelos que vêm sendo propostos sob tal perspectiva nova modificarão nossa cosmovisão radicalmente. Por exemplo, a nossa visão do corpo humano. Não mais é visto como um entre os objetos do mundo que nos cerca, mas como nossa maneira de “estarmos-no-mundo”, isto é, vivenciarmos e manipularmos os objetos que nos cercam. Tais modelos do nosso corpo, se e quando disciplinarmente elaborados, não serão mais objetivos (como que vistos a partir de marcianos), mas intersubjetivos (vistos a partir da condição corpórea comum a todos os homens). Nem serão subjetivos (vistos a partir de um específico sujeito). No entanto, ainda não dispomos de modelos satisfatórios deste tipo. Não dispomos de tais modelos, embora a literatura “fenomenologia do corpo humano” esteja aumentando e se aprofundando com cada ano que passa. Isso tem a ver com o problema técnico da elaboração de modelos.

Modelos são instrumentos para a compreensão (e posterior manipulação) do fenômeno por eles modelado. Como todo instrumento, são resultados de determinada tecnologia. Os mapas elaborados à base de aerofotografia são modelos diferentes dos mapas elaborados à base da navegação costeira. Consequentemente é diferente a visão que temos do modelado (de um país, por exemplo). A escrita alfabética é resultado de determinada técnica de trabalhar-se barro.

Representa profunda revolução na história (com efeito, inicia a história propriamente dita), porque possibilita a elaboração de modelos lineares (históricos) do mundo. A aeronáutica surgiu por razões independentes da atividade modeladora, e também a fabricação de tijolos. Mas dado um contexto específico, no qual por uma ou outra razão certos modelos disponíveis são julgados insuficientes (por exemplo, desenhos de necas ou a projeção “mercator” para mapas), o desenvolvimento tecnológico recente pode oferecer a possibilidade para a elaboração de modelos de novo tipo. Tal parece ser o caso da atualidade.

Dispomos atualmente de toda uma gama de métodos novos para a comunicação de fenômenos que nos cercam. Filmes, videoteipe e hologramas são apenas exemplos da grande variedade de expressão nova da qual dispomos. O que caracteriza todo este desenvolvimento é isto: podemos doravante estruturar as nossas mensagens de forma previamente impossível. Por exemplo, no filme e no videoteipe podemos de forma estruturar planos linearmente, e no holograma podemos fazer o plano transparente para o espaço. Ou podemos, graças a esses e outros meios, diacronizar sincronias e sincronizar diacronias. Em outros termos, podemos doravante elaborar modelos de tipos previamente impossíveis por falta de tecnologia apropriada. Tal virtualidade modeladora da chamada “revolução nos meios de comunicação”, e o impacto que teria, se realizada, não parece ter penetrado profundamente a consciência geral, e isso é surpreendente. É surpreendente porque, de um lado, a carência de modelos de novo tipo é parente, e, de outro, as experiências com os videoteipes em curso parecem clamar por utilização “modelar” desse meio (para citar apenas um único exemplo). Assim, por exemplo, necessitamos de modelos radicalmente novos para as várias cosmogonias que vêm sendo elaboradas por meios obviamente inadequados (descrições discursivas, desenhos planos etc.), e a técnica dos videoteipes parece indicada para tais modelos. A nossa é a situação de sumérios que dispõem de tijolos e os utilizam apenas para neles imprimirem carimbos represen-

tando animais e deuses. E os críticos sumerianos discutirem se os leões carimbados podem vir a substituir os leões talhados em pedra. Embora outros sumérios já tivessem procurado, com êxito duvidoso, talhar letras em pedras. É que é difícil libertar o tijolo da pedra, e o videoteipe da pintura e da fita de cinema.

O paparelo sumeriano, em si duvidoso, pode ser elaborado. (Os sumérios podem ser manipulados para servirem de modelos para o nosso problema.) Supomos que por razões não mais reconstitutíveis todos os modelos que os sumérios faziam do seu mundo deixavam progressivamente a satisfazê-los. Por serem tais modelos, por exemplo, cenas (pintadas, esculpidas ou representadas por ritos). Não satisfaziam mais, porque o mundo não era mais compreensível como conjunto de cenas. Passou a ser, por falta de novo tipo de modelos, incompreensível. Em tal situação crítica surgiram as tentativas destinadas a elaborar modelos mais adequados. O resultado foi a escrita alfabética linear que fornecia modelo para nova compreensão do mundo: não mais cena, mas processo. A crise tinha sido superada, e o mundo voltou a ser compreensível. Pois a elaboração do novo tipo de modelo era motivada pela crise, isto é, por um novo ponto de vista relativo ao mundo. E a crise foi efetivamente superada, porque uma nova tecnologia (a fabricação de tijolos) permitiu a elaboração do tipo de modelo apropriado à nova compreensão do mundo. E na medida na qual os tijolos vinham sendo utilizados enquanto modelos (na medida na qual surgiam bibliotecas de tijolos), uma nova cosmovisão ia sendo elaborada, cosmovisão contida apenas em germe no projeto inicial da escrita. De forma que uma nova compreensão do mundo motivou a invenção da escrita, e, por sua vez, a escrita possibilitou a elaboração dessa compreensão em cosmovisão progressivamente rica. O paralelo sugere que os novos meios de comunicação ocupam, no nosso contexto, o lugar ocupado na Suméria pelos tijolos.

Mas o paralelo sugere também que Toth (o inventor mítico da escrita) deve ter sido, por necessidade, uma espécie de grêmio composto de “pensadores”, “técnicos” e “artistas”.

“Pensadores” para projetarem os novos modelos a partir do novo ponto de vista (não mais cênico, mas histórico). “Técnicos” para manipularem os tijolos de maneira a torná-los utilizáveis enquanto modelos. E “artistas” para traduzirem os modelos tradicionais (pinturas, esculturas), para o novo médium agora disponível. E isso explica por que ainda não dispomos de modelos satisfatórios que recorram aos novos meios: os grêmios ainda não estão constituídos. Os novos meios ainda estão em posse de técnicos e, muito precariamente, em posse de artistas. Os pensadores, isto é, os filósofos e cientistas que estão assumindo o ponto de vista fenomenológico, ainda não cooperam sistematicamente na manipulação de tais meios. Se for conseguida cooperação sistemática de técnicos de comunicação com artistas, filósofos e cientistas visando deliberadamente a projeção de novos tipos de modelos, um passo decisivo em prol de uma superação de aspecto epistemológico da nossa crise teria sido dado. Para tanto seria necessário que os técnicos admitam as suas limitações, os artistas abandonem a sua atitude estetizante, e os filósofos e cientistas desçam do seu pedestal de hermetismo erudito. E que os detentores dos meios de comunicação possibilitem experiências em tal sentido. Admitidamente é muito difícil imaginar que tais condições se reúnam. No entanto, embora seja difícil imaginar-se tal reunião das condições, não é tão difícil imaginar-se o seu possível resultado. Os parágrafos seguintes procuram imaginar um possível modelo do corpo humano, projetando do ponto de vista fenomenológico (intersubjetivo), e recorrendo a um videoteipe deliberadamente manipulado para tanto. O propósito disso não é tanto querer seduzir técnicos de videoteipe para a tentativa de realizar o modelo imaginado. É mais a tentativa de provocar discussão em torno da viabilidade de modelos desse tipo.

Imaginemos na tela [da] TV uma bola oca de parece grossa. Imaginemos tal bola translúcida, plástica e em movimento constante. Imaginemos a bola inserida em contexto composto de elementos móveis que tendem a

se aglomerar em torno da bola e se dispersar em direção do horizonte da tela. Imaginemos, finalmente, que alguns elementos penetram a parede da bola mais ou menos profundamente, e que a bola expele ocasionalmente secreção que congela para formar elemento do contexto. Proponhamos tal imagem, possivelmente acompanhada de som apropriado, como modelo fenomenológico do corpo humano.

Para tanto rotulemos as várias partes do modelo. Chamemos a vacuidade de bola da bola “eu”, a sua parede “meu corpo”, o contexto “meu mundo”, e o horizonte “minha morte”. Chamemos os elementos do contexto que se aproximam da bola “meus problemas”, e as secreções expulsas em direção do contexto “minhas obras”. Chamemos o movimento dos elementos em direção da bola “meu futuro”, o movimento da expulsão da secreção “meu passado”, e os lugares de *feedback* entre bola e contexto na superfície externa da bola “meu presente”. Tais rótulos bastarão provisoriamente para a inserção de informações no modelo. O modelo deve ser, no entanto, mantido aberto. Isto é modificável na medida na qual informações vão sendo inscritas. Isto é, o videoteipe deve ser reutilizável repetidas vezes. Procuremos imaginar como tal inscrição de informações poderia dar-se:

Um problema específico se apresenta vindo do meu futuro. Chame-mo-lo “dor de fígado”. Seria leviano, no entanto, chamar o ponto no qual a dor se apresenta no meu corpo de “fígado”, e dizer que conseguimos localizar um órgão do corpo no modelo. Seria leviano, porque sem dor o fígado não é vivenciado como fazendo parte do meu corpo. Ao contrário de outras partes, o fígado faz parte do meu corpo apenas na forma de problema. Este fato deve ser nitidamente reconhecível no modelo. Deve haver região intermediária entre bola e contexto (talvez colorida de determinada maneira), que pode ser rotulada “aspecto problemático ou teórico” do meu corpo. O fígado estará localizado dentro de tal região na proximidade da parede da bola, e as moléculas de proteína estarão localizadas na mesma região na proximidade do contexto. O critério da localização será a maior ou menos

concreticidade do problema. Tal região intermediária entre meu corpo e meu contexto tenderá a coincidir com os modelos objetivos do corpo humano fornecidos pela biologia, e deverá recorrer amplamente a eles.

Outro problema específico se apresenta vindo do meu futuro. Chame-mo-lo “um texto impresso”. Ao se apresentar o problema, a parede da bola se abre e forma canal pelo qual o problema penetra a vacuidade. Chamemos tal canal “meus olhos”. Em tal instante meu corpo todo passa a ser suporte dos meus olhos. E todo ele olhos. Funciona exclusivamente em função dos meus olhos. Mas logo depois, com a apresentação de mais outro problema, a parede da bola se abre para formar canal diferente. Meu corpo passa a ser, todo ele, suporte da minha boca, do meu dedo, do meu sexo, e assim por diante. O modelo deve tornar evidente tal constante modificação da função do meu corpo enquanto mediação entre “eu” e “meu mundo”. Isso pode ser feito mediante iluminação variável da bola (uma cor correspondente a “pé”, outra a “dente” e assim em diante), ou mediante vários sons que acompanham a abertura de vários canais na bola. Deve ser também mostrada a interferência entre os vários canais, e a maneira como moldam o problema que por eles passa.

Mas o modelo deve poder mostrar também que os canais que assim se abrem aos problemas que se apresentam não são todos do mesmo tipo. O canal “olho”, por exemplo, se distingue do canal “dedo” pelo seguinte: meu corpo tem vários dedos, e um dedo pode apalpar outro dedo. Mas embora meu corpo tenha dois olhos, um não pode ser o outro. Em outros termos, o dedo é vivenciado enquanto parte do corpo à sua própria maneira (é palpável), mas o olho é vivenciado enquanto parte do corpo apenas por mediação de outra parte (é palpável, mas não visível). Isso o modelo pode tornar evidente pela relação entre canal e vacuidade. O olho seria mais semelhante à vacuidade (mais como “eu”) do que o dedo, o qual seria mais semelhante aos elementos do contexto (mais como “meu mundo”). Em consequência a parede da bola (meu

corpo) tenderia, toda ela, ser mais semelhante à vacuidade (mais oca) em determinados momentos, e mais semelhante aos elementos do contexto (mais compacta), em outros momentos. Seria talvez possível, ao longo da utilização do modelo, descobrir um ritmo em tal pulsação da bola.

Uma secreção específica é expulsa da parede da bola em direção do contexto e congela para formar elemento do contexto. Chamemos tal secreção “meu gesto de escrever” e tal elemento congelado “carta por mim escrita”. O modelo deve poder mostrar como tal secreção começa a formar-se na parede interna da bola, em que meandros complexos penetra pela parede, e como irrompe em determinado ponto da superfície, chamado “minha mão”. Deve poder mostrar ainda como, durante o processo, a bola toda se transforma em cunha que tem minha mão por conta. De forma que em tal momento o meu corpo todo sustenta a minha mão no seu gesto de escrever, e forma parede de um canal entre “eu” e “minha mão escrevendo”. Mas o modelo não deve contentar-se com isso. Deve poder mostrar que a verdadeira ponta de minha cunha não é minha mão, mas a caneta por ela segurada. Em tais instantes, pois, a caneta deve formar a parte mais característica do meu corpo. Mas o modelo não deve esconder o fato que em outros instantes a caneta não é parte do corpo, mas elemento do contexto. Tais elementos do contexto que podem ser invertidos para apontarem o contexto e fazerem parte do corpo podem ser chamados “instrumentos”, e devem ser nitidamente reconhecíveis como tais no modelo.

Não há, evidentemente, necessidade em continuar imaginando possíveis informações a serem inscritas no modelo. Seu número é enorme. Imagine-se, por exemplo, o encontro de dois ou vários corpos na mesma tela, e considere-se apenas a superposição dos vários contextos, para se captar a riqueza de informações inseríveis no modelo. O propósito desta “proposta de modelo” ficou, creio, atingido. O de mostrar que tal tipo de modelo, e que não seja tão rudimentar como o é o proposto, poderá servir para uma reorientação no corpo humano, e,

através desta, para uma reorientação no nosso contexto. Para tornar mais claro o propósito, é preciso acrescentar o seguinte:

A função de novos tipos de modelos não é a de propor novas informações relativas ao fenômeno modelado, mas a de reestruturar as informações existentes. Nenhuma das informações aqui mencionadas é, obviamente, nova. Pelo contrário, são informações tão corriqueiras e gastas que tendem a serem esquecidas. A função de novos modelos é a de reestruturar informações existentes de tal maneira que reapareçam. Isso não exclui que a aplicação de novos modelos não resulte em informações novas. Mas tal não é o seu ponto de partida.

O que caracteriza a nossa situação não é a carência de informações, mas seu aparente excesso. “Informação em excesso” significa que os modelos disponíveis se tornam ilegíveis porque não conseguem estruturar as informações com as quais são alimentados. Os modelos disponíveis são pouco satisfatórios, não apenas porque são suspeitos quanto à sua perspectiva, mas porque tendem a serem ilegíveis. Mas muito provavelmente se trata de dois aspectos do mesmo problema. Novos tipos de modelos provavelmente acabariam com a nossa impressão que estamos sendo inundados por informações, e provocariam nova fome de informação, isto é, nova curiosidade. E fariam isso, por serem modelos novos, isto é, serem projetados de novo ponto de vista e conseqüentemente estruturarem as informações disponíveis de nova forma.

O modelo proposto, por rudimentar que seja, sugere que os novos meio de comunicação podem ser utilizados com tal finalidade. Como modelos de quatro dimensões (espaço-temporais) que diacronizam sincronias e sincronizam diacronias e são projetados do ponto de vista intersubjetivo. Não, por certo, para substituírem os modelos existentes. Mas para, recorrendo a eles, enriquecer a nossa visão de mundo. É claro, tais modelos não são novos no sentido de jamais antes imaginados. São novos no sentido de materializações de modelos imaginados. Mas isso seria muita novidade.

O modelo proposto é rudimentar e serve apenas à ilustração de possíveis modelos na direção apontada. Mas por rudimentar que seja, permite vislumbrar objeções fundamentais contra a empresa toda. Não é possível calar tais objeções até em ensaio tão esboçado quanto o é o presente. Por outro lado, não é possível procurar enumerar todas as objeções que vêm à mente. Procurarei considerar apenas duas entre elas, por me parecerem as mais decisivas.

(1) Modelos são instrumentos para a compreensão dos fenômenos que modelam. São, pois, instrumentos “epistemológicos” que visam resultar em determinada “episteme”. Mas são necessariamente instrumentos elaborados à base de uma teoria do conhecimento esposada por quem as elabora. São instrumentos pré-concebidos. De maneira que nunca poderão resultar em conhecimento diferente daquele previsto pela teoria que lhes deu origem. Nesse sentido, não são métodos eficientes para produzirem conhecimento novo. O modelo aqui proposto do corpo humano é disso bom exemplo. Se analisado revela ser modelado por determinada teoria do conhecimento. O sujeito conhecedor aparece no seu centro (embora negativamente na forma de vacuidade), o objeto conhecível aparece em determinada posição com relação ao sujeito, e o horizonte chamado “minha morte” revela de que tipo de teoria se trata: a do existencialismo. E tal pré-modulação do modelo por determinada teoria não é defeito apenas do modelo proposto, mas caracteriza todos os modelos. Não se deve, pois, nutrir demasiada esperança quanto à ação revolucionária, inovadora, de modelos de novos tipos.

A objeção é válida, e não há como negá-lo. Mas o modelo proposto, por rudimentar que seja, mostra que tal objeção não invalida necessariamente a tentativa. Trata-se de modelo destinado a fornecer conhecimento novo com relação a determinado fenômeno, “corpo humano”, e não a fornecer uma teoria de conhecimento nova. Não visa, pois, propor solução nova para o problema antiquíssimo “sujeito/objeto”, mas visa aplicar ponto de

vista específico desse problema ao fenômeno a ser conhecido, ponto de vista este ainda não elabora suficientemente por modelos. As visões objetivistas e subjetivistas do passado dificultam sobremaneira o conhecimento do corpo humano, ao introduzirem constantemente a antinomia “corpo/espírito”, ou “corpo/alma”, antinomia esta que se revelou pouco fértil. A visão fenomenológica não vê tal antinomia. Para ela “corpo” é extrapolação reificante do conteúdo de uma específica experiência, e “espírito” (ou “alma”) é extrapolação reificante da maneira pela qual tal experiência ocorre. Sob tal visão nem “corpo” nem “alma” ocorrem na realidade concreta. A virtude do modelo proposto (se virtude há) reside justamente no fato da eliminação da antiquíssima antinomia ao nível da utilização prática do modelo. O modelo deixa, no entanto, tal antinomia intocada ao nível da elaboração e crítica do modelo. Não resolve o problema “sujeito/objeto”, porque não responde à pergunta: “onde está o elaborador e utilizador do modelo”. Nesse sentido, a objeção é correta. Mas não é este o propósito do modelo proposto, nem de não importa que outro modelo.

(2) Modelos são instrumentos para a compreensão dos fenômenos que modelam, isto é, para orientação no mundo que nos cerca. Pois “orientar-se no mundo” é, no fundo, questão religiosa, qualquer que seja a nossa atitude com relação à religiosidade. Porque é questão “qual é a minha situação e possível meta no mundo?”, e isto é, no fundo, questão religiosa. Mas modelos não podem fornecer respostas a tal pergunta, porque são elaborados à base de determinada religiosidade de quem as elabora (confessa ou inconfessa, consciente ou inconsciente). De maneira que quem elabora modelos já está em posse da resposta que finge procurar mediante o modelo. O modelo aqui proposto é disso bom exemplo. O modelo, se analisado, revela a estrutura das religiões tradicionais do Ocidente. E o revela sob forma característica para um estágio específico que tais religiões alcançaram na atualidade para certas pessoas. A vacuidade no centro do modelo corresponde ao lugar

da “alma” na estrutura tradicional, e o horizonte do modelo corresponde ao lugar do “Deus transcendente”. O vazio dos dois lugares no modelo corresponde à visão das religiões tradicionais que certos têm na atualidade. Tal pré-modulação do modelo por determinada religiosidade não é defeito apenas do modelo proposto, mas quanto a uma possível “nova cosmovisão” graças a modelos de novos tipos.

A objeção é válida, mas curiosamente pode ser invertida para passar a sustentar a tentativa proposta. O argumento é este: os modelos atualmente disponíveis encobrem o fato que, todos eles, inclusive os aparentemente mais abstratos e teóricos, e os aparentemente mais “isentos de valor”, são elaborações de determinada religiosidade. Tal encobertura problematiza todos os conhecimentos que tais modelos oferecem. O modelo proposto, pelo contrário, por ter sido projetado a partir do concreto “estar-no-mundo”, permite a descoberta de tal estrutura latente com relativa facilidade. Porque o concreto “estar-no-mundo” tem dimensão religiosa. Em outros termos, o modelo não visa dar resposta à problemática religiosa, e não visar tal meta. Não serve, por exemplo no modelo proposto, para sugerir métodos para a salvação da alma, nem para sugerir métodos para a superação do mito da alma. Nesse sentido, a objeção é correta. Mas o modelo, por exemplo o proposto, visa proporcionar conhecimento do corpo humano, e um dos conhecimentos que proporciona é o que nós, os ocidentais, vivenciamos o nosso corpo à maneira ocidental, como “encarnação da alma”, qualquer que seja a nossa atitude consciente a respeito disso. Nesse sentido, a objeção vem a fortalecer a tentativa.

Outras objeções são formuláveis. Embora não devam ser ignoradas, não devem inibir a tentativa. Devem, pelo contrário, ser enfrentadas na medida na qual a elaboração e utilização dos modelos progride. Devem ser adiadas. E adiar objeções é uma maneira de removê-las do caminho. Porque, afinal de contas, a prova do bolo é no comê-lo.

O exemplo de um novo tipo de modelo possível fornecido neste ensaio visa contribuir para a discussão do problema da carência de modelos. Tal carência é um aspecto da nossa crise. No caso da nossa compreensão do corpo humano a crise está assumindo a seguinte forma: os nossos modelos objetivos do nosso corpo estão se tornando sempre mais aperfeiçoados, o que permite conhecimento teórico sempre melhor, e manipulação técnica sempre mais eficiente. E contribui para teoretização crescente do fenômeno “corpo”, e conseqüentemente para a nossa crescente alienação com relação à experiência concreta do corpo. Isto tende a nos transformar em robôs manipuláveis cientificamente. Os modelos subjetivos do nosso corpo dos quais dispomos são o inverso de tal medalha. Aceitamos a vivência concreta do corpo com crítica decrescente, e isso tende a uma crescente submissão ao corpo e endeusamento da Vicência que temos do corpo. O sensacionalismo (no sentido de “submissão às sensações do corpo”) está adquirindo formas sempre mais acentuadas, das quais apenas uma é o uso das drogas. Trata-se de alienação com relação ao corpo que está em retroalimentação com a outra, a objetivante. De maneira que “cultura” e “contracultura” se revelam, no caso do nosso corpo, não opostos, mas paralelos. E o que está sendo afirmado com relação ao nosso corpo pode, *mutatis mutandis*, ser afirmado com relação a numerosos outros problemas.

Pois dispomos tanto de método filosófico e científico (o fenomenológico) quanto de meios novos (os fornecidos pela “revolução dos meios de comunicação”) para tentarmos elaborar novos tipos de modelos. Tipos de modelos destinados a fornecer conhecimento não fornecido pelos modelos atualmente em uso. E tal conhecimento novo poderá possivelmente, embora não necessariamente, contribuir para a superação de certos aspectos da nossa crise. O desafio é, pois, empolgante. Transmitir tal sensação de aventura não é o menor dos propósitos do presente ensaio.

Tema
de
Capa

**Destques
da Semana**

IHU em
Revista

Livro da Semana

SALZMAN, Todd. LAWLER, Michael. *A pessoa sexual*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

Por uma nova moralidade sexual

Há uma “cultura do medo” na Igreja em relação a escrever e ensinar qualquer coisa que questione o ensino magisterial sobre “temas tabu” na ética sexual, destacam Todd Salman e Michael Lawler

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

“Dentro de relacionamentos conjugais heterossexuais, atos sexuais férteis ou inférteis do tipo reprodutivo e não reprodutivo podem ser unitivos e, portanto, morais”, constatam Todd Salzman e Michael Lawler, autores do livro *A pessoa sexual* (São Leopoldo: Unisinos, 2012), na entrevista que concederam, por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo eles, “muitas pessoas que são gays, lésbicas, bissexuais e transgênero (LGBT), suas famílias e seus amigos e amigas são afastadas da Igreja Católica por causa da afirmação antropológica de que a inclinação homossexual é ‘objetivamente desordenada’”. Os pesquisadores analisam, ainda, a resistência e suspeita eclesial para com temas relacionados à sexualidade humana. Em seu ponto de vista, essa é uma longa história nas tradições cristãs. “Platão e Aristóteles suspeitavam profundamente do prazer sexual, e essa suspeita era compartilhada pelos estoicos, que tiveram a maior influência sobre a abordagem cristã da sexualidade e restringiam os atos sexuais ao matrimônio e,

mesmo no matrimônio, a atos sexuais abertos para a procriação”. Salzman e Lawler reivindicam uma “nova moralidade, enraizada numa antropologia renovada, que se foca em pessoas e não em atos, em relacionamentos e não na biologia, no real e vivencial e não na percepção de um ideal, em princípios e virtudes (como, por exemplo, a justiça e o amor) e não em normas absolutas, ajudaria a recuperar a credibilidade da igreja para os fiéis, para quem deixou a igreja e para quem só tem experiências e percepções externas da igreja”. *O livro A pessoa sexual* acaba de ser traduzido para a língua portuguesa pela Editora Unisinos.

Todd Salzman é Ph.D pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Michael Lawler é graduado em Matemática pela Universidade de Dublin e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, em Roma. É Ph.D em Teologia Sistemática pelo Instituto Aquinas de Teologia, em Saint Louis. Ambos lecionam no departamento de Teologia da Universidade Creighton, nos Estados Unidos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como podemos compreender a “antropologia católica renovada” a qual vocês se propõem na obra *A pessoa sexual*?

Todd Salzman e Michael Lawler – Extraindo percepções da tradição católica, da Escritura, das disciplinas seculares do conhecimento moral e da experiência humana, há seis dimensões fundamentais da antropologia católica renovada no livro *A pessoa sexual* (*The sexual person*).

A primeira e mais fundamental dimensão é a mudança de ênfase na própria tradição católica que passou da pessoa sexual considerada primordialmente como pessoa procriadora para a pessoa sexual considerada primordialmente como pessoa relacional.

A segunda dimensão, que extrai percepções das ciências biológicas e sociais, é uma mudança na percepção da orientação heterossexual como

normativa e a orientação homossexual ou bissexual como “objetivamente desordenada” – como ensina o magistério –, que passou para a concepção da orientação sexual – heterossexual, homossexual ou bissexual – como dimensão intrínseca da pessoa sexual e, portanto, “objetivamente ordenada” para a pessoa heterossexual, homossexual ou bissexual, respectivamente.

A terceira dimensão é uma compreensão holística e integrada da pes-

soa sexual considerada em termos relacionais, físicos, emocionais, psicológicos e espirituais.

A quarta dimensão postula um desejo fundamental das pessoas de estarem em relacionamento, incluindo o relacionamento sexual, com outra pessoa. Esse desejo se realiza num complexo de relacionamentos que o magistério designa como complementaridade. Complementaridade quer dizer que certas realidades formam uma unidade e produzem um todo que nenhuma delas produz sozinha.

Na descrição do magistério, a complementaridade sexual aponta para o matrimônio heterossexual como o relacionamento sexual estável exclusivo entre um homem e uma mulher.

A quinta dimensão expande a descrição da complementaridade sexual por parte do magistério indo além do casamento heterossexual entre homem e mulher e postulando um desejo fundamental de complementaridade holística na pessoa sexual ao integrar a orientação sexual como uma dimensão intrínseca da antropologia sexual. A complementaridade holística inclui a orientação sexual, a complementaridade pessoal e biológica e a integração e manifestação de todas as três na pessoa sexual.

A sexta dimensão postula que “atos sexuais verdadeiramente humanos” realizam as pessoas sexuais. Um ato sexual verdadeiramente humano é um ato em concordância com a orientação sexual de uma pessoa que facilita uma valorização, integração e partilha mais profunda do si-mesmo (self) corporificado da pessoa com outro si-mesmo corporificado tanto em amor como em justiça (amor justo).

A conclusão normativa que se segue dessas seis dimensões antropológicas da pessoa sexual é a seguinte: *alguns* atos homossexuais e heterossexuais, aqueles que cumprem as exigências de complementaridade holística e amor justo, são verdadeiramente humanos e morais; e *alguns* atos homossexuais e heterossexuais, aqueles que não cumprem as exigências de complementaridade holística e amor justo, não são verdadeiramente humanos e são imorais.

IHU On-Line – Em que aspectos é preciso uma nova moralidade conjugal em relação à contracepção, coa-

bitação, homossexualidade e técnicas de reprodução artificial?

Todd Salzman e Michael Lawler – Necessitamos de uma nova moralidade conjugal para tornar a ética sexual católica mais positiva e digna de crédito para as pessoas modernas. Essa moralidade terá implicações normativas para todas as dimensões antropológicas acima mencionadas. Uma nova moralidade conjugal precisa enfatizar a pessoa relacional mais do que a pessoa procriadora e separar a ligação intrínseca e inseparável entre os sentidos unitivo e procriador do ato sexual sustentada pela *Humanae vitae*¹.

A obra *A pessoa sexual* oferece uma justificação metodológica e antropológica para uma nova moralidade conjugal. Tomamos como base e desdobramos as implicações lógicas e normativas da nova moralidade conjugal que se refletem na evolução radical do ensino moral conjugal do catolicismo ocorrida no Concílio Vaticano II². No Concílio, *Gaudium et spes*³, a Consti-

1 Humanae Vitae (em português “Da vida humana”): encíclica escrita pelo Papa Paulo VI. Foi publicada a 25 de Julho de 1968. Inclui o subtítulo Sobre a regulação da natalidade, descreve a postura que a Igreja Católica faz em relação ao aborto e outras medidas que se relacionam com a vida sexual humana. Segundo alguns geraria polémica porque o Papa nela definiu que a contracepção, exclusivamente por meios artificiais, é proibida pelo Magistério da Igreja Católica. (Nota da IHU On-Line)

2 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas**. Confira, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, <http://migre.me/KtJn>. Ainda sobre o tema, a **IHU On-Line** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link <http://migre.me/KtJE>. (Nota da IHU On-Line)

3 Gaudium et Spes: Igreja no mundo

tuição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje, eliminou a linguagem da hierarquia das finalidades do matrimônio. Antes do Vaticano II, declarava-se que a procriação era a finalidade primordial e a união entre os cônjuges, a finalidade secundária do matrimônio. Na *Gaudium et spes*, essa linguagem hierárquica a respeito das duas finalidades do casamento é rejeitada; as finalidades unitiva e procriadora são vistas como finalidades iguais no relacionamento conjugal. Em *A pessoa sexual*, sustentamos que a finalidade procriadora do matrimônio, o que a *Humanae vitae* especifica como o sentido procriador do ato sexual – isto é, abertura para a transmissão da vida –, é moralmente sem sentido no caso de casais férteis casados que optam por não procriar por razões que tanto o papa Pio XII⁴ como o papa Paulo VI⁵ chamam de “razões sérias”, mesmo durante todo o casamento, e no caso de casais, igualmente casados, que são estéreis ou estão na pós-menopausa, que não podem procriar durante todo o matrimônio por razões fisiológicas. Para esses casais, a finalidade unitiva do casamento ou o sentido unitivo do

atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/9IFZTK>, intitulada *A igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Papa Pio XII (1876-1958): nascido *Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli*, foi eleito Papa em 2 de março de 1939. Foi o primeiro Papa nascido na cidade de Roma desde 1724. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da **IHU On-Line**)

ato sexual é a finalidade primordial ou até exclusiva do matrimônio ou o sentido primordial ou até exclusivo do ato sexual. Postular a finalidade unitiva do casamento ou o sentido unitivo do ato sexual como a finalidade primordial ou até exclusiva do matrimônio ou o sentido primordial ou até exclusivo do ato sexual numa nova moralidade conjugal tem implicações profundas para as relações sexuais e as normas que orientam essas relações.

Atos morais e imorais

Em primeiro lugar, dentro de relacionamentos conjugais heterossexuais, atos sexuais férteis ou inférteis do tipo reprodutivo e não reprodutivo podem ser unitivos e, portanto, morais. Essa norma reafirma o que os casais casados já vivenciam; atos sexuais do tipo reprodutivo e atos sexuais do tipo não reprodutivo podem ser unitivos para os casais.

Em segundo lugar, visto que atos sexuais heterossexuais do tipo não reprodutivo podem ser unitivos, a complementaridade heterogenital, que é necessária para atos sexuais do tipo reprodutivo, não é mais essencial para realizar a finalidade unitiva do casamento ou o sentido unitivo do ato sexual. Isso quer dizer que atos sexuais homossexuais do tipo não reprodutivo também podem ser unitivos.

Em terceiro lugar, a nova moralidade conjugal levanta as seguintes perguntas: se a finalidade unitiva do casamento ou o sentido unitivo do ato sexual é primordialmente fundamental para um relacionamento conjugal, quais são as implicações desse desenvolvimento para a moralidade conjugal? Visto que casais homossexuais podem vivenciar e vivenciam efetivamente o sentido unitivo do ato sexual em atos sexuais não reprodutivos, dever-se-ia permitir que eles se casem? Ou então: o casamento é essencial para realizar o sentido unitivo em atos sexuais? Podem casais – heterossexuais, homossexuais ou bissexuais – que não são casados realizar o sentido unitivo do ato sexual?

Em *a pessoa sexual*, defendemos uma nova moralidade conjugal em que a finalidade unitiva do casamento ou o sentido unitivo do ato sexual é o fundamento para um relacionamento conjugal. Essa nova moralidade conjugal justifica normas que admitem a moralidade da contracepção,

da coabitação estável iniciada com o compromisso de casar-se, da homossexualidade e da reprodução artificial, dependendo do *sentido* desses atos para os relacionamentos. Repetimos nossa conclusão normativa aqui: *al-guns* atos homossexuais e heterossexuais, aqueles que cumprem as exigências de complementaridade holística e amor justo, são verdadeiramente humanos e, por conseguinte, morais; e *alguns* atos homossexuais e heterossexuais, aqueles que não cumprem as exigências de complementaridade holística e amor justo, não são verdadeiramente humanos e, por conseguinte, são imorais.

IHU On-Line – Em que sentido uma nova moralidade nesses temas traria outros horizontes à Igreja Católica junto aos seus fiéis?

Todd Salzman e Michael Lawler – Acreditamos, e os dados das ciências sociais mostram, que as atuais normas sexuais católicas, que condenam absolutamente a contracepção, o sexo pré-matrimonial, atos homossexuais, a masturbação e a maioria das tecnologias reprodutivas carecem de credibilidade entre a vasta maioria dos fiéis no mundo moderno. Além disso, acreditamos que muitas pessoas que são gays, lésbicas, bissexuais e transgênero (LGBT), suas famílias e seus amigos e amigas são afastadas da Igreja Católica por causa da afirmação antropológica desta de que a inclinação homossexual é “objetivamente desordenada”. Essa afirmação é percebida como uma negação fundamental de que as pessoas LGBT sejam criadas à imagem e semelhança de Deus. Uma nova moralidade, enraizada numa antropologia renovada, que se foca em pessoas e não em atos, em relacionamentos e não na biologia, no real e vivencial e não na percepção de um ideal, em princípios e virtudes (como, por exemplo, a justiça e o amor) e não em normas absolutas, ajudaria a recuperar a credibilidade da Igreja para os fiéis, para quem deixou a Igreja e para quem só tem experiências e percepções externas da Igreja. Além disso, uma nova moralidade poderia ajudar a curar indivíduos LGBT, seus pais, famílias e amigos, e todas as pessoas que foram afastadas pelos ensinamentos sexuais do magistério, especialmente pelos ensinamentos baseados em afirmações antropológicas sexuais mal

informadas, como o ensinamento de que a orientação homossexual é “objetivamente desordenada”.

IHU On-Line – Por que há tanta resistência dentro da Igreja Católica nesses temas?

Todd Salzman e Michael Lawler – Antes de responder a essa pergunta, e tendo em vista que ela tem implicações para perguntas subsequentes, é importante fazer uma distinção terminológica. O termo “Igreja Católica” é usado em ao menos dois modos diferentes. Ele pode designar o que o Vaticano II chamou de povo de Deus, os bispos, sacerdotes e leigos em conjunto; ou pode designar uma parte muito mais estreita da igreja, a saber, o magistério ou a igreja magisterial. A resistência em relação a esses temas, à qual esta pergunta faz referência, vem, em grande medida, do magistério; a vasta maioria do povo de Deus não parece ter a resistência a esses temas que tem o magistério.

A resistência e suspeita eclesial para com temas relacionados à sexualidade humana tem uma longa história nas tradições cristãs. Platão⁶ e Aristóteles⁷ suspeitavam profundamente do prazer sexual, e essa suspeita era compartilhada pelos estoicos, que tiveram a maior influência sobre a abordagem cristã da sexualidade e restringiam os atos sexuais ao matrimônio e, mesmo

⁶ Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discipulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “As implicações éticas da cosmologia de Platão”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista *IHU On-Line*, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista *IHU On-Line*, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Aristóteles de Estagira (384 a C. - 322 a. C.): filósofo nascido na Calcídia, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

no matrimônio, a atos sexuais abertos para a procriação. Suas suspeitas em relação ao prazer sexual e sua ênfase de que todas as relações sexuais devem ser relações sexuais matrimoniais visando à procriação foram incorporadas em concepções cristãs sobre a sexualidade humana. Embora Agostinho⁸, que muitas vezes é chamado de doutor do matrimônio cristão, reafirmasse que a sexualidade e a atividade sexual são boas porque foram criadas boas pelo Deus bondoso, também sustentava que a bondade delas é ameaçada pelo prazer associado à relação sexual e pela concupiscência engendrada pelo pecado. Ele afirma que a atividade sexual no matrimônio é boa quando sua finalidade é a procriação, e constitui um pecado venial quando, “mesmo que seja com o cônjuge, [visa] satisfazer a concupiscência”. A aversão católica ao prazer sexual atingiu seu ápice quando o papa Gregório Magno banuiu do acesso à igreja qualquer pessoa que apenas tivesse tido uma relação sexual *prazerosa*. Em nossa opinião, o juízo de Brundage a respeito do efeito da história da patrística é acurado: “O horror cristão ao sexo colocou, durante séculos, uma pressão enorme sobre a consciência e a autoestima dos indivíduos no mundo ocidental.” Essa pressão enorme continua até o presente e se evidencia no foco do magistério na “ortodoxia pélvica” na igreja. Portanto, as razões da resistência à discussão de questões sexuais na Igreja Católica são, em grande medida, históricas.

Um tema silenciado

Elas também são de caráter relacional e vivencial. Um sacerdócio celibatário não tem informações vivenciais sobre o uso moral da sexualidade humana em relações sexuais justas e amorosas. Essa falta de vivência, mesmo sem negar inteiramente o que o magistério diz sobre a sexualidade humana, pode afetar negativamente as reflexões teológicas sobre a sexualidade humana, a antropologia e as normas deduzidas dessas reflexões e a disposição de travar diálogo com as pessoas que têm informações vivenciais sobre relações sexuais morais e

cujas reflexões teológicas discordam das do magistério.

A combinação dessas razões cria uma suspeita e um temor profundos tanto para com a sexualidade como para com qualquer diálogo sobre pontos de vista alternativos, científica e teologicamente fundamentados, sobre a sexualidade humana. Basta simplesmente examinar a história do “silenciamento”, da “repreensão” ou da emissão de “notificações” para teólogos e teólogas que contestaram o ensino católico oficial sobre a sexualidade para perceber que esse é um tema sobre o qual o magistério não quer dialogar.

IHU On-Line – Em que medida essa resistência da Igreja Católica sobre tais assuntos é, em última instância, um cerceamento da liberdade sobre os corpos e mentes?

Todd Salzman e Michael Lawler – Não cremos que o magistério tenha uma política *explícita* de restrição da liberdade dos corpos e mentes dos fiéis resistindo ao diálogo aberto e sincero sobre questões de ética sexual, mas a postura rígida e autoritária que ele assume sobre essas questões pode ter esse efeito. Ao ensinar o que ensinam sobre questões sexuais, presumimos que as pessoas que ocupam o magistério estejam seguindo sua consciência em relação a como entendem, interpretam e aplicam as fontes do conhecimento moral (Escritura, tradição, disciplinas seculares do conhecimento moral e experiência humana) às questões de ética sexual. Infelizmente, o respeito pela consciência e por sua capacidade de discernir a verdade em questões de ética sexual que concedemos ao magistério não é retribuído na mesma moeda pelo magistério aos teólogos e aos fiéis em geral. Essa ausência de reciprocidade pode, sem dúvida, ter o efeito de restringir a liberdade das mentes ou consciências dos fiéis, e é uma violação direta do ensinamento sobre a autoridade da consciência há muito estabelecido na tradição católica.

Concordamos com o jovem Joseph Ratzinger, agora papa Bento XVI, que, em seu comentário sobre as reflexões da *Gaudium et spes* sobre a consciência, observa o seguinte: “Acima do papa como expressão da reivindicação vinculante da autoridade eclesiástica ainda se encontra a consciência da própria pessoa, que deve ser obedecida antes de qualquer outra coisa, se necessário até contra a exigência da autoridade eclesiástica. A consciência confronta [o indivíduo] com um tribunal supremo e último, que, em última análise, está além da reivindicação de grupos sociais externos, até mesmo da igreja oficial.”

Uma pessoa forma e informa sua consciência com base no discernimento orante, informada pelas fontes do conhecimento moral (Escritura, tradição, disciplinas seculares do conhecimento moral e experiência humana), orientada pelo Espírito Santo e, talvez, por um aconselhador competente e faz um juízo moral com base nesse processo. A afirmação de Ratzinger sobre a consciência, que é uma expressão acurada do ensino tradicional da igreja sobre a autoridade final da consciência, destaca o fato de que a resistência do magistério ao diálogo sobre questões de ética sexual com as pessoas que formaram e informaram sua consciência e chegaram a conclusões diferentes sobre questões sexuais é uma fundamental falta de respeito pela autoridade da consciência. O antigo aforisma parece se aplicar absolutamente a questões sexuais: *Roma locuta est, causa finita est* (Roma falou, o caso está encerrado). Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o magistério tenta restringir a liberdade da consciência e definir de maneira estreita como as pessoas se expressam em atos sexuais corporais.

IHU On-Line – Qual é a importância de se pensar uma antropologia católica renovada frente ao recrudescimento da intolerância em “temas tabu” como a homossexualidade e, ainda, a ordenação de homossexuais e mulheres?

Todd Salzman e Michael Lawler – Creemos que essas reflexões são cruciais para fazer a igreja e o magistério avançar em sua teologia e seu ensino sobre a sexualidade humana. Há desdobramentos incríveis nas ciências sociais e biológicas no tocante à sexualidade humana, e os teólogos e teólogas católicos precisam ter liberdade de se envolver no diálogo com esses desdobramentos sem temer represálias magisteriais para fazer avançar a pesquisa católica sobre questões muito importantes. Atualmente, e por boas razões, há uma “cultura do medo” na igreja em relação a escrever e ensinar

⁸ Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

qualquer coisa que questione o ensino magisterial sobre “temas tabu” na ética sexual. Professores católicos, funcionários diocesanos e até sacerdotes e bispos perderam seu emprego ou foram censurados por dizer ou escrever coisas que contradizem ou até simplesmente levantam perguntas a respeito de ensinamentos magisteriais sobre essas questões. A atmosfera é medieval, opressiva, um abuso de poder e pecaminosa. Um bom exemplo desse clima opressivo é a Carta Apostólica *Ordinatio sacerdotalis*, de João Paulo II, sobre a questão da ordenação de mulheres ao sacerdócio, onde ele afirma, sem provas, que a questão da ordenação de mulheres foi objeto de ensinamento definitivo e não está mais aberta para debate ou discussão. Essa postura contraria a intuição em termos tradicionais e teológicos. Se o ensinamento é verdadeiro, como sustenta o magistério, pensar-se-ia que o debate e discussão contínua tornaria essa verdade mais clara e evidente ainda. Encerrar o debate e discussão nos parece ser uma postura opressora baseada no medo e um sinal de que os argumentos não resistem a um exame científico, como é o caso no ensinamento que proíbe a ordenação de mulheres.

A voz dos sem voz

Entretanto, mais importante do que a necessidade de liberdade teológica para a reflexão sobre esses “temas tabu” é a realidade de que muitas pessoas sofreram e continuam a sofrer por causa das normas absolutas do magistério a respeito de temas sexuais “tabu”. Elas se sentem afastadas e isoladas de sua Igreja e de seu Deus por causa das normas absolutas que proíbem atos contraceptivos ou homossexuais, por exemplo, e por causa da antropologia que classifica a orientação homossexual como uma “desordem objetiva”. Os teólogos e teólogas têm não apenas um direito, mas especialmente uma responsabilidade de se manifestarem pelas pessoas que não têm voz, que estão isoladas e afastadas. A vocação do cristão de dizer a verdade ao poder e de ser uma voz dos sem voz também se aplica ao teólogo e teóloga católica.

IHU On-Line – Em que medida essa nova mentalidade que vocês propõem encontra espaço para discussão dentro da Igreja Católica?

Todd Salzman e Michael Lawler – Mais uma vez, isso depende de como se entende o termo “Igreja Católica”. *The sexual person* recebeu o prêmio da imprensa católica americana na categoria livro, o primeiro lugar em teologia, em 2009. Ele foi resenhado muito positivamente por teólogos e teólogas numa série de revistas teológicas importantes no mundo inteiro. Recebemos numerosos e-mails de apoio de colegas teólogos e pessoas leigas que nos agradeceram pelo livro, especialmente depois que o Comitê de Doutrina da Conferência Episcopal dos Estados Unidos “repreendeu” o livro em 2010. Na Igreja Católica como povo de Deus há apoio, interesse e uma fome espiritual pela nova mentalidade que estamos propondo.

Para a Igreja Católica como magistério, a questão se coloca de modo inteiramente diferente. O Comitê de Doutrina da Conferência Episcopal dos Estados Unidos repreendeu nosso livro em 2010. Mais recentemente, a Congregação para a Doutrina da Fé silenciou três sacerdotes-teólogos irlandeses e emitiu uma “notificação” referente ao livro *Just love* [Amor justo], da especialista em teologia moral Margaret Farley, publicado em 2006, dois anos antes do nosso. Não sabemos ao certo se haverá um silenciamento ou notificação semelhante, por parte da Congregação para a Doutrina da Fé, em relação a *The sexual person* ou a nosso novo livro, *Sexual ethics: a theological introduction*, publicado pela Georgetown University Press em 2012. Se isso não acontecer, não será porque as concepções do magistério sobre essas questões estejam ficando “mais brandas”. Será, mais provavelmente, porque somos homens leigos casados que estão fora do alcance do magistério, que pode pressionar os bispos e/ou as ordens religiosas para “silenciar” religiosos e religiosas, mas não leigos.

Apesar da falta de abertura pura a discussão e diálogo aberto e sincero com o magistério sobre essas questões, temos a esperança de que, a longo prazo, à medida que mais pessoas se manifestarem sobre essas questões, o povo de Deus transforme o clima no magistério para permitir uma discussão e diálogo aberto e sincero.

IHU On-Line – Como podemos discutir sexualidade no âmbito da

Igreja Católica considerando que na moral dessa religião o sexo deve ser praticado somente para fins reprodutivos? Como entender esse paradoxo?

Todd Salzman e Michael Lawler – Isso faz parte da desconexão (ou paradoxo) que tentamos salientar no livro *A pessoa sexual*. Por um lado, houve uma mudança radical na antropologia sexual no Concílio Vaticano II que eliminou a linguagem hierárquica sobre as finalidades do matrimônio. As finalidades unitiva e procriadora do casamento estão em pé de igualdade. Isso assinalou uma passagem da tradicional antropologia sexual primordialmente procriacionista para uma antropologia sexual relacional e primordialmente unitiva. O magistério oferece alguns belos ensinamentos e reflexões, por exemplo na *Humanae vitae*, sobre a finalidade unitiva do matrimônio e o sentido unitivo do ato sexual e da sexualidade humana. Atos sexuais podem nos fazer crescer relacionalmente e aprofundar nosso relacionamento com nosso cônjuge e com Deus. Agostinho tinha e tem razão: o sexo é bom porque é criado por um Deus bondoso e amoroso. Um grupo convocado pela Conferência Nacional dos Bispos dos Estados Unidos chega a afirmar que atos sexuais conjugais mutuamente prazerosos são possivelmente as experiências humanas que simbolizam do modo mais pleno a comunicação amorosa entre a Trindade divina, o que é uma declaração que reafirma a bondade tanto da sexualidade humana como de atos sexuais verdadeiramente humanos.

Paradoxo e desconexão

Há dois problemas quando o magistério trata da sexualidade dentro da igreja. Em primeiro lugar, raramente ouvimos falar da beleza positiva da sexualidade humana e de sua bondade fundamental. Em segundo, o que se ouve com frequência é o ensino negativo do magistério contra certos atos sexuais, especialmente atos homossexuais. O magistério dá continuidade a uma agressiva campanha mundial contra atos homossexuais e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Há uma desconexão entre a ênfase do magistério na importância e significação relacional do sentido unitivo da sexualidade humana e a redução por ele promovida dessa importância e significação relacional a um foco na reprodução. Esse foco fica evidente nas

normas absolutas que proibem a contracepção, atos heterossexuais do tipo não reprodutivo, atos homossexuais e a masturbação.

Essa desconexão salienta o paradoxo entre o ensino efetivo do magistério sobre a importância da finalidade unitiva do matrimônio ou o sentido unitivo do ato sexual e as normas absolutas que enfocam primordial ou exclusivamente a reprodução. Nós propomos um foco maior e uma priorização do sentido unitivo da sexualidade humana. Com este foco e esta priorização, muitas das normas absolutas do magistério que enfocam e priorizam a reprodução teriam de ser reavaliadas, reformadas ou abandonadas.

IHU On-Line – Como uma família estruturada a partir da moralidade católica pode orientar seus filhos a respeito da sexualidade?

Todd Salzman e Michael Lawler

– Antes de tudo, cremos que é crucial que os pais corporifiquem e enfatizem a bondade da sexualidade e seu poder como uma forma íntima de comunicação humana. Nos Estados Unidos, estudos indicam que só 50% dos pais falam a seus filhos a respeito da sexualidade e que muitos dos que o fazem oferecem apenas um único “papo sobre sexo”. As crianças não vivem num vácuo. Se elas não estão obtendo informações boas, acuradas e positivas sobre sexualidade de seus pais (ou mesmo que as estejam obtendo), muitas vezes elas estão recebendo informações duvidosas e prejudiciais de seus pares, da mídia, internet e cultura. Os dados mostram que muitos pais não falam com seus filhos sobre sexualidade porque não se sentem à vontade com sua própria sexualidade. Os pais precisam se informar sobre sexualidade e se sentir à vontade para discutir assuntos ligados à sexualidade a fim de dialogar com seus filhos.

Em segundo lugar, os pais precisam distinguir entre o ensinamento sexual católico que é proveitoso e aquele que não é proveitoso para comunicar uma mensagem sobre a sexualidade humana que seja positiva, sadia, moral e apropriada à idade dos filhos. Uma mensagem proveitosa poderia consistir em focar o amor incondicional de Deus pelos seres humanos, todos criados à imagem e semelhança de Deus, com uma sexualidade que é boa. Outra mensagem é

que o sexo pode ser usado de formas que nos ajudem ou nos prejudiquem em nossos relacionamentos com Deus, o próximo e nós mesmos, e especificar diferentes formas pelas quais ele pode ajudar ou prejudicar. Reenfatizamos aqui um princípio importante que precisa ser traduzido para um nível apropriado à idade das crianças com exemplos igualmente apropriados à idade delas: atos sexuais verdadeiramente humanos, holisticamente complementares, justos e amorosos são fundamental e moralmente bons.

Mensagens prejudiciais

Uma mensagem não proveitosa seria ensinar, como o faz o *Catecismo da Igreja Católica*, a adolescentes do sexo masculino ou feminino que a masturbação é uma “ação intrínseca e gravemente desordenada”, sem acrescentar a advertência acerca da responsabilidade moral ou pecaminosidade acrescentada pelo *Catecismo*: “Para formar um juízo equitativo sobre a responsabilidade moral do sujeito e orientar a ação pastoral, deve-se levar em conta a imaturidade afetiva, a força do hábito adquirido, os quadros de ansiedade ou outros fatores psicológicos ou sociais que diminuem, ou então reduzem a um mínimo, a culpabilidade moral.” Outra mensagem não proveitosa, que seria bastante prejudicial em termos emocionais, psicológicos e desenvolvimentais, seria se um pai ou mãe de um filho gay ou uma filha lésbica informasse a ele ou ela que o magistério ensina que uma inclinação homossexual é “objetivamente desordenada”. Os pais precisam separar o joio do trigo do ensino magisterial sobre a sexualidade humana ao ensinar seus filhos a respeito da sexualidade. Para fazer isso, eles precisam se sentir à vontade com sua própria sexualidade, informar-se sobre o ensino da igreja e os pontos fortes e fracos desse ensino e começar a conversar sobre sexualidade com seus filhos numa idade precoce para criar uma atmosfera confortável para o diálogo e a discussão. Não só alguns aspectos do ensino magisterial, mas também as muitas crenças culturais de que o sexo é tabu não contribuem para criar uma atmosfera confortável ou sadia.

Como dissemos acima, o magistério tem efetivamente algumas coisas inspiradoras a dizer sobre o sentido unitivo da sexualidade humana e so-

bre a importância de se ser responsável ao expressar a sexualidade. Essas mensagens, e não normas “proscritoras” absolutas fundamentadas numa antropologia sexual reprodutiva, deveriam servir de informação aos pais católicos e ser comunicadas com abertura, sinceridade e frequência às crianças numa idade apropriada.

IHU On-Line – Considerando a sexualidade como um fenômeno humano, como pode ser compreendida e sustentada a prática do celibato?

Todd Salzman e Michael Lawler

– Para pessoas de orientação homossexual ou heterossexual, o celibato “por causa do reino” sempre pode ser uma opção livre para vivenciar a própria sexualidade. Entretanto, se o celibato é obrigatório e a única opção para uma pessoa – o que ele é, de acordo com o ensinamento magisterial, não só para os sacerdotes, mas também para todas as pessoas com uma orientação homossexual –, isso pode ser prejudicial em termos emocionais, psicológicos, relacionais e espirituais. A opção de ser celibatário nunca deveria ser imposta; tal imposição pode ser uma violação da consciência e destrutiva para a pessoa sexual.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Todd Salzman e Michael Lawler

– No prólogo do livro *A pessoa sexual*, nós afirmamos que estamos inteiramente abertos ao diálogo e esperamos que ele estimule o diálogo entre teólogos/teólogas, pessoas leigas e o magistério sobre o tema muito importante da ética sexual. Estendemos essa esperança e esse convite a nossos irmãos e irmãs que lerem esse livro em português e esperamos que o magistério acabe se envolvendo no diálogo construtivo e autêntico. Também esperamos que as pessoas que se sentem afastadas, frustradas ou traídas por alguns aspectos do ensino do magistério sobre a sexualidade humana encontrem sentido, esperança e, talvez, até uma certa paz lendo nosso livro. Tentamos recorrer ao que há de melhor na tradição cristã católica até o presente e defender teologicamente uma antropologia sexual e uma ética sexual que reconheçam a sexualidade e atos sexuais verdadeiramente humanos, holisticamente complementares, justos e amorosos como bons em termos fundamentais e morais.



Valério Brittos e o campo da Economia Política da Comunicação brasileira: contribuição teórica e a pauta pendente

POR CÉSAR BOLAÑO*

É com angústia e tristeza que me ponho a escrever estas linhas, mas não poderia deixar de fazê-lo, pois se trata de compromisso assumido há meses com o querido amigo que se foi. A dor é tanto maior porque Valério foi meu discípulo, o mais comprometido e leal que se possa ter. Um presente, um empréstimo, do céu. Quando o conheci, em 1997, já era um intelectual formado, com livro publicado e recém-ingressado no doutoramento da UFBA, sob a orientação do nosso amigo comum, Sérgio Mattos.

Seu interesse era retomar, na perspectiva da Economia Política da Comunicação (EPC) – tal como eu a vinha desenvolvendo e divulgando através dos grupos da INTERCOM e da ALAIC, que viriam a constituir a rede EPTIC em 1999 –, o objeto do seu primeiro livro, um estudo pioneiro da TV segmentada no Brasil. Após aquele primeiro encontro, de alegre lembrança, dedicou-se com a enorme energia que o caracterizava ao desenvolvimento da EPC brasileira, ampliando significativamente o seu escopo, seja em nível teórico, seja no que se refere

ao conhecimento empírico de uma realidade em transformação e pouco estudada no país.

Aplicando o mesmo paradigma desenvolvido para a análise do mercado brasileiro de televisão (de massa), pôde explicitar a existência de um paralelismo interessante na evolução histórica de ambos os setores do audiovisual, que passam, em momentos históricos distintos, por processos de oligopolização. Em 1995, a estrutura da indústria de TV brasileira, no seu conjunto, mudara essencialmente, inaugurando uma nova situação, que denominou **fase da multiplicidade da oferta**, conceito que eu próprio adotaria, quando da segunda edição de Mercado Brasileiro de Televisão, em 2004, por ele prefaciada.

Já nessa segunda edição de meu primeiro livro, um trecho foi escrito a quatro mãos, fato que se repetiria de forma ampliada no nosso livro em comum sobre a TV digital, publicado em 2007. A dedicação com que Valério assumiu o acompanhamento do mercado brasileiro de televisão (aberta

* César Bolaño é membro fundador do Grupo Cepos e o atual pesquisador-líder sucedendo Valério Brittos; doutor e mestre em economia pela Unicamp, jornalista formado pela USP, é professor do departamento de economia da UFS e presidente da Associação Latino-Americana dos Investigadores da Comunicação (ALAIC). E-mail: bolano.ufs@gmail.com

e segmentada, analógica e digital) e a identidade de pensamento que tínhamos dava-me liberdade para dedicar-me a outros temas – da subsunção do trabalho intelectual à epistemologia –, ampliando o potencial explicativo do referencial teórico que estávamos, havia já dez anos nesse momento, construindo em parceria.

No dia do seu falecimento, Valério era seguramente o maior conhecedor da situação e das tendências da TV brasileira em todas as suas modalidades. Tínhamos previsto, quando ele adoeceu, retomar a produção de outro livro comum sobre o tema, para a comemoração dos 25 anos de publicação de meu Mercado Brasileiro de Televisão, em que utilizaríamos outro conceito que Valério estava começando a trabalhar com seus alunos e colaboradores, o de **pluri-TV**.

Outra contribuição fundamental de Valério à construção do nosso quadro teórico foi o aprofundamento do conceito de **barreiras à entrada**, de larga tradição na Ciência Econômica, que eu propusera incorporar ao campo da EPC, com base na definição de Mario Possas. Valério é quem faz a classificação das barreiras em **técnico-econômicas e estético-produtivas**. Ademais, sendo o meu conceito de **padrão tecnoestético** – articulador das

determinações de ordem econômica e cultural no nível das estruturas de mediação constituídas pelos capitais individuais em concorrência –, a chave para a compreensão das barreiras nas indústrias culturais e da comunicação, e tendo em vista os limites da própria EPC para defini-lo cabalmente, faltando incorporar, de forma mais sistemática, contribuições de outras origens, Valério se encarregará de montar, no interior do grupo CEPOS, um pequeno programa de pesquisa sobre o tema, apontando inclusive para a necessidade de se pensar em **padrões alternativos**, ligados à comunicação contra hegemônica.

Ainda na tese de doutoramento, além dos conceitos citados e da periodização da TV segmentada e da TV de massa no Brasil, Valério realizará um estudo sobre a TV portuguesa, que, em seguida, continuará acompanhando. Também a Espanha será matéria de seu interesse e de forma sistemática com a aprovação do projeto que coordenava, pela CAPES, sobre a TV digital terrestre, nos marcos do qual organizaria inclusive um importante seminário em Madrid, em 2010. Esta e outras ações em nível internacional fazem parte, aliás, de sua importante contribuição também para a organização e institucionalização do campo da

EPC e da Comunicação em geral. Não há espaço aqui para esse tema. Voltarei a ele em outro momento, nesta mesma coluna.

O fato é que, seja pela sua contribuição teórica, seja pelo seu ativismo acadêmico e institucional, Valério Brittos colocou o grupo CEPOS, por ele criado, e a UNISINOS, no centro do mapa da EPC mundial. Ao lado do OBSCOM/UFS, forma o eixo histórico principal da EPC brasileira. Do ponto de vista da pesquisa empírica, um estava mais dedicado à TV digital, o outro à economia da Internet. Os conceitos (padrões, barreiras, fases, forma, funções, convergência) que desenvolvemos visam iluminar a parte da realidade social que nos toca analisar. Isto não mudou.

O programa de pesquisas citado sobre os padrões tecnoestéticos, aliado à compreensão das tendências particulares da digitalização sobre as diferentes indústrias culturais e da comunicação, deve demonstrar o seu poder explicativo, apoiando-se no amplo marco conceitual, que Valério ajudou a construir e que permanece aberto à contribuição dos pesquisadores que constroem hoje a EPC brasileira. A eles se dirigem em especial estas linhas. Em memória do nosso mestre e amigo.



Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela *IHU On-Line* no período de 14-08-2012 a 20-08-2012, disponíveis nas *Entrevistas do Dia* do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Convenção 169 da OIT: o descaso brasileiro

Entrevista especial com Carolina Bellinger, advogada da Comissão Pró-Índio de São Paulo
Confira nas Notícias do Dia de 14-08-2012
Acesse no link <http://bit.ly/OW3KuW>

Depois de ignorar diversas vezes a Convenção 169 da OIT, que determina o direito de consulta prévia às comunidades indígenas e quilombolas, o Estado brasileiro foi pressionado após a divulgação do Informe da Comissão de Peritos da OIT, ocorrida nesse ano. Apesar das críticas recebidas, “o governo federal não apresentou nenhuma proposta por enquanto”.

Complexo Industrial de Suape: os limites do desenvolvimento

Entrevista especial com Heitor Costa, físico, integrante da Rede Brasileira de Justiça Ambiental – RBJA e da Articulação Antinuclear Brasileira – AAB
Confira nas Notícias do Dia de 15-08-2012
Acesse no link <http://bit.ly/PXZzxi>

O polêmico projeto do Complexo Industrial de Suape, instalado no estado de Pernambuco em 1975, durante a ditadura militar, tem recebido críticas de ambientalistas e pesquisadores, porque se baseia na “concentração de investimentos” e causa inúmeros problemas ambientais e sociais.

Hidronegócio atinge a pesca artesanal

Entrevista especial com Maria José Pacheco, secretária executiva nacional do Conselho Nacional dos Pescadores
Confira nas Notícias do Dia de 16-08-2012
Acesse no link <http://bit.ly/NGNn83>

Da mesma forma que o agronegócio, o hidronegócio, uma das apostas comerciais do Estado brasileiro, tem gerado conflitos e afetado as populações ribeirinhas e pescadores, que sobrevivem da pesca artesanal.

A relevante queda do crescimento evangélico revelado pelo Censo 2010

Entrevista especial com Paulo Ayres Mattos, teólogo, docente da Universidade Metodista de São Paulo
Confira nas Notícias do Dia de 17-08-2012
Acesse no link <http://bit.ly/NsbbKk>

“As pessoas, hoje, têm mais liberdade para escolher e combinar diversas opções em seu próprio cardápio religioso como num balcão de comida a quilo”, diz bispo emérito metodista e pesquisador do pentecostalismo.

Guerrilha do Araguaia: uma guerra interna

Entrevista especial com Leonencio Nossa, jornalista
Confira nas Notícias do Dia de 18-08-2012
Acesse no link <http://bit.ly/NsbbKk>

“O extermínio no Araguaia foi uma política de Estado”, aponta o entrevistado. “A guerrilha foi mais um momento da história de refluxo do país no tempo. É a ilustração máxima de um Estado que não aceita o diálogo e promove uma guerra interna”.

Acordo Coletivo de Trabalho com Propósito Específico é a negação dos direitos trabalhistas

Entrevista especial com Graça Druck, socióloga, professora na Universidade Federal da Bahia
Confira nas Notícias do Dia de 20-08-2012
Acesse no link <http://bit.ly/NWaQPc>

“A proteção social e a garantia dos direitos através da legislação e das instituições que operam o direito do trabalho são, mais do que nunca, indispensáveis nos dias atuais”, constata a pesquisadora.

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Agenda da Semana

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU
programados para a semana de 20-08-2012 a 27-08-2012

Tema: Mobilidade urbana: a bicicleta como meio de transporte sustentável

Palestrante: Prof. MS Marcelo Sgarbossa

Evento: IHU ideias

Data: 23-08-2012

Mais informações: <http://bit.ly/Pg66Yz>

Evento: Jesus e o Reino no Evangelho de Marcos

Tema: Primeira etapa *O início do Evangelho de Marcos* – Mc 1,1-15

Data: 13-08-2012 a 26-08-2012

De 13 a 19 de agosto – Contexto histórico e literário do Evangelho de Marcos

De 20 de agosto a 26 de agosto – Jesus o Messias e as expectativas messiânicas (Mc 1, 1-15)

Mais informações: <http://zip.net/bghpr0>

Evento: IHU ideias

Data: 23-08-2012

Palestra: Mobilidade urbana: a bicicleta como meio de transporte sustentável

Palestrante: Prof. MS Marcelo Sgarbossa - Laboratório de Políticas Públicas e Sociais - LAPPUS

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://migre.me/amHhD>

Perfil

Jacques Távora Alfonsin

POR MÁRCIA JUNGES

“**C**ostuma-se atacar quem trabalha como nós, em defesa dos direitos humanos, como gente atrasada, ideologicamente desorientada, que atrapalha o progresso impulsionado pelo capital globalizante. Isso está acontecendo agora em Porto Alegre, com a defesa que estamos fazendo das multidões pobres afetadas pelos megaventos da Copa do Mundo”. O desabafo é do advogado Jacques Távora Alfonsin, na entrevista que concedeu pessoalmente em seu escritório na ONG Acesso, Cidadania e Direitos Humanos, no centro de Porto Alegre. Numa manhã chuvosa, esse defensor dos direitos dos mais pobres recebeu a **IHU On-Line** para uma conversa informal, mas repleta de argumentação jurídica e fundamentação humana. Aluno do Ir. Antonio Cechin*, no Colégio Rosário, passou a lutar pelos direitos daqueles que foram empobrecidos, alicerçado em uma

inspiração evangélica que o acompanha até hoje. “Não se lida com o povo como se lida com um imóvel, ou um animal. Tem que se lidar com o povo considerando sua dignidade, sua cidadania”, destaca. Ele destaca que há uma diferença gigantesca “quando se interpreta uma lei em favor do capital, e quando se interpreta em favor das/os pobres”. Em seu ponto de vista, o bode expiatório no Brasil de hoje são os pobres.

Jacques Távora Alfonsin é advogado do MST e procurador aposentado do estado do Rio Grande do Sul. É mestre em Direito, pela Unisinos, onde também foi professor. É membro da ONG Acesso, Cidadania e Direitos Humanos e publica periodicamente seus artigos nas Notícias do Dia da página do IHU. Foi nomeado membro da Comissão Estadual da Verdade

Confira a entrevista.

Família – Sou casado há 48 anos com Ana Isabel. Nas pastorais sociais, comunidades eclesiais de base, creches de crianças pobres e no grupo de mulheres que compõe a chamada “mística feminina” ela é conhecida por Belinha. Sou pai de três filhas e um filho: a Verônica, psicopedagoga, dedicada à música e ao canto. Integra um coral que eu apelidei de “sol de si”, tal a luz e o som que envolve a gente quando o ouve. Deu-me um neto, Henrique; a Betânia, advogada e professora, dedicada ao estudo e à prática do Direito Urbanístico, muito conhecida no Brasil pelo que já escreveu a

respeito. Deu-me uma neta, América; o Tiago, professor e amante da natureza, defensor do meio ambiente, pai do Rodrigo, meu terceiro neto; e a Raquel, atriz de teatro, muito atenta à saúde da sua mãe, a quem dedica parte dos seus dias.

Origens – Sou filho de Tapes, Rio Grande do Sul. Nasci há 73 anos, de mãe Nicolina, escritã, e pai Severino, caixeiro viajante. Vivi minha infância à beira da Lagoa dos Patos. Como naquela época não havia escola de segundo grau onde eu pudesse estudar, vim para Porto Alegre como estudante

interno do Colégio Rosário. Lá, entre outros bons professores, fui aluno do Irmão Antonio Cechin, a quem devo muito por ter-me inspirado defender os direitos humanos das/os pobres.

Procurador do Estado – Fiz vestibular para a faculdade de Direito e estudei de 1958 a 1963 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Formado, prestei concurso para a Procuradoria Geral do Estado, que na época se chamava Consultoria Geral do Estado. Nesse concurso eu podia optar por ser consultor ou assistente judiciário naqueles car-

* **Antônio Cechin**: graduado em Letras Clássicas (grego, latim e português) e em Ciências Jurídicas e Sociais. Especialista em Economia e Humanismo no IRFED de Paris, ele já trabalhou, entre outras coisas, como diretor do Colégio Marista São Luís, em São Leopoldo, Coordenador da Equipe de Catequese Libertadora do Regional Sul-3, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Secretário particular do Promotor Geral da Fé, no Vaticano e assessor do MST enquanto esse estava ligado às Comunidades Eclesiais de Base (de 1979 a 1984). Confira sua trajetória de vida e sacerdócio na entrevista “Os pobres me evangelizaram”, publicada na edição 223 da revista **IHU On-Line**, de 11-09-2007, disponível em <http://bit.ly/P97Xvx>. (Nota da **IHU On-Line**)

gos públicos então conhecidos como advogados de ofício. Optei por ser advogado de ofício, profissional que, pago pelo Estado, trabalhava para as/os pobres. Hoje, funções como essa são desenvolvidas pela Defensoria Pública. Atuei nessa prestação de serviço de 1965 a 1975, quando passei à defesa do domínio público, dentro da mesma Procuradoria.

Ocupação vitoriosa – Em 1979, o Ir. Cecchin estava dando assistência à conquista de uma área de terra em Canoas-RS, com extensão de 42 hectares, no antigo Prado. A pessoa jurídica que mantinha a exploração da corrida de cavalos ali tinha abandonado o imóvel. Um grupo formado por mais de cem famílias, que não tinha onde morar, ocupou então aquela área. Os proprietários entraram com uma ação de reintegração de posse. O Ir. Antonio me pediu para fazer a defesa daquela multidão. A sentença nos foi desfavorável. Entramos com um recurso, endereçado ao Tribunal de Alçada do Estado – que ainda existia na época – e conseguimos modificar a decisão judicial em favor das/os moradoras/es. Foi uma das maiores vitórias que, nesse tipo de ação judicial, as/os pobres alcançaram. Em 1983, o Tribunal de Alçada julgou que o povo poderia ficar lá. Essa área deve abrigar, hoje, milhares de famílias, agora contempladas com progressiva regularização fundiária, garantida pelo Estatuto da Cidade e promovida pelo município.

Função social da propriedade, especialmente a da terra

Esse princípio constitucional está longe de merecer toda a atenção que a importância dos seus efeitos exige. Tanto nas decisões tomadas pelo poder administrativo do Estado como naquelas tomadas pelo Judiciário, ele é um dos menos lembrados nos conflitos possessórios e reivindicatórios que são levados aos tribunais. Especialmente em matéria de terra, onde eu mais atuo, a simples presença de um papel tipo registro de um imóvel em nome de um latifundiário tem sido considerada suficiente para descartar qualquer cogitação da função social do espaço titulado (por sua própria natureza indispensável à vida de todas/os e não só das/os proprietárias/os). Além

de uma grande injustiça, aí se dá uma flagrante violação da lei, pois, entre outros ordenamentos jurídicos, o Estatuto da Terra, o Estatuto da Cidade e o Código Florestal só admitem que a propriedade sobre terra cumpre sua função social medindo-se o uso que está sendo feito dela em prol do bem coletivo, não havendo como, então, considerar-se uma tal obrigação cumprida, com a simples exibição de um documento comprobatório de que alguém é dono de uma fração de terra. Nem a chamada “produtividade” da terra é suficiente para que tal função seja julgada como obedecida, pois entre produtividade (em prol do bem comum ou coletivo como dizem as leis) e produtivismo, medido apenas pelo sucesso econômico de um latifúndio, que não faz da terra mais do que uma mercadoria como outra qualquer, existe uma grande diferença. O desconhecimento dessa diferença crucial é suficiente para matar um agricultor sem terra, como aconteceu com Elton Brum da Silva¹ em São Gabriel-RS, no ano de 2009, durante a execução de uma ordem judicial de reintegração de posse.

Multidões pobres

Alguns exemplos, todavia, parecem ter vencido esse mal do quanto é ineficiente o princípio da função social na maioria das decisões administrativas e judiciais. Em 1985, durante a ocupação da Fazenda Annoni, em Sarandi-RS, as/os sem terra ficaram sabendo da ação judicial de Canoas e buscaram socorro no meu trabalho profissional. Como resultado da sua forte mobilização, que contou inclusive com o apoio de igrejas, como a Católica, do Pe. Arnildo², hoje existe na-

¹ **Elton Brum da Silva**: sem-terra morto em agosto de 2009, pela Polícia Militar do Rio Grande do Sul, durante um conflito com os trabalhadores sem-terra, acampados no município de São Gabriel, “a cidade do latifúndio”. Confira depoimentos sobre sua morte nas

Notícias do Dia 27-08-2009, em <http://bit.ly/OswtZH>. (Nota da IHU On-Line)

² **Arnildo Fritzen**: pároco de Ronda Alta e um dos mentores de Encruzilhada Natalino, centro do acampamento dos sem-terra. Fazia a ligação entre o MST e ala progressista da Igreja Católica.

Confira a entrevista com Antonio Cecchin às **Notícias do Dia** 05-08-2008, disponível em <http://migre.me/Msgn> e intitulada *Encruzilhada Natalino, 30 anos. O nascimento de um acampamento*. Leia,

quele latifúndio um dos mais exitosos assentamentos de reforma agrária do país. A partir daí, sempre que chamado, prestei meus serviços profissionais em defesa de sem teto e de sem terra. Eu e alguns/as companheiras/os reunidos sob a Renap – Rede Nacional de Advogadas/os Populares, passamos a atuar em conjunto apoiando os direitos humanos fundamentais sociais dessas multidões pobres.

Gesto desesperado

Em 1998 houve uma ocupação de terras muito significativa em Bossoroca, RS, na Fazenda Primavera, onde as/os sem-terra obtiveram outra vitória emblemática, que deu chance a uma nova postura dos tribunais em relação a elas/eles e as/os sem teto. Isso porque, no julgamento do recurso judicial interposto pelas rés/réus da ação de reintegração de posse que tinha sido proposta contra elas/eles, o voto vencedor de uma das Câmaras Cíveis do Tribunal de Justiça do Estado chegou a dizer que, quando estivessem em conflito direitos patrimoniais e direitos humanos fundamentais, não havendo outra saída que não a do sacrifício de um deles, o sacrificado deveria ser o patrimonial. Isso criou uma polêmica muito grande no Rio Grande do Sul e no Brasil inteiro.

O certo é que, a partir de então, os seminários de divulgação de direitos, doutrinas, publicações de artigos, decisões judiciais passaram a lembrar esse precedente e a função social da propriedade e da posse começou a adquirir um novo apoio. Assim, ao lado de muitas derrotas, alcançamos vitórias importantes, algumas até de renovada discussão dos tribunais em relação a esse gesto desesperado que o povo faz em defesa de sua vida, dignidade e cidadania, quando ocupa latifúndios mal utilizados ou até abandonados no campo e na cidade. Sempre se via como crime qualquer gesto de ocupação de terra, urbana ou rural, por parte do povo pobre. E por incrível que possa parecer, a reforma que se pretende no novo Código Penal irá colocar esse gesto de desespero de gente faminta e sem

também, *E assim surgiu Encruzilhada Natalino*, notícia publicada em 20-07-2008, disponível em <http://migre.me/MshO>. (Nota da IHU On-Line)

teto, como ato de terrorismo. Se isso passar no Congresso, assistiremos um retrocesso extraordinário em matéria de tratamento dos conflitos sociais ligados a terra.

E agora está chegando também a modificação do Código Florestal. Por mais que a presidente Dilma Rousseff tenha vetado uma série de dispositivos, a tendência do Congresso Nacional, sabidamente fiel à bancada ruralista, é de manter uma reforma que vai depredar nossa natureza, vai atacar nossos mananciais, tratando a terra como uma coisa de proprietário, somente, desconsiderando o fato de ser ela um bem garante de sustento e vida de todo o povo.

Trabalho com o povo

É claro que ainda estamos muito longe, seja por parte das/os juristas, seja das/os advogadas/os e juízas/es, de termos uma visão hierárquica dos direitos humanos exercendo preferência junto aos direitos patrimoniais. Por isso eu valorizo tanto aquele acórdão de uma Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, no caso da Fazenda Primavera, em Bossoroca.

Conflitos sociais como aquele, que sempre terminam em juízo, levaram minha filha Betânia, em 1996, a sugerir a criação, aqui em Porto Alegre, da ONG Acesso, Cidadania e Direitos Humanos, que se dedica, com a assessoria jurídica popular que presta às/aos pobres, à divulgação de seus direitos, por cartilhas e artigos em livros e redes sociais, de forma a fazer com que todo o fato ocorrido, seja na administração pública, no Legislativo ou no Judiciário, merecendo uma análise técnica, acadêmica ou com repercussão universitária, possa ser traduzido em linguagem acessível para esse mesmo povo. A Acesso não foi criada para trabalhar para o povo, mas sim com o povo. E isso tem clara inspiração na Teologia da Libertação³. Nosso

3 **Teologia da Libertação:** escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para

“Estabelecemos um diálogo com pastorais sociais, outras ONGs, sindicatos, partidos políticos, movimentos populares de perfil assemelhado ao do MST”

trabalho sempre teve uma grande inspiração evangélica. Estabelecemos um diálogo com pastorais sociais, outras ONGs, sindicatos, partidos políticos, movimentos populares de perfil assemelhado ao do MST.

Resistência popular

Costuma-se atacar quem trabalha como nós, em defesa dos direitos humanos, como gente atrasada, ideologicamente desorientada, que atrapalha o progresso impulsionado pelo capital globalizante. Isso está acontecendo agora em Porto Alegre, com a defesa que estamos fazendo das multidões pobres afetadas pelos megaeventos da Copa do Mundo. Estamos trabalhando em três áreas de Porto Alegre em que tais “investimentos” ameaçam seriamente o direito de moradia de milhares de famílias: no Morro Santa Teresa, na divisa Cristal e Tronco e na cabeceira do aeroporto, na chamada Vila Floresta. Sobre o que está acontecendo nesses locais, a mídia mostra que Porto Alegre irá viver uma verdadeira mudança para melhor em sua estrutura urbana. E pouco ou nada se fala a respeito do prejuízo que isso irá acarretar para as famílias que terão de ser transferidas do local onde residem, algumas há décadas.

download em <http://bit.ly/bsMG96>. (Nota da IHU On-Line)

Felizmente, o povo está obtendo algumas vitórias significativas nessa conjuntura jurídica. Por exemplo, uma área imóvel da Fase, situada no Morro Santa Tereza, na frente do estádio Beira-Rio, onde serão realizados alguns jogos da Copa, foi objeto de querela na administração do governo do estado que precedeu a atual, pois ela desejava vender ou trocar a mesma área. Para essa alienação de 75 hectares oferecia-se a justificava de obter recursos capazes de custear a descentralização da Fase. Nada contra descentralizar aquela unidade de prestação de serviço e humanizar a pena de crianças e adolescentes julgadas/os infratores. A Fase precisa disso, mas não à custa de moradia de pessoas que ali habitam. E o povo teve uma reação espetacular. Reuniu-se em assembleia no auditório Dante Barone, da Assembleia Legislativa e, na presença dos representantes do poder público de então, manifestou sua firme disposição de resistir. O governo viu-se compelido a abandonar a infeliz ideia. Esse exemplo está sendo seguido pela população das três áreas a que fiz referência, nas quais se acredita que nada ocorrerá sem sua audiência e respeito aos seus direitos como, aliás, determina expressamente o Estatuto da Cidade.

Tendência mercadológica

Quando há disposições legais que são favoráveis aos pobres, é preciso que elas sejam tão ou mais respeitadas do que quando defendem o direito patrimonial. Porque não é possível que esse mesmo Estatuto da Cidade, que prevê em seu artigo 2º, inciso XIII, a obrigatoriedade de a população residente em área urbana afetada por intervenção pública, ser ouvida, prossiga sendo desrespeitado. Não se lida com o povo como se lida com um imóvel, ou um animal. Tem que se lidar com o povo considerando sua dignidade, sua cidadania. E há, ainda, muitas outras disposições, como a Lei Orgânica do Município, a Constituição do Estado, a Constituição Federal, a Medida Provisória 2220 reconhecendo direitos a essas multidões pobres. Todas essas leis são simplesmente ignoradas sempre que o poder público pensa lidar com o destino do povo como se esse nada tivesse a dizer. O maior desafio

que o Direito enfrenta é o de garantir o exercício dos direitos humanos fundamentais sociais, previstos no Art. 6º da Constituição Federal. Alimentação, moradia, saúde, educação, transporte, segurança, lazer, trabalho, previdência social, são direitos que dependem da ação, e não da omissão do poder público. Entretanto, muito frequentemente são apagados e escondidos como inexistentes, quando entram em conflito com essa tendência mercadológica do tipo transformação da terra em pura mercadoria, como se um bem dessa espécie não constituísse fonte de vida para todas/os.

Efeitos dos golpes de estado sobre o povo e sua dignidade

O episódio de deposição do presidente Lugo repete, no Paraguai, o que já aconteceu no Brasil. Qualquer representante do poder público que se atreve a mexer no problema da terra, como ocorreu com Brizola e Jango, é confrontado pelos “terra-tenentes” que, com o poder extraordinário que têm nas mãos, imediatamente, sem respeito ao direito de defesa, tomam o poder. Lugo foi julgado em menos de 48 horas, sem condição de defesa de qualquer tipo. E isso tudo sob uma capa de constitucionalidade. Aí se passa a impressão de que a soberania do povo paraguaio foi respeitada porque o Parlamento votou esse golpe. Há uma clara diferença quando se interpreta uma lei em favor do capital, e quando se interpreta em favor dos pobres. O assim chamado “devido processo legal” sofre de uma discriminação histórica quando tramita tendo o pobre como investigado. Quase como regra ele é julgado como tendo desrespeitado esse tipo de processo. Quando é a representação do capital, todavia, que é posta sob suspeita, ultrapassa-se qualquer formalidade, como aconteceu no Paraguai. A reforma agrária lá pretendida por Lugo colocava essa representação no banco dos réus. Deu no que deu.

Nossa Constituição Federal em seu artigo primeiro afirma que o povo é soberano, como afirmava também a que estava em vigor quando Jango foi deposto. Ao que se saiba, o mesmo prevêem as constituições dos demais

“A dignidade humana não é uma coisa a ser atribuída pelos outros a cada pessoa. É algo a ser reconhecido, é intrínseco, inerente a cada ser humano”

países, inclusive os da América Latina. Um golpe de Estado, portanto, é uma clara violação desse princípio-direito, mas todas as ditaduras latino-americanas de fins do século passado condenaram-no, pela força, a letra morta e votaram constituições autoproclamadas como democráticas.

A necessidade de se reagir contra tal hipocrisia tem muito a ver com o nível de conscientização de todo o povo da América Latina, a “pátria grande”, como a denomina de forma certa Dom Pedro Casaldáliga⁴. E muito a ver com democracias como a nossa, quando esse regime se satisfaz apenas com as aparências do que sejam garantias de um direito efetivamente emancipatório. A Igreja, espe-

4 D. Pedro Casaldáliga: bispo prelado de São Félix, Mato Grosso. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Félix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena à terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da *IHU On-Line*, de 18 de abril de 2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*. A edição 89, de 12 de janeiro de 2004, trouxe entrevista com o religioso, falando sobre a homologação de terra contínua para índios. (Nota da *IHU On-Line*)

cialmente a partir das Conferências de Medellín e Puebla, fez toda uma auto-análise do seu trabalho e, pelo menos nos documentos relativos às suas conclusões, tomou posição em favor dos pobres sempre que esse fingimento se exhibe como legítimo. É preciso que se atente muito para esse fato, valorizando as relações que o direito mantém com a moral, sem respeito das quais a corrupção política se torna endêmica, fiel a quem tem poder econômico para mandar sem aparecer. A dignidade humana não é uma coisa a ser atribuída pelos outros a cada pessoa. É algo a ser reconhecido, é intrínseco, inerente a cada ser humano. O paradigma do respeito devido a sua presença na lei, então, não pode nem deve ser o mesmo que trata dos direitos patrimoniais.

Dilma e a reforma agrária

Confesso minha admiração pelas medidas do governo na área social, com a criação de políticas compensatórias como foi a do Fome Zero, como é a do Bolsa Família, o Minha Casa, Minha Vida. Penso constituírem-se em políticas públicas emergenciais e necessárias, diante da pobreza e da miséria de milhões de brasileiras/os. Em matéria de reforma agrária, porém, o atraso na sua execução é inaceitável. Há um esvaziamento notável do *Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária* – Incra, para o qual faltam mínimas condições de cumprir a missão que lhe foi confiada. Como todo o povo sem terra do país, estou muito decepcionado com o poder Executivo da União. O Incra está completamente sucateado. A procuradoria jurídica desse órgão, no Rio Grande do Sul, por exemplo, está muito desfalcada. Gente que trabalhava com as desapropriações de imóveis rurais foi deslocada para a Advocacia Geral da União – AGU, e “gente histórica”, diga-se de passagem, que estava aí há anos. A impressão que se retira disso, pelo menos à vista do que acontece no Rio Grande do Sul, é que os direitos humanos fundamentais dos sem-terra não são considerados prioridade pelo governo Dilma.

A economia solidária criminalizada por ser diferente da capitalista

Desde que o Fórum Social Mundial ocupou Porto Alegre pela primeira vez, o empenho por “um outro mundo possível” passou a defender uma economia solidária bem diferente da capitalista. Proposta defendida por movimentos sociais da mais variada espécie, lutando em favor de uma justiça social efetivamente distributiva, tem atraído para eles condenação irada, deboche e violência repressiva. O pior é que, em nome de uma certa governabilidade, mantém-se um grau de intervenção pública na terra que não fira a conveniência e a suscetibilidade dos “terra-tenentes”, como os latifundiários são chamados na América Latina, Daí a uma criminalização generalizada dos movimentos sociais vai um passo apenas, pois o avanço de transnacionais sobre o território do país não tem como prioridade saciar a fome do povo, respeitar a biodiversidade e o meio ambiente defendidos por aquelas organizações populares. Assim que elas tomam pé, toda a reação contrária é vista como crime. MST, Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, Movimento dos Pequenos Proprietários – MPA, Movimento das Mulheres Camponesas – MMC, Comissão Pastoral da Terra – CPT e outras organizações do povo veem seus integrantes comparecendo aos tribunais para responder por qualquer atitude que tenham tomado contra essa – aí sim – invasão estrangeira. Assim como os indígenas e os quilombolas, aquela gente toda ainda sofre um patrulhamento e uma crítica severa de grande parte da mídia financiada por esse tipo de capital.

Há um autor português que nos visita regularmente e a quem admiro muito, Boaventura de Sousa Santos⁵,

5 Boaventura de Sousa Santos (1940): doutor em sociologia do direito pela Universidade de Yale e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. É um dos principais intelectuais da área de ciências sociais, com mérito internacionalmente reconhecido, tendo ganho especial popularidade no Brasil, principalmente, depois de ter participado nas três edições do Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Confira a entrevista especial concedida por Boaventura às *Notícias do Dia* do IHU, em 30-01-2010, disponível em <http://migre.me/2K7Hy>, intitulada *O Fórum Social Mundial desafiado por novas perspectivas*. (Nota da IHU On-Line)

“Há um esvaziamento notável do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra, para o qual faltam mínimas condições de cumprir a missão que lhe foi conferida”

que afirma criar-se em relação a esse povo a “sociologia das ausências”, uma espécie de cortina capaz de separá-lo a ponto de ser considerado inexistente. Daí a dificuldade de se aceitar tal conjuntura, ainda mais sabendo-se ser esse mesmo povo pobre que nos alimenta, retirando nosso pão da pequena propriedade familiar. Às vezes, não consegue cobrir nem o custo da sua produção. Essa realidade não tem passado despercebida pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do Estado, nem quanto o governo do estado que o tem ouvido, a respeito – isso é necessário reconhecer – quer valorizar a economia solidária e a as pequenas propriedades rurais. Os seminários que estão sendo realizados no interior do Estado, para audiência direta de seus proprietários e discussão das soluções possíveis para os seus problemas, a atenção às cooperativas, especialmente as pequenas, inclusive as que fornecem energia, as medidas do RS mais igual e do RS mais renda, o apoio às obras e serviços indispensáveis à melhoria das condições de vida das famílias assentadas pela reforma agrária testemunham esse esforço.

A necessidade de se criar um bode expiatório

O bode expiatório de hoje, no Brasil, é a/o pobre. René Girard⁶, examinando vários episódios historiados na Bíblia, mostra como a violência presente no comportamento de alguém precisa de um bode expiatório no qual possa descarregar todo o peso da má consciência que tenha sobre sua própria responsabilidade nas relações sociais que estabelece. Então, tudo aquilo que não queremos enfrentar, como é o caso da eficácia dos direitos humanos em favor das/os pobres, precisa encontrar uma motivação que crie um juízo de valor negativo contra elas/ eles. Aí, ele é marcado socialmente como mau, viciado, bêbado, vagabundo e preguiçoso. É evidente que existem pessoas aproveitadoras no meio dos mais pobres – mas isso existe em todas as classes sociais. Paulo Freire⁷, como se sabe, ensina que o opressor mora dentro do oprimido, o que nos

6 René Girard (1923): filósofo e antropólogo francês. Partiu para os Estados Unidos para dar aulas de francês. De suas obras, destacamos *La Violence et le Sacré (A violência e o sagrado)*, *Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde (Das coisas escondidas desde a fundação do mundo)*, *Le Bouc Émissaire (O Bode expiatório)*, 1982. Todos esses livros foram publicados pela Editora Bernard Grasset de Paris. Ganhou o Grande Prêmio de Filosofia da Academia Francesa, em 1996, e o Prêmio Médicis, em 1990. O seu livro mais conhecido em português é *A violência e o sagrado* (São Paulo: Perspectiva, 1973). Sobre o tema desejo e violência, confira a edição 298 da revista *IHU On-Line*, de 22-06-2009, disponível em <http://bit.ly/doOmak>. Leia, também, a edição especial 393 da *IHU On-Line*, de 21-05-2012, sobre o pensamento de Girard, intitulada *O bode expiatório, o desejo e a violência* (Nota da IHU On-Line)

7 Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No *II Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, do dia 30-09-2004, o professor Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou o livro *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 117ª edição, de 27-09-2004. Confira, ainda, a edição 223 da revista *IHU On-Line*, de 11-06-2007, intitulada *Paulo Freire. Pedagogo da esperança*, disponível para download em <http://migre.me/2peDT>. (Nota da IHU On-Line)

ajuda a compreender a atitude de muita gente, não só a das pessoas carentes. Daí a se esconder o quanto a estrutura de opressão é geradora de pobreza prova em que extensão a realidade social pode ser manipulada, a ponto de se admitir pobreza e miséria como coisa “normal”. Entretanto – nem há novidade nisso – com raras exceções, o pobre não é pobre, ele é empobrecido por força de todo o modo de produção capitalista que temos, indiferente ao respeito devido às pessoas e à natureza.

Constitui álibi oportunista contra essa constatação sociológica o argumento segundo o qual a economia socialista é pior. Será? Se o bode está aqui ou lá, o que parece indispensável é afastar-se uma saída escapista que pode estar na base dessa discussão e partir-se para um modelo de economia solidária como aquele proposto pelo Fórum Social Mundial.

Juiz, um servidor público

Quando insisto em relembrar o conflito histórico que se repete entre direitos humanos fundamentais e direitos patrimoniais, falo sobre a dificuldade que os primeiros têm, novamente em questões relacionadas com a terra, em se valer do Judiciário. Em geral, a/o pobre conhece a/o delegada/o de polícia, mas não conhece o/a juiz/a, pois este/a, exceções à parte, muitas vezes entende o exercício do poder próprio da autoridade como aquele que deve manter distância do povo. Não faltam reações contra esse tipo de atitude. Militantes de defesa dos direitos humanos, movimentos organizados sob ideários emancipatórios do tipo “direito alternativo”, e “direito achado na rua”, entre outros, com críticas fundamentadas, especialmente endereçadas ao positivismo jurídico, mesmo considerados por juristas de nomeada, empenham-se em mudar esse tipo de postura. Graças a eles, entretanto, boa parte de juízas/es começa a se dar conta de que alguns paradigmas de interpretação dos fatos, das leis e do direito estão viciados por uma cultura jurídica de opressão e preservação de injustiça social, que pode ser vencida. O direito achado na rua⁸, por

8 Sobre o direito achado na rua, confira a

“O bode expiatório de hoje, no Brasil, é a/o pobre”

exemplo, a partir da Universidade de Brasília, graças ao apoio que recebe do seu reitor José Geraldo de Souza Jr.⁹, conta com divulgação e capilaridade capaz de ouvir e defender vítimas de injustiças históricas, aprofundar estudos sobre assessoria jurídica popular, estabelecer um diálogo crítico com toda a sociedade, identificar causas de desigualdade social disfarçadas em leis interpretadas como justas, mas de aplicação injusta. Sempre que o/a juiz/a não toma consciência de que o argumento de autoridade não pode substituir a autoridade do argumento, acaba por trair a própria razão de ser do serviço que deve ao povo.

Friedrich Miller escreveu um livro a que deu o título de *Quem é o povo*, no qual ele mostra que grande parte das decisões judiciais se inspira em posições hermenêuticas que obedecem não aos códigos, mas a um “metacódigo”, algo que está acima deles, uma cultura dominante, ideologicamente acomodada para “não se envolver”, frequentemente preconceituosa. Não há dúvida de que a/o pobre é uma vítima costumeira desse tipo de decisões.

Acerto de contas com o passado

Em função da delimitação dada à Comissão da Verdade, pela lei que a

edição 305 da IHU On-Line, de 24-08-2009, intitulada O direito achado na rua. Alguns apontamentos, disponível em <http://bit.ly/NXjd0s>. (Nota da IHU On-Line)

⁹ José Geraldo de Souza Jr.: professor e reitor da Universidade de Brasília - UNB, advogado graduado pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal, mestre em Direito pela Universidade de Brasília e doutor em Direito (Direito, Estado e Constituição) pela Faculdade de Direito da UnB. Atualmente é membro de associação corporativa da Ordem dos Advogados do Brasil. Confira a entrevista Princípios de uma organização social da liberdade concedida à edição 305 da revista IHU On-Line, de 24-08-2009, disponível em <http://bit.ly/P96uFs>. (Nota da IHU On-Line)

criou, ela pode pouco. Por isso estão sendo criadas em cada estado comissões semelhantes, como já aconteceu aqui no Rio Grande do Sul, visando empoderar a capacidade de investigação e de responsabilização das pessoas que patrocinaram as atrocidades praticadas durante a ditadura. As próprias vítimas daquele regime estão se organizando para isso, mas passados tantos anos desde a prática daqueles crimes, esperava-se mais. A Comissão de Anistia com as indenizações que já determinou pagar tem dado às famílias dos desaparecidos e mortos pelo regime militar ao menos algum sinal de que o país lhes deve desculpas pelos males que praticou. Os países vizinhos ao Brasil já acertaram as contas com seu passado. Nós ainda não. Manter nomes de ditadores em logradouros públicos e outras homenagens desse tipo, por exemplo, só contribui para acentuar essa vergonha. É difícil se encontrar algum monumento que valorize quem reagiu contra a opressão. A história vai mantendo, assim, um perfil oficialista de apoio à violência praticada no passado.

Monocultivo do eucalipto

A pretexto de se estimular a silvicultura, o bioma Pampa¹⁰ está sendo invadido pelo eucalipto e o papel da árvore substituído pela árvore capaz

¹⁰ **Bioma pampa:** nome de origem quechua genericamente dado à região pastoril de planícies com coxilhas, entre o estado brasileiro do Rio Grande do Sul, as províncias argentinas de Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Entre Ríos e Corrientes e a República Oriental do Uruguai. É também chamada de campos sulinos. Ecologicamente, é um bioma caracterizado por uma vegetação composta por gramíneas e plantas rasteiras, sendo encontradas algumas árvores e arbustos próximos a cursos d'água, que não são abundantes. Comparados às florestas e às savanas, os campos têm importante contribuição na preservação da biodiversidade, principalmente por atenuar o efeito estufa e auxiliar no controle da erosão. Sobre o pampa, confira a edição 247 da IHU On-Line, de 10-12-2007, intitulada *O Pampa e o monocultivo do eucalipto*, disponível em <http://bit.ly/tcF9AS>. Outro tema afim é tratado na edição 183, de 05-06-2006, *Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa*, disponível em <http://bit.ly/bUgV2J>. Leia, também, a edição 27 do *Cadernos IHU Em Formação*, cujo título é *Monocultura do eucalipto. Deserto disfarçado de verde?*, disponível em <http://bit.ly/K10jgE>. (Nota da IHU On-Line)

de se transformar em papel. Biólogos e agrônomos advertem ser esse bioma único no mundo. Isso tem sido desconsiderado por grupos econômicos transnacionais, empenhados em montar empresas gigantescas, de fachada, passando por ser brasileiras e assim burlando as leis que defendem nossas áreas de fronteira. Tramitam projetos de lei no Congresso nacional visando até diminuir o tamanho da faixa de fronteira, para que empreendimentos desse tipo possam eliminar toda a biodiversidade ali presente. Isso mostra o quanto a soberania do povo é obrigada a ceder diante do interesse mercantil dessas transnacionais como a Aracruz, a Stora Enzo e a Votorantim.

Decepção

Não se pode negar que há um progressivo descrédito da sociedade civil na política e nos políticos. Por mais que os programas dos partidos se digam fiéis à democracia, às ações em defesa da cidadania e da dignidade humana, na prática a disputa do poder pelo poder faz esquecer esse ideário. Em época de eleição, essa distorção se acentua de maneira inaceitável. Em nome da vitória, assiste-se a uma promiscuidade de alianças as mais inconcebíveis entre partidos de programas diferentes e até contrários entre si. Quando um partido político vive em função somente da eleição, em vez de ajudar, ele só atrapalha o eleitorado. Divide e separa o povo não em função dos seus direitos e dos seus interesses, mas sim de conveniências casuísticas e temporárias que, amanhã, vão mudar de novo. Nisso desfaz instâncias históricas construídas por outras organizações populares. Aliás, o apetite que demonstra para “faturar” alguma conquista popular assemelha-se a uma verdadeira apropriação indébita. Não por acaso, a demora em se dar andamento, no Congresso Nacional, às leis indispensáveis para uma reforma política comprova a resistência mantida por tais vícios. Felizmente, existem valiosas exceções a tal tipo de comportamento, como aquela de a/o eleita/o tratar o seu mandato como imperativo, prestando contas periodicamente ao seu eleitorado quanto àquilo que está fazendo ou deixando de fazer em seu favor.

“O pobre não é pobre, ele é empobrecido por força de todo o modo de produção capitalista que temos, indiferente ao respeito devido às pessoas e à natureza”

Autores favoritos

Devo muito a autores que, direta ou indiretamente, me ajudam a prestar os meus serviços profissionais. Do ponto de vista estritamente jurídico, me inspiram de modo particular as/os advogadas/os e juristas que sofreram na época do regime militar e que não cederam um centímetro na defesa dos direitos humanos, desde Raymundo Faoro, Fábio Konder Comparato, Hélio Bicudo, Dalmo Dallari. Aprendo muito com gente aqui do Estado. Ernildo Stein, Lenio Streck (a quem devo a orientação na minha dissertação de mestrado), Eugenio Facchini Neto, Ingo Wolfgang Sarlet, Rui Portanova, Carlos Alberto Alvaro de Oliveira, José Carlos Moreira da Silva Filho, Tarso Genro, Ruy Rosado de Aguiar Junior, Betânia de Moraes Alfonsin, entre outras/os, publicaram livros e artigos que servem de sólido apoio para o meu trabalho. Dos que já faleceram, não posso deixar de lembrar Ruy Cirne Lima, Ovidio Araujo Baptista da Silva e Ernani Maria Fiori.

Leio e aprendo muito também com autores de outros estados dedicados não só ao direito como à filosofia, à sociologia e à ética. Lembro João Baptista Herkenhoff, José Geraldo de Sousa Junior, Carlos Frederico Marés, Luiz Edson Fachin, José Eduardo Faria, José Reinaldo de Lima Lopes, Pau-

lo Bonavides. Dos estrangeiros, dou muita atenção à obra de Boaventura de Sousa Santos, José Joaquim Gomes Canotilho, Peter Haberle, Antonio Castanheira Neves, Norberto Bobbio, Stefano Rodota, Luigi Ferrajoli, Pietro Barcelona, Pietro Perlingieri, Maria José Añon Roig, Agnes Heller, Hannah Arendt, Juan Ramon Capella. Leituras que dão valiosa sustentação aos direitos humanos são as dos teólogos da chamada teologia da libertação, como, entre outros, os irmãos Boff, Frei Betto, Gustavo Gutiérrez, Oscar Romero, Pedro Casaldaliga, Tomás Balduino, Inacio Ellacuría, Jon Sobrino, Luiz Carlos Susin, José Comblin, Enrique Dussel, José Antonio Pagola, Carlos Mesters e Jung Mo Sung.

Leia mais...

>>Confira outras entrevistas

concedidas por Jacques Távora

Alfonsin à IHU On-Line:

- *Código Penal e a justiça social. Entrevista com Jacques Távora Alfonsin. Notícias do Dia* 07-08-2012, disponível em <http://bit.ly/PCbVem>
- *Plano de Sustentabilidade Financeira. A proposta de Tarso Genro. Entrevista especial com Jacques Alfonsin. Notícias do Dia* 07-06-2011, disponível em <http://bit.ly/PyUxeG>
- *Da sociedade para o governo: os caminhos do Conselho do Tarso. Entrevista especial com Jacques Alfonsin. Notícias do Dia* 04-02-2011, disponível em <http://bit.ly/NARoNa>
- *Reforma agrária e limitação da propriedade: requisitos para justiça no campo. Entrevista especial com Jacques Alfonsin. Notícias do Dia* 16-08-2010, disponível em <http://bit.ly/Scyb3J>
- *Violência contra os movimentos sociais. Entrevista especial com Jacques Alfonsin. Notícias do Dia* 20-02-2009, disponível em <http://bit.ly/Oswk8G>

Entrevista de Eventos

“Sou mais feliz quando estou de bici”

Na opinião de Marcelo Sgarbossa, o lema da felicidade, hoje, deveria ser “trabalhe menos, com prazer e mais devagar – consuma menos, com prazer, e mais devagar, e viva melhor, com prazer e viva mais”

POR GRAZIELA WOLFART

Você ou alguém do seu convívio costuma usar a bicicleta como meio de transporte ou até eventualmente para um passeio ao ar livre? Na cultura do automóvel, é cada vez mais raro pessoas que redescubram o prazer de pedalar. Pois esse é justamente o tema da fala de Marcelo Sgarbossa: “Mobilidade urbana: a bicicleta como meio de transporte sustentável”. Ele estará na próxima quinta-feira, dia 23 de agosto, das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU abordando o assunto, sobre o qual concedeu a entrevista a seguir para a **IHU On-Line**, por e-mail. O advogado e professor universitário defende que a bicicleta é um meio de transporte sustentável por vários motivos. “O principal talvez seja, além do não uso de combustíveis, o fato de ser o meio de transporte mais eficiente que existe: o ciclista se movimenta levando consigo cerca de 10 kg, enquanto que, para transportar uma pessoa, o automóvel precisa gerar energia para mover uma tonelada. A bicicleta também é sustentável do ponto de vista econômico, social e até emocional”. E lamenta: “infelizmente, no Brasil, ainda não chegamos ao fundo do poço em termos de mobilidade urbana. Com o incen-

tivo à compra de automóveis as cidades vão ficar ainda mais caóticas e poluídas. Precisamos de gestores que tenham visão de futuro e comecem a realizar políticas de desestímulo ao uso do automóvel e incentivo ao transporte coletivo – com energias limpas – e ao uso da bicicleta”.

Marcelo Sgarbossa possui graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, é mestre em Análise de Políticas Públicas pela Universidade de Turim, Itália, e doutorando em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Atualmente é corregedor geral da Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) do Rio Grande do Sul e diretor do Laboratório de Políticas Públicas e Sociais – LAPPUS, de Porto Alegre (www.lappus.org). Advogado e professor universitário, Sgarbossa tem trajetória acadêmica e profissional marcada pelo estudo e militância em Direitos Humanos e Políticas Públicas. Integra o movimento Massa Crítica Porto Alegre, que incentiva o uso da bicicleta. Mais informações em <http://massacriticapoa.wordpress.com/>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais os elementos que fazem da bicicleta um meio de transporte sustentável?

Marcelo Sgarbossa – A bicicleta é um meio de transporte sustentável por vários motivos. O principal talvez seja, além do não uso de combustí-

veis, o fato de ser o meio de transporte mais eficiente que existe: o ciclista se movimenta levando consigo cerca de 10 kg, enquanto que, para transportar uma pessoa, o automóvel precisa gerar energia para mover uma tonelada. A bicicleta também é sustentável do

ponto de vista econômico, social e até emocional.

IHU On-Line – Qual o incentivo que os governos e as políticas públicas na área do transporte oferecem para o uso da bicicleta como meio de transporte?

Marcelo Sgarbossa – Os governos – e, portanto, as políticas públicas – estão voltados para a cultura “carro-cêntrica”. Não é só no Brasil que isso ocorre. Ou seja, ter um carro é um símbolo de status social e pertencimento ao grupo que supostamente “venceu na vida”. Uma visão equivocada e que não combina com uma justiça da ocupação dos espaços públicos, tão necessária nos dias atuais. Em razão disso, as políticas públicas nesta área são pífias: as poucas ciclovias existentes são voltadas apenas para o lazer, revelando a ultrapassada concepção da bicicleta como um brinquedo. E onde as ciclovias não são para lazer, são feitas “para não atrapalhar os carros”. Ciclovias em cima das calçadas, ciclovias nos canteiros, e assim por diante.

IHU On-Line – Qual a segurança que os cidadãos brasileiros e gaúchos dispõem no trânsito quando se locomovem como ciclistas?

Marcelo Sgarbossa – Em termos percentuais, há poucos acidentes com ciclistas. Mas as pessoas não são números. A maioria dos motoristas respeitam os ciclistas, mas se apenas um desrespeitar, as consequências podem ser graves. Lei já existe: o Código de Trânsito Brasileiro, em seu artigo 201, exige que o motorista passe a, pelo menos, 1,5m de distância do ciclista. Eu não me sinto ameaçado quando ando no trânsito de Porto Alegre, mas isso é um sentimento individual, e não pode servir como regra geral. Lembrando que fui ciclista profissional de competição no passado, e por isso não sirvo como parâmetro, pois já me acostumei a andar no trânsito.

IHU On-Line – Em que ambientes o uso da bicicleta é mais recomendável e até viável?

Marcelo Sgarbossa – A lógica do compartilhamento da via é a correta. Nesse sentido, as ciclovias são um mal necessário, pois causam uma segregação. No contexto histórico atual, eu recomendaria o uso da bicicleta em ciclovias ou em grupos. Em alguns países há incentivo para as pessoas irem traba-

“Tenho usado o meu automóvel como exceção, não como regra”

lhar de “bici”, combinando com outros colegas de trabalho. Isso já ocorre aqui em Porto Alegre, tornando o grupo mais visível e, portanto, mais seguro.

IHU On-Line – Como entender a cultura de fomento ao uso do automóvel aqui no Brasil?

Marcelo Sgarbossa – Há que se admitir que o automóvel é um bem maravilhoso. Eu tenho um e é muito útil em certos momentos. Mas procuro não utilizar no dia a dia. Ou seja, tenho usado o meu automóvel como exceção, não como regra. No Brasil, a ideia de velocidade esteve sempre associada com virilidade, riqueza, emoção. As mortes nas estradas e o sofrimento já deveriam ter sensibilizado os legisladores para restringir a todo tipo de imagem que traga esta falsa ideia de que velocidade é um bem. Uma vida baseada no *fast food* é uma vida infeliz. O lema da felicidade, hoje, deveria ser “trabalhe menos, com prazer e mais devagar – consuma menos, com prazer, e mais devagar, e viva melhor, com prazer e viva mais”.

IHU On-Line – Em que sentido podemos aprender com a experiência europeia de uso da bicicleta como meio de transporte?

Marcelo Sgarbossa – A Europa tem toda uma tradição com o uso da bicicleta. Mesmo assim, na Holanda, por exemplo, as ciclovias só foram feitas depois de muito ativismo, em especial de mães que tiveram seus filhos mortos no trânsito. Infelizmente, no Brasil, ainda não chegamos ao fundo do poço em termos de mobilidade urbana. Com o incentivo à compra de automóveis as cidades vão ficar ainda mais caóticas e poluídas. Precisamos de gestores que tenham visão de fu-

turo e comecem a realizar políticas de desestímulo ao uso do automóvel e incentivo ao transporte coletivo – com energias limpas – e ao uso da bicicleta.

IHU On-Line – Quais as novidades do trabalho da Massa Crítica Porto Alegre? O que de mais rico e interessante o grupo tem conseguido realizar?

Marcelo Sgarbossa – A Massa Crítica é uma celebração da vida, da liberdade e da ocupação dos espaços públicos pelas pessoas. É maravilhoso poder pedalar por Porto Alegre num grupo de mais de mil pessoas. É como se você sentisse, ao menos uma vez por mês, ao menos por duas horas, que a cidade foi feita para as pessoas, não para as máquinas. Mas a Massa não é um movimento ou uma organização. Não há reuniões da Massa, líderes ou algo assim. O que há são associações de ciclistas como a Mobicidade e ciclistas militantes, os chamados “cicloativistas”, que lutam por direitos de todos e por uma nova visão de cidade. Estes grupos já conseguiram muitas coisas: ações judiciais em favor das ciclovias, cooperação com o Detran para políticas voltadas para o uso da bicicleta; cooperação para ensinar outras pessoas a andar de bicicleta (Escola da Bicicleta), cooperação para aprender a arrumar a própria bicicleta (Oficina Comunitária); acompanhamento de pessoas que têm medo de andar no trânsito (bicianjo); discussões sobre feminismo (As Cíclicas); pressão sobre os gestores para realização de políticas mais eficientes e adequadas e assim por diante. Mas é preciso lembrar sempre que, se a Massa é celebração, tem que celebrar. As festas organizadas por pessoas que participam da Massa Crítica são ótimas.

IHU On-Line – O senhor costuma usar a bicicleta em seu cotidiano? Em que situações?

Marcelo Sgarbossa – Sim, eu uso todos os dias, salvo quando chove ou tenho que carregar algo que a bici não comporta. Vou para o trabalho, dou aula na faculdade, vou ao Fórum. Enfim, sou mais feliz quando estou de bici.

Petronila Libana Cechin

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“Sou determinada e exigente comigo mesma e na minha profissão, porque, como profissional que lida com a saúde do ser humano, isso me impõe uma responsabilidade muito grande. Essa responsabilidade também está presente junto dos alunos, uma vez que auxilio na formação ética e profissional de qualidade desses futuros profissionais que irão lidar com seres humanos fragilizados em sua saúde”, frisa a professora do curso de Enfermagem Petronila

Libana Rauber Cechin, em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**. De bem com a vida, a docente, que trabalha há 38 anos nesta instituição, se diz contente, pois tudo aquilo que é e possui são conquistas que realizou, porque sempre colocou um foco em sua vida. Seu maior sonho é que a pobreza neste mundo possa se extinguir aos poucos. “Que as pessoas possam ter o pão de cada dia. E que exista um pouco mais de paz entre os povos.” Conheça um pouco mais sua história de vida.

Origem – Nasci dia 29 de junho de 1942. Tenho 70 anos. Sou de uma família de origem alemã. Nasci num distrito chamado Vigia, que pertence ao município de São Sebastião do Caí. Minha família é de lá. Meus pais são falecidos. Minha mãe faleceu há 35 anos, com 66 anos. E meu pai morreu há dois anos, com 97 anos, muito lúcido. Ele se coordenava sozinho. O grande hobby dele, nos últimos anos, era jogar carta e ler jornal em alemão, que era editado em São Paulo. Era um jornal bem compacto, ocupando praticamente a semana para a leitura. Na realidade, se ele não tivesse tido uma queda, provavelmente estaria vivo ainda hoje, porque era muito saudável.

Vida pessoal – Sou casada. Meu marido, Ademar Rossi Cechin, é autônomo. Moramos em Porto Alegre. Temos duas filhas: Cláudia, fonoaudióloga, concursada pela Secretaria de Saúde de Bom Princípio, e Giovana, farmacêutica, que fez pós-graduação na Universidade de São Paulo – USP.

Atualmente ela trabalha em uma empresa que elabora vacinas contra o câncer, aqui em Porto Alegre. Tenho uma irmã, Zita Maria Rauber Pedrotti, que é professora aposentada; e dois irmãos, sendo que o mais velho, Arcênio Inácio, faleceu há um ano, e Vicente José Rauber é engenheiro e atualmente é diretor financeiro da Refinaria em Canoas – Refap.

Incentivo – Meus pais sempre incentivaram meus irmãos e a mim para prosseguir os estudos. Tanto assim que todos nós somos formados. Então, com 13 anos, após concluir o primário (hoje fundamental) vim para São Leopoldo estudar no Colégio São José, fazer o Ginásio e em seguida cursei contabilidade no Colégio São Luiz, em São Leopoldo, como segundo grau, o que hoje corresponde ao ensino médio.

Formação – Fiz Enfermagem na Faculdade de Enfermagem Madre Anna Möller, pertencente às Irmãs Franciscanas, em Porto Alegre. Essa

Faculdade foi integrada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos em 1974, o que constitui hoje o Curso de Graduação em Enfermagem – Unisinos. Em seguida, realizei um curso de especialização em Enfermagem Obstétrica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e, como fui convidada para lecionar no curso de auxiliar de enfermagem, que hoje são técnicos de enfermagem, percebi que tinha uma boa formação técnico-científica na área, mas me faltava uma formação pedagógica. Então, busquei o Curso de Licenciatura Plena na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Mestrado – Posteriormente, com a exigência das universidades, que precisavam de mestres e doutores, fiz mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, na área da Saúde da Mulher. Na verdade, nos anos 1970 fui selecionada para uma vaga no mestrado na UFRGS, mas como eu era mais jovem, meu foco no momento não era exatamente prosseguir



os estudos e sim viajar. Então, realizei uma viagem para a Europa.

Academia – Entrei em 1974 na Unisinos, portanto, trabalho há 38 anos nesta instituição, no Curso de Enfermagem. Minhas disciplinas sempre eram voltadas para a área da saúde da mulher, e na área da neonatologia. Lecionei também no curso de Biologia, na disciplina anatomia humana, na Unisinos e na UFRGS, como professora substituta, na saúde da mulher. Em 1994, fui eleita pelo colegiado do curso chefe de departamento, cujo cargo foi extinto em 1995, quando, então, a Unisinos criou as equipes de coordenadores. A partir daquela data até hoje componho a equipe de coordenação do Curso de Graduação em Enfermagem. Além disso, desde 1991, coordeno o Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica, que se encontra hoje na décima edição.

Atuação na enfermagem – Na minha trajetória profissional, além de docente, também trabalhei com enfermeira assistencial, sempre na área da neonatologia e da obstetria. Concursada pelo Ministério Exército e pelo Instituto Nacional de Previdência Social – INPS, atuei em diferentes períodos no Hospital do Exército e no

Hospital Presidente Vargas, ambos em Porto Alegre. Também atuei na área privada como enfermeira obstétrica no Hospital Ernesto Dornelles. Além da área hospitalar, fui concursada pela Secretaria da Educação, atuando na equipe de profissionais da saúde prestando atendimento às crianças e adolescentes da rede escolar do Estado, em Porto Alegre.

Lazer – Gosto de ler. Cinema. Viagem.

Livro – Gosto de livros que contem a história da vida das pessoas e da cultura dos povos. Esses são dois focos que sempre procuro nas minhas leituras.

Filme – Seguem praticamente a mesma linha dos livros. Não gosto dos que têm guerra e violência; prefiro algo mais alegre e humorístico.

Religião – Sou católica. Eu construí minha espiritualidade na fé, pois temos momentos em nossa vida que são difíceis e são nestes momentos que a fé nos ilumina e nos dá o norte. Ela nos dá forças para podermos atravessar essas dificuldades. Nesse sentido, tenho uma frase que para mim é impactante – quando, humanamen-

te, tudo parece impossível, cito que “Deus Proverá”.

Sonho – Que a pobreza neste mundo possa se extinguir aos poucos. Que as pessoas possam ter o pão de cada dia, no sentido mais amplo. E que exista um pouco mais de paz entre os povos.

Música – Gosto de clássicas e populares com cunho alegre. A música me dá paz e me eleva, deixa o ambiente leve, alegre.

Unisinos – É uma extensão da minha família. Na realidade, se eu for fazer os cálculos, grande parte das horas de minha vida aconteceram dentro da Unisinos. Ela representa para mim uma instituição onde cresci muito, profissional e pessoalmente. É um lugar que me ofereceu muita oportunidade, tanto na minha vida profissional como na minha vida pessoal. Tenho um grande carinho e agradecimento por esta instituição, porque ela apostou e confiou na Libana, tanto como docente quanto como coordenadora, uma vez que estou há muitos anos na coordenação. Vir para a Unisinos para mim sempre é um prazer, porque aqui temos um excelente ambiente de trabalho e pessoas que colaboram muito umas com as outras – aqui, criamos verdadeiros amigos.

IHU – É um veículo muito importante e que projeta a Unisinos para fora dos seus muros, porque seleciona pessoas que trazem conhecimentos muito interessantes e importantes, ampliando os conhecimentos das pessoas que acompanham sua trajetória.

Bicicleta como meio de transporte sustentável

Você ou alguém do seu convívio costuma usar a bicicleta como meio de transporte ou até eventualmente para um passeio ao ar livre? Na cultura do automóvel, é cada vez mais raro pessoas que redescubram o prazer de pedalar. Pois esse é justamente o tema da fala de Marcelo Sgarbossa: “Mobilidade urbana: a bicicleta como meio de transporte sustentável”. Ele estará na próxima quinta-feira, dia 23 de agosto, das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU, abordando o assunto, sobre o qual concedeu uma entrevista publicada na presente edição da IHU On-Line.



O desafiador debate entre fé e ciência



O que esperar de um embate entre fé e ciência? Uma tem algo a contribuir com a outra, ou são apenas elementos opostos diante dos fenômenos da vida?

Aos interessados e às interessadas, a Unisinos será o espaço da palestra *Fé e ciência: um diálogo*

possível?, no próximo dia 3 de outubro, às 19h30min. Será um debate entre o Prof. Dr. Marcelo Gleiser, do Dartmouth College – Hanover/EUA e o Prof. Dr. George Coyne, do Vatican Observatory, University of Arizona/EUA. A atividade integra a programação do *XIII Simpósio Internacional IHU - Igreja, Cultura e Sociedade*. A *semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica*, que ocorre de 2 a 5 de outubro de 2012.

Mais informações em <http://bit.ly/KRIwI8>

Ciclo de Estudos sobre Sociedade Sustentável

Com o objetivo de refletir sobre as perspectivas de emergência de uma sociedade sustentável, no sentido de evidenciar, teoricamente, a necessidade de um novo paradigma civilizacional, prospectando alternativas sustentáveis de organização social e econômica, capazes de contribuir à sustentabilidade do Planeta e da sociedade, o IHU promove o *Ciclo de Estudos em Educação a Distância (EAD) – Sociedade Sustentável*. O primeiro módulo inicia hoje, dia 20 de agosto e vai até o dia 08 de setembro, com o tema “O estado atual da crise civilizacional: onde estamos?”. Mais informações podem ser obtidas em <http://bit.ly/NWRJvc>

